Marcos Geraissate Gorenstein

JOÃO E O VÍCIO: POR ENTRE O *CUIDAR DE SER*

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

São Paulo

2013

Marcos Geraissate Gorenstein

JOÃO E O VÍCIO: POR ENTRE O *CUIDAR DE SER*

(Versão Original)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Henriette T. P. Morato

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

São Paulo

2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gorenstein, Marcos Geraissate.

João e o vício: por entre o cuidar de ser / Marcos Geraissate Gorenstein; orientadora Henriette Tognetti Penha Morato. -- São Paulo, 2013.

116 f.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Vício 2. Drogas 3. Fenomenologia existencial 4. Narrativa I. Título.

HV5801

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marcos Geraissate Gorenstein

JOÃO E O VÍCIO: POR ENTRE O *CUIDAR DE SER*

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dissertação aprovada em: _____ / _____ / _____

*À minha mãe, que me mostrou como se cuida da vida.
Ao meu pai, que me ensinou a rir do mundo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao “João”, sem cuja coautoria este trabalho não poderia existir.

À Marcia, que esteve sempre por perto para me acolher nas inevitáveis mazelas deste percurso. Companheira carinhosa e dedicada, minha maior entusiasta.

Aos meus avós William, Ruth, Abrahão (*in memoriam*) e Sophia, por todas as lembranças de uma infância mágica.

À Henriette, orientadora, supervisora, conselheira... amiga. Com quem, há muito, tenho a honra e orgulho de trabalhar.

Ao meu grupo de pesquisa e ofício do LEFE, que me acolheram como aprendiz e me ensinaram a seguir meu próprio caminho na vastidão da Psicologia. Em especial àqueles que me acompanharam durante este percurso: Walter, Helô, Simone, Paulo, Laiz, André, Sasha, Ana Clara, Yvette, Tiago, Luciana, Tati, Pedro. Testemunhas do meu caminho e coautores deste trabalho.

Agradeço ao Ricardo, querido amigo cujo exemplo sempre me foi tão valioso. Doador de fé no caminho e de forças para seguir.

Ao meu irmão, Rafael. Amigo íntimo da alma, quem me ensinou que eu não estava sozinho no mundo.

À minha irmã, Tatiana, exemplo de carinho e zelo, cuja presença enche o mundo de cor.

Agradeço, por fim, a todos os professores que tive na vida.

RESUMO

GORENSTEIN, M. G. *João e o Vício: por entre o cuidar de ser*. 2013. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este estudo buscou uma compreensão acerca do fenômeno *vício*. Pela perspectiva da Fenomenologia Existencial, a pergunta sobre o *que* do *ser* do vício implica na descrição da forma pela qual este fenômeno se dá a ver, o *como*. O *vício* pôde ser explicitado em um caráter singular, pela experiência no contato com um homem viciado em cocaína, João. O percurso desse contato foi narrado a partir das considerações de Walter Benjamin sobre a narrativa e o narrador.

O *vício* pôde ser compreendido como uma experiência dissonante, na qual a emergência da droga dissolve a urgência no cuidado próprio. Inapropriado do cuidado de si, o *viciado* incumbe àqueles ao redor da responsabilidade para a tarefa, na mesma medida em que se apresenta como uma ferramenta para a droga. Contudo, através dos *suportes* para sua sustentação, pode lançar-se no angustiante empreendimento de *deixar de ser quem é* para realizar-se como ser de possibilidades.

Palavras-chave: Vício; Drogas; Fenomenologia existencial; Narrativa.

ABSTRACT

GORENSTEIN, M. G. *João and the Addiction: through the caring of being*. 2013. Master's of Science Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This study aimed a comprehension about the addiction phenomenon. Through the Existential Phenomenology's perspective, the question *what is* the addiction's being implies on the description over the way this phenomenon appears to sight, the *how*. The addiction could be made explicit in a singular character, through the experience from the contact with a cocaine addicted man, João. The course of this contact has been narrated using Walter Benjamin's considerations regarding narrative and narrator.

The addiction could be comprehended as a dissonant experience, in which the drug's emergency dissolves the own care's urgency. Ill-fated on the self care, the addicted delegates to those around the responsibility for this task, to the same extent which he presents himself as a tool for the drug. Nevertheless, through the *backings* for his sustenance, he can leap into the anguishing enterprise of *letting be who he is*, to actualize himself as a being made of possibilities.

Key-words: Addiction; Drugs; Existential phenomenology; Narrative

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
SUMÁRIO	viii
1. O SURGIR DE UMA QUESTÃO	10
2. INDO POR ONDE O COMO CONDUZ	12
2.1 - O <i>COMO</i> FORMAL	15
3. NARRATIVA DO NARRADOR	16
3.1 – ENSAIOS DE UM PRIMEIRO ENCONTRO	16
3.2 – UMA CELA COM GRADES DE PÓ	19
3.3 – O LADO BOM, O OUTRO LADO E O GRAVADOR	22
3.4 – FORÇA, JOÃO. FORÇA...	36
3.5 – MARCOS <i>LIGHT</i>	44
3.6 – PIKACHU	46
3.7 – DEUS TE AJUDE	51
3.8 – TESTEMUNHAS DE UMA HISTÓRIA EM CURSO	52
3.9 – ALGUÉM QUE, DE LONGE, ACENA	53
3.10 – ENSAIOS DE UM <i>LANÇAR-SE</i>	55
3.11 – AMBULÂNCIAS, ENFERMEIROS E CAMISAS DE FORÇA	58
3.12 – UMA HISTÓRIA VIVA NO HIATO INSTITUCIONAL	60
3.13 – UMA QUARTA-FEIRA	63
3.14 – BOAS VINTE E QUATRO HORAS	66
3.15 – UMA VEZ <i>NÓIA</i> , SEMPRE <i>NÓIA</i>	70
4. TRANSITANDO IN-CLINADO A JOÃO	73
4.1 – UMA RESSALVA	73
4.2 – VÍCIO	75
4.3 – INTERREGNO	83
4.4 – DA SUSTENTAÇÃO...	85
4.5 – ...AO CUIDADO	88
5. O SENTIDO PLURAL PELO SINGULAR DO CUIDADO	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
ANEXO I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	100
ANEXO II – ENTREVISTA COMPLETA	101
ANEXO III – REGISTRO FOTOGRÁFICO	116

O planeta seguinte era habitado por um bêbado. Esta visita foi muito curta, mas deixou o príncipezinho mergulhado numa profunda tristeza.

- Que fazes aí? - perguntou ele ao bêbado, que se encontrava silenciosamente acomodado diante de inúmeras garrafas vazias e diversas garrafas cheias.

- Eu bebo - respondeu o bêbado, com ar triste.

- Por que é que bebes? - perguntou-lhe o pequeno príncipe.

- Para esquecer - respondeu o beberrão.

- Esquecer o quê? - indagou o príncipezinho, que já começava a sentir pena dele.

- Esquecer que eu tenho vergonha - confessou o bêbado, baixando a cabeça.

- Vergonha de quê? - perguntou o príncipe, que desejava socorrê-lo.

- Vergonha de beber! - concluiu o beberrão, encerrando-se definitivamente no seu silêncio.

E o pequeno príncipe foi-se embora, perplexo.

“As pessoas grandes são decididamente estranhas, muito estranhas”, dizia para si mesmo durante a viagem.

(O Pequeno Príncipe - Antoine de Saint-Exupéry)

1 – O SURGIR DE UMA QUESTÃO

Ao psicólogo ou profissional da saúde que se presta a conduzir uma investigação a respeito do vício, a possibilidade de justificar tal pesquisa por sua relevância pública mostra-se bastante tentadora. Por um lado temos o ganho da tranquilidade de sabermos ser, esta, uma justificativa pré-aceita. Por outro, tiramos de nós qualquer implicação com este fenômeno.

Eu, entretanto, estaria traindo a mim mesmo e ao conduzir de minha interrogação se assim o fizesse. As motivações que, levadas adiante, produziram o trabalho que aqui apresento, são anteriores ao meu *ser pesquisador*. Iniciam-se muito atrás de meu *ser psicólogo*. Elas já estavam presentes lá onde minha memória encontra seus limites.

A epígrafe de “*O Pequeno Príncipe*” carrega parte da minha inquietação frente ao enigma que o *vício* instaurava, esvaindo-se de minha compreensão infantil. Os adultos saíam de perto de mim para fumar, esperavam que eu dormisse para tomarem suas cervejas, ausentavam-se para cuidar das suas “*coisas de gente grande*”.

Muitas vezes, porém, esbarravam na impossibilidade de negar a existência daquilo tudo a mim, seja pela curiosidade que me levava a ir atrás deles quando se ausentavam, seja pela minha ousadia em transformar aquele pretendido silêncio em constrangedoras perguntas. Quando surpreendidos, então, faziam questão de me apresentar seus *hábitos* sempre de forma muito negativa, tentando desviá-los de meu interesse, diferente da maneira com que tratavam e falavam sobre isso, entre eles. E, assim, convocavam-me constantemente a doar sentido àquilo.

Obviamente, meus questionamentos já não são da mesma ordem. Mas, mesmo assim, conservam o caráter de uma *perplexidade*, bem como a curiosidade que me leva *aonde não se vai* e a ousadia de falar sobre *aquilo de que não se fala*.

Durante toda a minha graduação em Psicologia, estive atento aos diferentes olhares que são lançados sobre o fenômeno *vício*. Tive nele, sempre que possível, a *figura* que saltava sobre o *fundo* das teorias que me iam sendo apresentadas. Pus-me a *brincar* com os diferentes constructos teóricos, sempre com o mesmo objeto de pesquisa e, assim, fui me construindo pesquisador.

A Fenomenologia Existencial, por outro lado, abriu-se a mim como uma perspectiva: pelo caminho da prática clínica. Ainda durante a graduação passei a fazer parte do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia

(LEFE), inicialmente realizando atendimentos na Fundação CASA (antiga FEBEM) e, posteriormente, atendendo ao público em geral no Instituto de Psicologia da USP. Em ambos os locais, realizava atendimentos em Plantão Psicológico.

Nesta modalidade de prática clínica, é a partir do encontro com o outro (atendimento), e do compartilhar deste encontro (supervisões), que o *ofício* do psicólogo pode ser transmitido, inclusive sob a forma de um conhecimento explícito. Não o inverso. Desta maneira, constitui-se uma prática que constantemente retorna às origens de onde partiu, para questioná-las:

É através da supervisão e no exercício de estágios profissionalizantes, que o ofício e a aprendizagem dos conceitos teóricos e do manejo das técnicas se efetivam. Neste contexto é que reside a possibilidade de mais uma vez a prática poder ser traída na especificidade do seu fazer e tornar-se incongruente com seus fundamentos originários. (MORATO, 1999, p. 71)

Parte-se de uma fundamentação, em direção ao mundo; dele retorna-se impregnado pela experiência que, narrada, torna-se conhecimento, mesmo embora possivelmente não esteja em completa consonância com a própria fundamentação de onde partiu.

Uma forma outra de produção de conhecimento, que não muda apenas minha posição dentro de um mesmo sistema, mas é o próprio sistema que se torna cambiante. Desta maneira, com este trabalho eu retorno a um antigo tema, por uma nova via.

2 – INDO POR ONDE O COMO CONDUZ

O *que* e *como* é o vício? Foi desta pergunta que parti. Desta vez, entretanto, sem os mapas de uma teoria que preveriam o caminho. A mesma velha questão, perguntada de outra maneira.

A investigação que se ampara num método fenomenológico, como aponta Critelli (1996), instaura um ponto de tensão para o discurso metafísico. A Fenomenologia Existencial, compreendendo si mesma enquanto uma perspectiva relativa e provisória, acusa a relatividade da *verdade* e da sua via de acesso. Mais ainda, a diferença da prévia compreensão de *ser* (o “*é*” da minha pergunta) altera o rumo que se toma ao se levar a interrogação adiante, alterando também o ponto de chegada.

A *metafísica* é a forma pela qual se estruturou o pensamento no Ocidente, cujas principais implicações são a Ciência e a tecnologia. Por esta perspectiva, o *ser* está separado do *ente* e coincide com sua essência. Ou seja, a verdade sobre o *ser* de algo está no seu conceito (ou ideia), para além do mundo, como o próprio termo *metafísica* indica.

Investigar *sobre* o *ser* do vício, a partir da *metafísica*, então, implicaria a utilização de métodos que garantissem o acesso à verdade única e absoluta, dando ar de enganoso ao conhecimento gerado na experiência.

Assim, para o pensar metafísico, toda possibilidade de um conhecimento válido e fidedigno é garantida pela construção de conceitos logicamente parametrados e de uma privação da intimidade entre os homens e seu mundo, isto é, entre os homens e a experiência que têm de seu mundo. (CRITELLI, 1996, p. 14)

Para a Fenomenologia Existencial, entretanto, a relatividade da perspectiva não é algo a ser superado, mas, pelo contrário, é própria do *existir* (*ser*). A verdade única, absoluta e permanente do pensamento metafísico precisa então ser substituída por uma (entre outras) verdade relativa e provisória, fruto da experiência humana. Assim,

Mais do que ponderar a respeito de instrumentais, o delineamento de uma metodologia de investigação e análise fundada na fenomenologia deverá cuidar do talhamento de um olhar. Ao mesmo tempo que intenta moldá-lo, deverá ir despindo-o de um hábito desde há muito invisível. (CRITELLI, 1996, p. 16)

Largar o *hábito* de se procurar o *ser* das coisas na precisão metodológica do conceito não é, entretanto, tarefa fácil. Se o *vício* não está em sua representação, onde então procurá-lo?

O ser das coisas (o que são, como são) não está consumado na sua conceituação, mas também não está incrustado nas próprias coisas, ensimesmadas. Está no lidar dos homens com elas e no falar, entre si, dessas coisas e dos modos de se lidar com elas. Está entre os homens e as coisas; está numa trama de significados que os homens vão tecendo entre si mesmos e através da qual vão se referindo e lidando com as coisas e com tudo o que há. (CRITELLI, 1996, p. 17)

Trama, essa, chamada *mundo*. É *no-mundo, com-outros* que se abre a possibilidade de conhecimento para a Fenomenologia Existencial. É no lidar com o *vício* e falar com quem o vivencia que é possível procurar por seu *ser*.

Pareceu-me, num primeiro momento, uma boa estratégia realizar entrevistas abertas com pessoas que se diziam *viciadas* no que quer que fosse, para, então, tentar aproximar-me deste fenômeno a partir da multiplicidade de falas e experiências a seu respeito. Estabeleci, provisoriamente, um único critério para a escolha dos entrevistados: não colheria entrevistas de pessoas que estivessem em ou tivessem passado por qualquer tratamento para reabilitação. Tentaria, assim, evitar a reprodução de discursos feitos e ter um acesso mais claro à experiência do *viciado* com seu *vício*. Ou, ainda, tinha receio de interferir no tratamento pelo qual aquelas pessoas passavam.

Porém, através da abertura gerada em não me deixar guiar pela arquitetura instrumental da investigação, mas pela própria questão, tomei rumos alheios ao projeto de pesquisa inicial. Logo no meu primeiro contato para entrevista, um novo caminho possível se abriu.

“*João*”¹, meu primeiro entrevistado, possibilitou-me encontrar o *vício* para além (aquém) de sua fala. O *vício* aparecia em seu quarto, nas paredes, nas relações dele com sua família, na forma como ele se relacionou comigo, na expectativa de ajuda que antecedeu a ele próprio neste contato... Minha experiência, a maneira como fui afetado na relação com ele, tornou-se, então, o centro da minha investigação sobre o *vício*.

¹ “*João*”, neste formato, foi o nome escolhido para manter o anonimato do entrevistado. Neste momento aparece assim já que ainda não foi apresentado devidamente como quem é.

Para a transmissão da experiência produzida nesta relação, utilizo a narrativa como apresentada por Walter Benjamin (1987). “A narrativa (...)”, ele ensina, “(...) é, ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação”. (p. 205)

A arte de intercambiar experiências tornou-se, na atualidade, algo muito distante e está em vias de extinção. O homem prende-se, cada vez mais, a uma forma de comunicação que reduz o vivido a fatos verificáveis (onde residiria a *verdade da informação*) e esvai-se brevemente de sua memória. “A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação.” (BENJAMIN, 1987, p. 203)

O narrador é, antes de tudo, alguém que sabe escutar. Sabe estar com o outro, esquecendo-se de si próprio. Minha escuta, presente sempre que chamada, pôde amalgamar-se em uma narrativa. O texto que se segue é a sobreposição de diversas camadas, geradas, uma a uma, a cada vez que eu me pus a narrar esta história.

Narro-a em primeira pessoa, pois me é pessoal. “*João*”, entretanto, narra comigo, e as outras pessoas que encontramos também têm voz. É nesta multiplicidade de olhares, escutas e dizeres que me mantenho em busca do modo de *ser* do *vício*, no *mundo*, com- outros.

A fidedignidade do texto que se segue não se encontra na fria verificação das *informações*, mas no fluxo do tempo, pelos caminhos tortos do homem e seu viver. Ao leitor que se dispuser a lê-lo, assim como se ouve uma história contada, algo será dito. E se este mesmo leitor reencontrar-se com esta história na fluída permanência da memória, terá encontrado nela uma *verdade*.

Volto, então, desta experiência, para tentar compreendê-la à luz, novamente, da Fenomenologia Existencial, meu ponto de partida enquanto a sustentação da minha maneira de perguntar sobre o *ser* do *vício*. Como já explicitado, não é de meu interesse levar esta pesquisa no sentido de uma contribuição para este ou aquele conceito sobre o *vício* ou o *viciado*. É, inclusive, por não endossar qualquer uma destas perspectivas, que o termo *vício* foi escolhido frente à ampla gama de nomes que o fenômeno, pela superespecialização do conhecimento científico (*metafísico*), vem recebendo.

A metodologia (entendida como um *contar como foi*) convoca-me a iniciar minha narrativa. Seguem-se apenas alguns detalhes iniciais, a título de prestação de contas, para que, então, lancemo-nos (leitor comigo) no percurso.

2.1 – O *como* formal

Meu contato com “*João*” iniciou-se no fim de Maio de 2011 e, até o fim de Dezembro de 2012, mantivemo-nos falando. Todo este percurso está narrado a partir da minha experiência nesta relação e conta com três encontros presenciais (dois em sua casa e um no Instituto de Psicologia) e diversos contatos telefônicos. As falas de “*João*” encontram-se, no texto, em fonte diferente.

Durante o primeiro encontro presencial, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (**Anexo I**), colhida a entrevista (**Anexo II**) e o registro fotográfico (**Anexo III**), ambos apresentados com as devidas alterações para a garantia do anonimato. Todas as normas do Termo assinado foram observadas, assim como o Código de Ética Profissional do Psicólogo, no que concerne à pesquisa.

Art. 16 - O psicólogo, na realização de estudos, pesquisas e atividades voltadas para a produção de conhecimento e desenvolvimento de tecnologias:

- a - Avaliará os riscos envolvidos, tanto pelos procedimentos, como pela divulgação dos resultados, com o objetivo de proteger as pessoas, grupos, organizações e comunidades envolvidas;
- b - Garantirá o caráter voluntário da participação dos envolvidos, mediante consentimento livre e esclarecido, salvo nas situações previstas em legislação específica e respeitando os princípios deste Código;
- c - Garantirá o anonimato das pessoas, grupos ou organizações, salvo interesse manifesto destes;
- d - Garantirá o acesso das pessoas, grupos ou organizações aos resultados das pesquisas ou estudos, após seu encerramento, sempre que assim o desejarem.

Não houve riscos envolvidos; a participação foi voluntária; o anonimato foi garantido (embora “*João*” tenha manifestado interesse em abdicar dele, para observância do item “a”, o anonimato foi mantido); e “*João*” tem acesso ao presente documento.

Ponho-me, então, a narrar.

3 – NARRATIVA DO NARRADOR

3.1 - Ensaios de um primeiro encontro

Eram meados de Maio de 2011. Eu já havia cursado pouco mais de um ano do programa de mestrado, cumprido alguns créditos e participado de um Simpósio no qual, novamente, havia apresentado uma ideia geral do que eu imaginava que viria a ser a minha pesquisa. Digo *novamente*, porque já havia apresentado uma ideia geral por diversas vezes, o que me incomodava. Mas era tudo o que eu tinha: a vaga ideia de uma pesquisa sobre algo mais etéreo ainda, o *vício*. Embaracei-me algumas vezes ao tentar definir o que a minha pesquisa viria a ser, lançando mão da Fenomenologia Existencial como suporte enquanto uma forma de levar a minha interrogação adiante, mas não podia, em absoluto, prever qualquer resultado. Não há hipótese.

Numa terça-feira, como de costume, eu participava do Serviço de Atendimento em Plantão Psicológico (APP), do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE), do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), onde já circulava a informação de que eu fazia uma pesquisa a respeito dos vícios. Uma colega, que também participava do serviço, veio falar comigo em particular. No local onde trabalhava havia um homem com sérios problemas pelo seu vício em cocaína e que permanecia, insistentemente, vindo conversar com ela sobre isso, pois sabia que ela era uma psicóloga. Perguntou-me se poderia passar meu contato para ele. Não se sentia à vontade com essas conversas, uma vez que trabalhavam no mesmo local. Ressaltou que ele precisava bastante de ajuda e comentou que poderia ser interessante para a minha pesquisa.

Concordei prontamente, embora a coisa toda tenha ficado um pouco vaga. “Ele precisava muito de ajuda” e ela parecia precisar se livrar de um incômodo. De qualquer maneira, ele vinha conversar com ela sobre seus problemas; ela não se sentia à vontade com isso; e eu precisava encontrar alguém disposto a me contar sobre seu vício. É claro que eu poderia ficar com a pepita de ouro que a incomodava em seu sapato.

Agradeceu-me, disse seu nome completo e comentou que ele provavelmente se identificaria pelo último. João Silveira. Ela passou, então, a me adiantar algumas coisas que ele a contava, como o fato de ele não ter problemas no trabalho, mas não conseguir parar de cheirar cocaína à noite e, por isso, praticamente não estar dormindo; ou ainda, que ele se punha em situações de risco, como dirigir na contramão.

Interrompeu-se, porém, dizendo que ele me contaria tudo isso. Fiquei aguardando o contato.

Na semana seguinte recebi a ligação. Ele falava rápido e alto ao telefone. Identificou-se e já começou a falar sobre o quanto estava mal. Disse que andava conversando com a colega que nos pôs em contato, mas que *por uma questão de ética, por eles trabalharem no mesmo local*, ela não podia ajudá-lo. Passou a contar episódios, como o fato de ter sido o primeiro a andar pela contramão numa determinada rodovia; e ria enquanto dizia que tinha *até aparecido na televisão*. Falou que havia levado um tiro e carregava uma bala alojada no corpo, sempre repetindo que era louco e por vezes dizendo que não tinha cura.

Em determinado momento eu o interrompi. Disse que estava interessado em ouvir o que ele tinha para me contar, mas que, para isso, precisávamos nos encontrar. Tentei explicar que eu fazia uma pesquisa e que gostaria de gravar uma entrevista, mas ele cortava a minha fala, muito animado, a cada pedaço de informação nova que eu trazia. Ao dizer que eu fazia uma pesquisa, ele perguntou se eu era da USP, se tinha estudado com aquela colega... Quando eu disse que se tratava de uma entrevista, ele me interrompeu dizendo que iria poder expôr os problemas para que outras pessoas pudessem *se esquivar dessa situação*. E voltava a dizer que a colega não podia ajudá-lo *por uma questão de ética*. Por fim, marcamos para que ele fosse me encontrar durante o Plantão, na semana seguinte. Continuou a comentar a sua situação e pediu que eu entrasse em contato com a nossa colega para avisá-la que ele havia ligado. Falei que comentaria com ela quando a visse, mas que ele próprio poderia fazer isso, uma vez que trabalhavam no mesmo lugar. Ele insistiu para que eu ligasse. Confirmamos horário e local e desligamos.

Após a ligação me percebi um pouco irritado. Havia algo no jeito dele que me incomodava. Algo de invasivo. Transbordava histórias que me soavam gastas, como se as tivesse enfiado goela abaixo de muitos *interlocutores*, em inúmeras situações. Ouro de tolo, no sapato da minha colega? No dia seguinte, liguei para ela e contei que havíamos marcado um encontro. Ela me pareceu feliz.

Na data marcada, entretanto, João não apareceu. Liguei para ele pouco depois do horário combinado. Pediu-me desculpas e disse que precisou ficar trabalhando até mais tarde. Comentou que já tinha dito à nossa colega que ele havia ligado e voltou a dizer que ela não podia ajudá-lo porque eles eram colegas de trabalho. Começava

novamente a engatar nas mesmas histórias, num *script* que não parecia me levar em conta. Desta vez, porém, interrompi-o muito antes, dizendo que não havia problemas por ele não ter ido. Marcamos, mais uma vez, para a semana seguinte.

Ele não apareceu, novamente. Desta vez, não atendeu o telefone. Não me surpreendi e cheguei a sentir certo alívio. Imaginava que eram as mesmas histórias que apareceriam numa entrevista aberta com ele, mas me dava conta de que eu apenas não me sentia à vontade com os breves contatos telefônicos que tivemos. Não me agradava o fato de ter que ligar de novo e, mais uma vez, marcar um encontro. Até porque, a essa altura, eu já não estava mais acreditando que eles pudessem ocorrer.

De qualquer maneira, passados cerca de dez dias eu voltei a ligar. Mais uma vez ele se desculpou e falou que a pessoa que o iria levar não pôde ir. (Ele não é motorista?). Parecia, entretanto, muito feliz com a ligação. *Você não sabe como é importante isso que você está fazendo. De não desistir de mim*, ele falava, *porque as pessoas acham que a gente não quer ajuda, mas não é isso...* e voltou a explicar o porquê de ele não ter ido me encontrar. Pediu, novamente, para que eu entrasse em contato com a colega, explicasse o que havia acontecido e dissesse que ainda estávamos nos falando. Disse a ele que já havia falado com ela e que, uma vez que já estávamos em contato, não precisávamos mais do intermédio dela. *Se não ela pode achar que eu não estou querendo a ajuda, que eu estou desprezando, mas não é...* ele insistia. Eu já me questionava se ele de fato queria ajuda, ou pretendia apenas parecer estar procurando ajuda. Mas por que *ajuda*? Eu não havia oferecido isso. Mais uma vez, vinha uma sensação de que eu não era levado em conta. Marcamos, novamente para o Plantão seguinte. Dessa vez não liguei para a colega.

Na data, porém pouco antes do horário marcado, numa conversa informal com a minha orientadora, relatei o que estava ocorrendo. Ela me propôs tentar ir até ele, ao invés de trazê-lo a mim. “Algum lugar perto da casa ou do trabalho dele. Um lugar conhecido, onde ele se sinta à vontade.” Era claro para mim o fato de que estava sendo difícil que ele *cumprisse a agenda* comigo, mas, quase que rodando em plano de fundo, eu automaticamente atribuí a isso ao seu vício, ou seja, achava que ele precisava ficar cheirando cocaína (como a minha colega me havia falado e suas diferentes *desculpas* podiam indicar).

Não apareceu. Quando entrei em contato, antes que ele me contasse o porquê da vez, falei que me parecia estar sendo difícil que ele viesse até o Plantão e que eu

poderia ir até ele, caso fosse mais fácil. *Vir aqui? Mas que horas?* Pareceu assustado. Respondi que estávamos à vontade para marcarmos quando fosse mais fácil para ambos. Perguntou se poderia ser num final de semana e nós, então, marcamos para o sábado seguinte, à tarde. Disse que eu voltaria a ligar um dia antes para confirmar e pegar o endereço exato. Embora nenhum de nós tenha dito, ficou implícito que o encontro seria na casa dele.

Entrei em contato, confirmei o encontro e peguei o endereço, o qual ele me passou com detalhes de pontos de referência. Novamente expliquei que eu fazia uma pesquisa e que estava interessado em fazer uma entrevista com ele. Perguntei se poderia gravar a nossa conversa, explicando que seria uma entrevista anônima. Ele concordou e pareceu bastante animado com a ideia, dizendo que eu poderia ir lá para ver como ele tem vivido e o quanto ele precisava de ajuda; disse que eu iria poder absorver aquela experiência e ajudar outras pessoas. Ficamos, então, confirmados para o dia seguinte.

No sábado, entretanto, não pude ir. Entrei em contato e ele comentou que já tinha até arrumado o quarto dele e avisado às pessoas de casa que receberia um psicólogo que o ajudaria. Pareceu desapontado com o meu cancelamento. Perguntei se seria possível marcarmos para o dia seguinte, no domingo à tarde. Ele concordou.

3.2 - Uma cela com grades de pó

Domingo, 12 de Junho de 2011. Saí de um casamento e fui encontrá-lo pela primeira vez. Perdi-me algumas vezes durante o trajeto e cheguei um pouco depois do horário marcado. Ao fechar a porta do carro, em frente ao endereço, ouvi alguém gritar meu nome em tom de pergunta. Ao olhar para trás, vi um homem magro com a barba por fazer, de camiseta, calças e sandálias, vindo da esquina com uma vassoura na mão. Respondi dizendo seu nome e ele continuou vindo em minha direção, agora com um sorriso no rosto. Antes de chegar a mim, já estava falando.

No mesmo momento vinham passando algumas pessoas no sentido contrário pela rua. Crianças com camisa para dentro correndo na frente e senhoras com vestidos brancos e tiaras, atrás. Todos com aspecto bem simples, claramente indo ou voltando da missa de domingo. *Eu estava varrendo a rua. Varri a rua todinha. Faço esse trabalho voluntário há vários anos. Mas o pessoal que passa aí não vê isso. Ficam só chamando de nóia, fazendo fofoca. Minha família é a mais antiga desse*

bairro aqui, ele veio dizendo, enquanto me cumprimentava, abria o portão e me fazia um gesto para entrar.

Vista de fora, era uma casa simples. Portão de barras cobrindo toda a extensão da fachada e um aspecto escurecido pelo lusco-fusco das seis da tarde, escondendo um carro antigo na garagem, com aspecto de mal conservado e cheio de adesivos e adornos. *Foi com esse carro aqui que eu peguei a estrada na contramão!* Exclamou sorrindo enquanto batia no capô do carro. *Chêga aí*, ele tomava à frente e já me conduzia para a lateral da garagem, onde havia uma escada descendente. No segundo degrau, entretanto, ele parou. Virou-se e falou algo que não pude ouvir. Voltou a subir e colou o rosto na janela de vidro da casa. *É, ela não está aí. Mas você ainda vai conhecer a minha mãe e ela vai confirmar todas as histórias que eu vou te contar*, falava enquanto já retomava à frente pelos degraus da escada. *Chêga aí*, continuou descendo.

Era uma escada de concreto, sem corrimão. Da parte de cima não se entendia direito o que havia embaixo. Só se via uma luz acesa em um cômodo mais para frente, no fim de um corredor. Havia algo de bruto e sombrio nessa cena, semelhante a uma masmorra ou calabouço. A pergunta “em que buraco estou me metendo?” tomava um ar de literal. A escada terminava num corredor aberto e no meu segundo passo percebi que meus sapatos grudavam no chão. *Não repara a bagunça. É que na sexta fizeram uma festinha aqui. Se você tivesse vindo ontem, teria visto o monte de garrafas e latas de cerveja. Estava tudo aqui neste espaço.* Neste momento eu podia sentir o cheiro de cerveja, e entender o porquê de meus sapatos grudarem ao chão. Ele disse, como quem se lembra frustrado de algo, que havia acabado de jogar fora os dois sacos cheios de cinzas que ele havia acumulado. *Se você tivesse vindo antes, você ia ver! Dois sacos enormes, só de cinza de cigarro!*

O corredor terminava num cômodo que, apesar de não ter porta de entrada, era coberto. Era difícil enxergar o que havia lá. Eram apenas vultos de coisas empilhadas à minha esquerda. Continuando havia uma espécie de copa. Um espaço estreito, com armários que pareciam ter sido projetados para servirem de despensa, à direita; e um armário baixo à esquerda, cuja superfície superior era usada como mesa. Porém, só ao estar dentro deste cômodo pude me dar conta do que havia ali. Sobre o armário baixo, duas tigelas, ambas usadas como cinzeiro e transbordando de cinzas e bitucas de cigarro, estavam em meio a alguns copos sujos, maços de cigarro vazios e duas garrafas de

cerveja. Alguns maços estavam dispostos de maneira que pareciam estar sendo usados como enfeite. Havia, ainda, dois canetões, um par de óculos escuros e uma foto, cuja imagem era o próprio ambiente onde estávamos. A parede logo atrás estava rabiscada. Algumas coisas estavam escritas, como nomes e datas. Faltava muito pouco para que eu me sentisse numa cela sem grades. Ao lado, estava a entrada do quarto onde faríamos a entrevista.

O quarto era grande, mas não parecia espaçoso. Havia muita coisa lá. Ao lado direito da porta, junto à parede, havia um sofá velho com algumas roupas espalhadas que ele foi tirando logo quando entramos. Ao lado do sofá havia uma cama sem lençol, com mais roupas espalhadas. Na outra extremidade do quarto havia um guarda-roupa de portas abertas, com algumas roupas e sacolas. Do lado esquerdo havia uma estante de canto e a porta do banheiro e, no canto do fundo, havia uma mesa improvisada com uma tábua. As paredes também continham escritos, desta vez havia frases.

Entramos, ele pediu-me novamente que não reparasse a bagunça e começou a falar sobre aquele quarto. Disse que era ali era o local onde ele dormia e já se corrigiu, dizendo que, ali, ele “passava as noites”. *A minha vida é isso aí que você está vendo*, ele repetiu diversas vezes durante o encontro, entre os agradecimentos que me fazia por estar lá. Contou-me sua rotina. Disse que trabalha o dia inteiro, mas quando chega em casa, à noite, ele vai para aquele quarto e passa o tempo todo usando cocaína. Dizia que em determinado horário, no fim da tarde, “já começava a dar uma coceira”. Contou-me que aparece muita gente por lá e que todos que vão, levam e usam também. *Tudo gente do bem, gente fina, médico, trabalhador, mas que tem esse problema que eu tenho*. Algumas vezes falou que não estava aguentando mais. Contou que ficava cheirando a noite toda e, lá pelas quatro ou cinco horas da manhã, fumava “uma cannabis” para tentar dormir. Cochilava por uma hora e já tinha que levantar para trabalhar de novo. *Você vai achando que está bom, está tudo bem... mas quando você olha no espelho é que você vê que não está bom. Os olhos fundos, olheira, os dentes zoados, o nariz... não sei nem como eu ainda tenho nariz. Você vai ficando todo ressecado por dentro...*

Falou que havia me levado ali para eu poder observar aquilo tudo e ajudar outras pessoas. Dizia que não me esconderia nada e que eu poderia ver, fotografar, gravar tudo o que quisesse para absorver as informações e ajudar pessoas que estão precisando. Foi até o armário e pegou uma carta, com uma foto anexada. Perguntou-me se eu sabia quem era aquele. Eu não fazia a menor ideia. Disse que era o dono do tráfico de toda

aquela região e que era amigo dele. *Eu não preciso pagar. Todos os caras me conhecem. Eu vou lá e pego como degustação.* Contou que este amigo estava preso havia algum tempo e mostrou-me a data da carta. *Ele me mandou esta carta no ano novo.* Falou por algum tempo sobre este homem, num tom de exaltação e contou que ele próprio, João, havia dado o apelido da cocaína que era vendida em toda aquela região. *Fui eu que dei o nome, que comecei a chamar de Pikachu, por causa do saquinho amarelo. Aí o nome pegou.*

Pedi para usar o banheiro e ele me respondeu: *Se você tiver coragem.* O banheiro, entretanto, parecia ser a parte mais limpa e organizada daquele local. Quando saí, ele disse que havia limpado o banheiro naquela mesma tarde. Perguntei se podíamos começar a entrevista e ele concordou. Comecei a olhar ao redor, em busca de um local para nos acomodarmos. Ele pegou uma cadeira que estava coberta de roupas, tirou-as, jogou-as na cama e sentou-se. Eu já estava em frente ao sofá onde me sentaria. Comentei que precisaríamos de algum lugar para apoiar o gravador e perguntei se poderíamos puxar a mesinha improvisada que havia no canto do fundo. Ele a puxou e se sentou. Novamente expliquei a minha pesquisa e li com ele o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Pedi que ele o assinasse e pusesse a data. Ele fez uma rubrica. Pedi que ele fizesse novamente, desta vez escrevendo seu nome por extenso. Ele assinou as duas vias, mas não quis pôr a data. *Depois você põe. Eu confio em você.* Peguei o gravador a pilha e, ao olhar para o meu celular, percebi que estava quase sem bateria (eu queria, por precaução, ter duas cópias da entrevista). Levei as mãos à cabeça e exclamei a minha frustração: “Esqueci o carregador do celular!”. Ele, prontamente, respondeu-me: *Não seja por isso.* Levantou-se e foi até a estante de canto, ao lado da porta. Abriu a primeira gaveta e tirou um punhado de carregadores. Perguntou a marca do meu celular e me estendeu um deles. *Tenta esse aqui.* Funcionou. Sentamo-nos e iniciamos a entrevista.

3.3 - O lado bom, o outro lado e o gravador

Ao sentarmos, João dá um suspiro e permanece me olhando. Ele me parecia resignado frente à situação, como se eu o tivesse encurralado. Uma sensação dúbia me invade, pois, se por um lado ele me parecia bastante apreensivo sobre o que aconteceria a seguir, por outro, eu sentia que pela primeira vez teria alguma voz no diálogo com ele.

Iniciei a entrevista de maneira genérica. Apenas agradeci sua disponibilidade e pedi para que ele me falasse qual era seu vício e como era sua experiência com isso. Por um instante senti como se eu estivesse encenando algo (de fato estava: embora não o conhecesse profundamente, eu sabia mais sobre ele do que a minha pergunta indicava) e ele pareceu seguir-me nesse jogo de formalidades no qual um simples gravador à nossa frente nos jogava. Pareceu-me responder o que ele achava que eu gostaria de ouvir. Disse que não se sente viciado porque *todo viciado não acha que é viciado*.

Lembrei-me, imediatamente, do único critério que eu havia pensado em utilizar para a escolha das pessoas às quais eu proporia uma entrevista: quem não estivesse em, ou não tivesse passado por nenhum tipo de tratamento formal, como internações para reabilitação, ou reuniões de A.A.² ou N.A.³ Eu pretendia, assim, evitar a *contaminação* por discursos *pré-prontos*, fugir da reprodução de um discurso institucional. Frustrou-me ouvir este paradoxo. Frustrou-me ser levado a pensar que meu critério de nada valia como garantia daquilo que eu julgava ser um narrar mais pessoal sobre a experiência de uma pessoa com o seu vício.

Pedi, então, para que ele me contasse a história do seu vício: *Eu comecei com um pequeno baseado, depois fui para um cigarro, depois eu fui para o álcool... o álcool não me dava mais um... uma luz assim, aí fui para o pó. Aí eu fiquei no pó e estou no pó até agora... estou tendo essa dificuldade até de falar nele, cara. É difícil a gente falar disso*.

Sua fala inicial, que parecia responder a uma expectativa, começou a dar lugar a um sofrimento. O gravador, em pouco tempo, passou a fazer parte do ambiente. E João também. Aquele homem que se impunha num falar alto, ostensivo e repetitivo de antes, não me parecia ser aquele à minha frente, que se confundia harmoniosamente com o fundo de armários abertos, paredes rabiscadas e roupas espalhadas. Esse, que se embaraçava ao tentar me fazer entender a ambigüidade daquilo que estava vivendo.

Pela primeira vez, pude perceber-me uma testemunha do seu sofrimento, para além do impacto que ele parecia querer causar ao contar suas histórias prontas, as quais permaneciam nas entrelinhas da sua fala, mas não eram mais o centro da maneira como ele se me apresentava. Ele, agora, tentava me explicar algo para o qual faltavam palavras. Ia, voltava, dizia e desdizia, criava metáforas, agradecia-me pela ajuda e dizia que ele não tinha jeito. Tentava organizar sua fala com categorias, como as partes *material* e

² Alcoólicos Anônimos

³ Narcóticos Anônimos

espiritual, questão de saúde e questão de polícia; trabalho e emoção; e chamava aquele nosso encontro de isso que nós estamos fazendo, isso que você está fazendo, essa ajuda que você está me dando...

Seus agradecimentos e pedidos diretos de ajuda lembravam-me constantemente do meu propósito lá. Tudo o que eu havia proposto era um relato dele sobre a sua experiência com o vício. E justo lá, frente ao gravador, ele parecia me pedir uma tomada de atitude frente ao seu problema. Minhas palavras, ainda, apenas o acompanhavam. Eu estava preocupado em não transformar aquilo numa sessão terapêutica.

Em certo momento fomos interrompidos pelo telefone. Ele atendeu, disse que não podia falar porque estava dando uma entrevista, desligou e comentou a ligação. Disse que era uma amiga que estava precisando de ajuda. Enfatizou que era uma colega de profissão.

Numa tentativa de retomar a entrevista, perguntei sobre como via as outras pessoas viciadas. Ele contou a história da amiga que havia ligado: uma garota *patricete*⁴, que perdeu os pais num acidente de carro e herdou, com a irmã, os bens. A irmã morreu de overdose, ficou quatro dias em estado de decomposição debaixo de um edredon e foi ela, essa colega que ligava, quem teve que fazer o reconhecimento do corpo da própria irmã. Segundo João, aí estava a causa do seu vício: *Quem que vai tirar aquela imagem que ela que foi que teve que reconhecer a irmã? Quem que vai apagar a mãe e o pai num acidente?* - ele perguntava explicando.

Essa mesma colega voltou a ligar mais três vezes durante o tempo em que estive lá, ou seja, num período de aproximadamente duas horas. Mesmo que para mim isso parecesse um exagero, um desespero, João tratava de forma normal. Em todas as ocasiões ele atendeu o telefone, explicou cordialmente que estava ocupado no momento e disse que voltaria a ligar tão logo estivesse livre. Sempre que desligava, retomava algo sobre essa colega. Relembrava, insistentemente, que ela era minha *colega de profissão*, o que passou a me incomodar, como se ele estivesse apontando um risco que eu corria por estar lá. Disse que, numa tentativa de ajudá-lo, acabou ela própria se viciando. Montou uma imagem (o que fazia constantemente): ele estaria preso em areia movediça, ela teria atirado uma corda para salvá-lo, mas, ao invés de retirá-lo de lá, ela própria teria caído na areia, também. Por muitas vezes disse: *essa daí gosta mais do que lasanha*. De

⁴ Derivação de “*patricinha*”. Uma garota rica ou, ao menos, sem problemas financeiros.

imediatamente não entendia o que ele queria dizer. Apenas depois, com as repetições dessa expressão, pude perceber que ele simplesmente estava dizendo que ela gosta muito de cocaína, mais do que se gosta de lasanha. Comentou que essa amiga *frequenta um espiritismo Allan Kardec*, que a está ajudando na “*parte espiritual*”, mas que a “*parte material*” ela teria que cuidar com um profissional, como eu.

Aquilo me soou estranho. O vício estava, então, numa *área material*? Perguntei isso diretamente. João me respondeu que o vício seria um refúgio para um problema que a pessoa não consegue resolver, nem tampouco esquecer. Passou logo a falar da sequela desse refúgio.

Perguntei sobre outros vícios, numa tentativa de saber se, para João, eles também teriam essa função. A cocaína era a pior, segundo ele. Era como se ele tentasse provar que estava na pior situação possível. Continuou falando sobre a sequela do vício em cocaína, através do corpo: *“você não consegue ter uma ereção, fica sem apetite, ressecado...”* Disse que não percebe o estrago que faz, que *“o cérebro acha que está bom”*, mas quando olha no espelho é que vê o quão mal ele está.

Já não era mais possível manter-me alheio às interpretações que me vinham a partir do que ele falava e daquilo que eu via ao redor, seja isso o seu quarto, a forma como ele o havia me apresentado ou o nosso contato até então. A idéia ainda disforme de uma dualidade na percepção me parecia importante. Parecia estar em todo o canto. Essa mesma que ele havia dito com todas as palavras, e que parecia haver em muitas das imagens e metáforas que ele fazia. Numa tentativa de pedir que ele falasse um pouco mais sobre aquilo, reproduzi o que ele havia acabado de falar, como um pedido de confirmação sobre se eu estava entendendo o que ele me dizia: “Então você está me dizendo que você não percebe o estrago que vai fazendo, mas, de repente, você se dá conta disso, quando você se olha no espelho, por exemplo?” Não só no espelho, ele me respondeu. Quando vê sua mãe chorando ou quando ele percebe seus filhos e amigos importantes se afastando, ele também vê o estrago que seu vício está causando. As relações também sofriam as sequelas.

Era, entretanto, muito difícil que nos aprofundássemos em determinado assunto. João parecia encontrar pontos conhecidos, repetidos, na sua fala que o levavam, diretamente, a outra história. Ao falar dos “amigos importantes” que se afastavam, João lembrou-se de alguém. Disse que quando ainda era casado foi *acusado de atentado violento ao pudor* contra seu próprio filho, o que fez com que ele passasse oito meses

morando no sítio da sua mãe, sem ver os filhos, *sem moral nenhuma*. Disse ter ficado muito mal nesse período e que isso o havia ajudado a *cair nessa*. Mas, um *amigo empresário*, para cuja empresa João presta serviços, estendeu-lhe a mão. Ernesto era seu nome. *Me trouxe, me deu um emprego, me deu valor, me deu suporte, aí eu parei*, ele contou. Disse que o que Ernesto fez com ele foi dar atenção e compreensão, ou seja, (segundo ele) o que seu amigo fez foi usar a psicologia. *E até hoje ele tem o domínio*, João completou. Disse que a partir dessa ajuda ele pôde parar de usar cocaína e todo o resto: *Eu tinha parado, por alguns anos, de usar. Fiquei dois a três anos sem usar nada, sem cigarro, sem drogas, só... refrigerante...* Porém, ao perder sua mulher (ele ressaltou que o perder se refere a ela estar com outro, e não que ela tenha morrido) ele teve uma *recaída*. Passou a se envolver com pessoas que usam, voltou a beber, a fumar e em pouco tempo já estava usando cocaína novamente. Por conta disso, acabou se afastando da empresa de Ernesto, o qual percebeu sua ausência e perguntou o porquê disso. João disse que teve que se abrir com ele, e então contou que *estava nessa de novo*.

Falou da surpresa que teve ao se abrir com Ernesto, dizendo que achava que esse amigo bateria a porta em sua cara: *Não te quero mais. Quando te... quando te dei uma chance você não aproveitou!* - João imaginava que ele diria.

Assustei-me ao ouvir isso. Lembrei-me imediatamente de uma de suas falas, ao telefone, quando voltei a ligar após ele não ter comparecido a dois encontros que havíamos marcado: *Você não sabe como é importante isso que você está fazendo. De não desistir de mim*, ele havia me dito. Meu susto, posso ver agora, se deve ao fato de eu próprio ter passado muito perto de desistir dele. Ou melhor, eu havia desistido dele, mas não da minha pesquisa, o que havia me levado a ligar novamente e possibilitado o encontro que estava acontecendo. Um susto retrógrado, de quem percebe o perigo quando este já passou e se espanta com a própria inconsciência desse perigo, quando ele estava presente. Assustei-me comigo mesmo.

E João espantou-se com a reação de Ernesto que, ao invés de fechar as portas para ele, continuou com a mão estendida. Mais ainda, estendeu a outra: *Eu vou te arrumar uma clínica, cara*, ele havia oferecido. Teria eu, também, estendido a outra mão para João quando, não apenas liguei novamente após seus sumiços, mas propus que eu próprio fosse encontrá-lo?

João continuou sua fala, retomando sua situação atual com Ernesto: *Aí eu... de vez em quando, estou ali na empresa, saio de madrugada dirigindo para ele. Disse que o amigo já havia arrumado uma clínica (essa clínica é tão boa em Sorocaba, que só entra quando tem a vaga mesmo), mas que estaria esperando que João fosse efetivado, pois era concursado recente, para o internar. Ele sabe que eu estou nessa, mas eu não misturo o meu trabalho com a emoção. Isso é a vantagem que eu tenho sobre a droga... sobre a cocaína, porque eu não... quando eu vou trabalhar eu não uso. Durante o dia, das oito... das oito da manhã às seis da tarde, eu não... eu dirijo.*

Eu não lhe apontava suas incoerências. Considerava que isso poderia pôr em risco sua fala pessoal e fazer com que ele passasse a se preocupar com o que dizia. Por outro lado, eu as sentia, como pequenas pontadas, quando me deparava com elas. Porém, essa última (saio dirigindo de madrugada para ele, porque ele sabe que eu não uso durante o trabalho, das oito da manhã às seis da tarde) passou completamente despercebida. Eu ainda estava na sua fala anterior: *não misturo trabalho com emoção*. Isso me chamou muito a atenção, pois ele estava claramente relacionando a cocaína, o uso e o vício às emoções.

Mais uma vez, tomado pela preocupação de não transformar aquele nosso encontro numa tentativa de tratamento, não me ative a isso e deixei com que João continuasse a falar. Ele continuou me contando a sua rotina: consegue fazer apenas uma refeição por dia (no almoço) e dirige durante o dia inteiro...

(...) aí quando dá o fim do expediente eu venho para casa, já começa a escurecer, parece o clipe do Michael Jackson, fico vendo thriller, fico vendo coisa, aí eu quero, aí eu vou... e não durmo mais, cara. Aí às cinco, seis da manhã eu venho para casa dormir... estou aqui mesmo, me entorpecendo, me destruindo, me martirizando, achando que está sendo bom, sozinho, solitário, cigarro... E isso, quando eu dou conta, eu não dormi nada. Eu acordo, assim, eu dou uma cochilada e já é hora de ir trabalhar de novo, eu estou lúcido aí eu pego no volante, passo normal a minha vida. Mas, é... isso está me prejudicando, cara.

Pergunto a ele quanto tempo faz que ele está nessa rotina: *Um ano, cara.* Lembro-me de ter me espantado com esse tempo. Parecia muito pouco perto da condição

que ele me relatava e aquele quarto me trazia a impressão de que, por anos e anos a fio, estava sendo usado daquela maneira, para aquele propósito. Ele, então, retomou a idéia de que não percebe o estrago que o vício faz, mas que está acabando com ele. Ou seja, retomou aquilo que agora a pouco eu chamei de uma dualidade da percepção. E dessa vez eu não me contive. Eu sentia uma necessidade de compreender o que ele tentava me dizer: o que era aquele jogo de *perceber/não perceber* sobre o qual ele tanto falava? O que modulava essa oscilação entre os dois estados?

Formulei uma pergunta para tentar me aproximar disso: “Será que se você não percebesse, você estaria falando isso para mim?” Ele ficou calado na minha frente (o que possivelmente tenha sido questão de alguns segundos, mas que me pareceram inacabáveis enquanto ele me olhava). Antes de qualquer reação, reformulei a pergunta: “Será que se você não percebesse que está te prejudicando, você estaria me falando que está te prejudicando?”. Dessa vez, sem demora, ele me responde:

É... eu só estou te falando isso porque eu já usei, cara. Se eu estivesse num dia... num horário que eu não uso, que é o horário das oito às seis, que eu não uso durante o meu trabalho, eu não estaria com coragem de te falar.

Ao terminar sua fala, João pareceu esperar a minha reação. “Entendi”, foi ela. E isso bastou para que ele prosseguisse. Senti um imenso alívio com a sua resposta. Não porque ela confirmava que ele havia entendido a pergunta, mas porque eu a tinha como uma aposta, uma interpretação sobre aquilo que eu via e ouvia. Ele confirmava verbalmente aquilo que estava me dizendo desde que entramos em contato. Perdido nessa minha sensação de alívio (é importante lembrar que havia uma dissertação no meu horizonte, para onde eu era constantemente lançado), não pude estar atento àquilo que de mais importante se abria ali: ele precisava de uma testemunha para o seu “lado ruim”, que, apesar de não haver anoitecido ainda, era com quem eu conversava. Uma testemunha que sentisse a concretude da presença desse seu lado e, mesmo assim, ali permanecesse. O *blasé* da minha resposta (“entendi”), e minha consciência jogada no futuro, no escrever da minha dissertação, talvez tenham cumprido esse papel.

Ele passou algum tempo se justificando por ter usado cocaína à tarde, dizendo que ele não costuma fazer isso, mas que *usufruiu* cerca de um grama e meio: *dois sacolé*. Disse que usou para poder ficar à vontade para falar. Joguei, então, a minha

compreensão para ele. Queria ver se fazia sentido, se ressoava. E fui bem direto: “Então você me fala como se tivessem dois de você?” E ele foi mais ainda: *É. Duplamente.*

Pedi para que ele me contasse de um e de outro. João os nomeia: *o eu bom e o outro lado*. Começa pelo “eu bom”, que é aquele que leva a filha para a escola, trabalha, dirige, faz contatos, vai em reuniões, tem paciência, leva a mãe no médico, corre atrás de documentação... Ao falar dele, João chorou, emocionado. Pareceu, porém, ganhar força, energia, ao falar sobre o “outro lado”: *Mas o mais legal é o lado ruim meu é à noite, cara.* - embora essa frase gramaticalmente errada abra margem para inúmeras interpretações, contextualmente ele pareceu querer dizer que o que é legal é que o lado ruim é à noite, ou seja, o que é interessante é a diferença entre os lados, separados pelas marcações *dia* e *noite*. Ele não pareceu querer dizer que o lado ruim, o da noite, é que é o legal. - O “lado ruim”, então, é o da noite, *farinha*, companhias (ele as protege e, como a si, cinde-as: *não ruins, não marginalizadas, gente de nível, gente de classe, mas só que... tem esse lado da cocaína no... ao meio*).

De alguma maneira, algo pareceu se resolver ali, como um prosseguir, uma consequência do falar sobre o “eu bom” e o “lado ruim”: *Então... é difícil, cara. Eu, sou eu que faço mal. Eu faço mal, sim, para mim mesmo, cara.* E, a partir disso, pareceu surgir uma possibilidade de mudança.

E eu tenho certeza que a partir de hoje... estou sendo bem franco com essa gravação e olhando nos teus olhos... que a minha vida está mudando, cara. Está mudando, na boa. Está mudando, Marcos. Está mudando. Eu quero te agradecer, cara.

Agradecer por quê? Eu estava apenas colhendo um relato que me serviria na minha dissertação. Eu estava apenas fazendo a minha pesquisa. Ou não? Estaria eu, de alguma maneira ainda velada para mim, ajudando-o? Ou ainda, estaria ele indicando que minha tarefa lá havia terminado (uma vez que sua amiga já havia ligado duas vezes e já beirava às oito da noite, horário que começa a coceira e o *thriller*)? A partir daí permaneci com o incômodo dessa última opção. De qualquer maneira, continuamos a entrevista.

Esse é o tema: ser ouvido e compreendido. João insistia nisso. Ele fazia projetos com o nosso encontro. Dizia que eu, ao absorver aquilo tudo, poderia ajudar

outras pessoas que estão começando ou têm curiosidade em usar cocaína; e passava mensagens diretas ao possível leitor ou ouvinte da entrevista:

Eu não quero benefício próprio, eu não quero só convalhecimento, eu quero que isso... que você absorva isso para ajudar outras pessoas, que estão começando ou que vão querer começar, ou que está... tem curiosidade... Meu, não tenha essa curiosidade de conhecer a cocaína. Que ela é traiçoeira. Ela é bonita, ela é branca, ela é transparente, mas... a sequência dela é escura e vermelha, cara. É o fim da pessoa, cara. É o fim.

Contou o quanto algumas pessoas protegem a cocaína. *Tem cara que protege tanto ela, cara. Que fala que ela é boa: 'Não, ela é boa, cara, você está louco? Sem ela eu não vivo'.* E incluía-se nesse grupo: *Eu já cheguei a afirmar, Marcos, para amigos e amigas que já veio querer um sexo comigo, eu falei: 'Meu...'*

Mas essa história foi atropelada por outra. Cada vez mais, era possível perceber o quanto elas já haviam sido contadas e recontadas e como uma se conectava à outra. E João parecia querer me contar todas elas, com a ansiedade de alguém que corre contra o tempo. Continuou, então, a outra história. Foi abordado por policiais, numa favela, durante o seu serviço. Contou que parou para usar o banheiro e deu carona para uns garotos de lá.

Aí eu pus os garotos no carro, para dar uma carona, aí a viatura... na hora que eu pus os garotos, saí do banheiro e os garotos lá tinham traficantes, lógico, mas a gente tem que tratar bem, porque eu estou todo dia na favela...

Ele contava os detalhes da conversa com os policiais e, às vezes, era como se estivesse falando com um deles. Ele encenava a si próprio e o policial, ambos em primeira pessoa, diferindo sua fala da daquele com expressões como *eu falei*, *aí eu falei*, ou *aí eu falei isso* (suprimidas para a reprodução do diálogo):

(Policial) - *Você está com esse carrão aí, com esses moleques dentro do carro, você está usando droga.*

(João) - *Policial, eu não estou usando droga, eu trabalho, a gente tem um convívio aqui, tem que tratar bem a comunidade. Se eu tratar eles mal, amanhã tem uma reunião aqui, eu parar esse carro, eles vão riscar, vão cortar o pneu, vão perseguir... Então é... uma... é uma afinidade que a gente tem. É o convívio, ali na vizinhança. Tem que tratar eles bem para ser bem tratado, para a gente até poder trabalhar. Você é um policial, você sabe.*

(Policial) - *Não, já vou falar, você está fazendo... vou revistar o carro. Se eu achar droga eu vou te prender.*

(João) - *Você pode procurar droga, porque esse carro é do diretor, eu não... uso droga aqui, durante o meu trabalho.*

(Policial) - *Ah, você usa?*

(João) - *Uso, eu vou confessar. Policial.*

(Policial) - *Tira o óculos para falar comigo!*

(João) - *Não tiro. Isso é constrangimento ilegal, eu estou em serviço, não vou tirar o meu óculos.*

(Policial) - *Você é folgado.*

(João) - *Não sou. Eu conheço os meus direitos, policial.*

(Policial) - *Mas você usa droga, você acabou de con... de afirmar.*

(João) - *Eu uso sim. Se você colocar uma mulher aqui, uma...*

Neste momento ele falou um palavrão e se assustou consigo próprio. Pediu muitas desculpas por ter *mencionado* aquela palavra *imencionável*, repetindo que havia sido um momento de nervosismo. Foi como se ele tivesse sido puxado, de repente, da sua história para a frente do gravador. Quando o acalmei, porém, dizendo que não havia problema nisso, ele voltou para a história de maneira instantânea.

Eu falei: 'Policial, se colocar uma mulher e a cocaína, eu dispenso a mulher e vou na cocaína, eu gosto mais que lasanha.' Estava aí o ponto que ligava essa história àquela interrompida (*Eu já cheguei a afirmar, Marcos, para amigos e amigas que já veio querer um sexo comigo, eu falei: 'Meu...'*). Mas ele continuou com os policiais. Disse que ao *puxarem o DVC*⁵ dele, os policiais o confundiram com o seu irmão que já havia morrido. Contava sobre esse irmão como contava sobre si, de uma maneira performática, impondo verdade à sua fala com informações concretas e específicas.

⁵ Divisão de Vigilância e Captura. Banco de dados de antecedentes criminais.

O que você viu, aí no rádio aí, é o meu finado irmão, que foi a primeira triagem no Pestana, no presídio, que era ladrão, 157, que roubava para ajudar esses da favela. Nunca foi... nós não... ele não roubava para ficar rico e para ajudar a ele mesmo, ele ajudava os outros. Então esse aí é o cara que você viu no rádio aí, no... no... DVC, que você puxou aí e apareceu o meu irmão. . Sobrenome e apelido é ele que tem, eu não tenho. Eu tenho nome. E... posso ir embora?

Embora tenha continuado a falar sobre esse episódio, ele parou de encená-lo neste momento. Voltou a falar comigo. Dizia que os policiais deveriam saber abordar as pessoas, que deveriam ser instruídos na questão das drogas. Repetiu diversas vezes que afirmou para os policiais que droga é caso de saúde, não de cadeia, para que quando eles abordassem outro usuário, soubessem tratar. (Como eu, que ao ouvir e absorver tudo aquilo, saberia lidar com outros nesta situação). Retomou sua ideia sobre a origem do vício:

Todo mundo está indo atrás da droga porque tem um motivo, cara. Tem um motivo ruim na vida, uma passagem amorosa desagradável, a perda de um querido, cachorro... um... 'Perdi um...' Uma coisa que ele perdeu lá, que não consegue alcançar mais, ele vai atrás dessa porcaria, que é a cocaína e acaba tendo isso. A cadeia está cheia. Se tivesse um trabalho melhor nessa área, tinha menos gente na cadeia. Tinha mais gente na rua, tomando o seu remédio, entendendo, vivendo com isso.

Voltou, então, a falar de si. Dizia que aquele era o seu desabafo. Ia agradecendo às pessoas que o ajudavam - como a colega que nos pôs em contato, eu, Ernesto (o amigo empresário), sua mãe e sua irmã, que estão ajudando a cuidar dos seus filhos - e dizendo que estes eram os suportes que ele ainda tinha. Se não tivesse esses suportes, já teria *partido para o suicídio*. Engasgou ao dizer isso:

Se eu não tivesse esse suporte, esse amigo que eu mencionei, que é o... a minha mãe, a minha irmã... eu acho que eu já teria... partido para... ou suicídio... sabe? Porque eu... se eu não tivesse isso, eu já tinha tentado desistir de viver... tentado de viver... tentado desistir de viver, cara. Eu já andei na estrada, na contramão. Eu fui o primeiro...

E voltou a contar esse episódio. Dessa vez com mais detalhes. Disse que a causa disso havia sido o fato de ele ter perdido sua mulher *para um cara*. Ela teria “perdido a cabeça e abandonado o lar”. Pegou, então, o carro e saiu pela estrada na contramão. Foi abordado pela polícia rodoviária e seu amigo empresário foi quem o ajudou. Contava as consequências desse ato com certa exaltação. Perdeu a carteira de habilitação e teve que tirar outra; apareceu no noticiário e preservaram sua identidade por ele ser um servidor público e ter a guarda dos filhos; abafaram o caso... Fechou a história dizendo, novamente, que foi tudo causa do desespero de ter perdido algo, *de não ter uma coisa que você tem*, nas palavras dele. Disse que a droga não estava ajudando, então procurou a morte. *A morte... nem a morte me quis*. Falou isso como que desaguando na moral da história, numa outra máxima que, imediatamente, trouxe outro episódio.

Foi fazer um trabalho para o seu amigo empresário no Rio de Janeiro, onde na época estava ocorrendo um surto de dengue. *Você vê, eu fiquei lá e nem a dengue eu peguei, cara*. Estava aí, novamente o ponto de engate. Nem a morte me quis/nem a dengue me quis. Contou que havia várias mulheres lá, mas a única com quem ele ficou...

(...) uma prostituta, linda maravilhosa. Quando eu entro no hotel... quando eu fui tirar a roupa dela o sutiã dela, estava cheio de droga. Acabei ficando... (Risada) em vez de catar a mina e seduzir, fiquei cheirando cocaína.

Suas histórias iam ficando, entretanto, cada vez mais curtas. Ele me parecia querer encerrar a fala. Ou então, eu é quem estava incomodado por achar que ele queria encerrar. Eu estava cansado, isso é fato. Mas suas palavras também me indicavam que o fim daquele encontro estava chegando:

É isso a minha vida, cara. Mas eu estive bem, hoje... Hoje eu estou um pouco melhor, eu estou me sentindo bem melhor e vou ser bem franco... Essa é a hora, quer ver, ó? Deixa eu ver que hora que é exato para você ter certeza do que eu estou mencionando. Vamos ver aqui no celular. São exatamente oito e dez, a hora que eu saio do trabalho. É a hora que eu vou atrás dela. Ou ela vem atrás de mim. Só

que hoje vai ser diferente. Tenho certeza que... hoje é diferente.

Começou, então, a repetir que aquela noite seria diferente, por conta da minha visita.

Hoje eu vou ter forças de falar um não para ela. Pela tua visita, cara, acredite nisso. Você acredite nisso... de eu... de você ter me dado a oportunidade de pôr isso, expor isso... voluntariamente, e... isso vai me a... já está me ajudando, cara. Parece que não é nada, para você vir até aqui, mas para mim, 46 anos, pai de três filhos, está sendo muito bom. É um passo para mim, cara. É um grande passo para mim... conseguir sair dessa, cara. Obrigado.

Essa foi a deixa. Perguntei se ele gostaria de encerrar.

Não. Não. Eu vou encerrar só quando você determinar, cara. O privilegiado aqui está sendo eu, não você, cara. Obrigado. Tenho que valorizar o que você está fazendo. É muito importante para mim.

Achei engraçado ele dizer que era eu quem estava no comando. Era o oposto do que eu sentia. Mas, quase que tomando vantagem daquilo, puxei a conversa para o sentido das considerações que eu fazia enquanto ele falava. Algo que me chamava a atenção era o quanto ele falava sobre ajuda, seja a minha ajuda como psicólogo, a ajuda que recebe dos seus *suportes* (o amigo empresário, a mãe, a irmã...) e até a ajuda que ele dava a outros. Entendendo ajuda como *cuidado*, eu ficava intrigado por não haver na fala dele uma única menção ao cuidar de si próprio. Perguntei, então:

Tem uma coisinha que me chama a atenção. Você fala do meu trabalho, para ajudar outras pessoas. Você fala da sua ajuda para outras pessoas. Como é que fica a sua ajuda para você próprio?

Ele me respondeu que a partir daquele dia ele já começava a ter uma ajuda, tanto espiritual quanto material, sendo a parte material o meu trabalho e o fato de eu estar ali. Parecia haver um buraco, uma cegueira quanto a um cuidado de si para si. E ele continuava:

Eu quero que você relate tudo o que você está relatando, o que você vê, o que você viu, vários maços de cigarro, pá. Você não viu o meu saco de cinza aí, tanta bituca que eu estou guardando, cara. Isso vai servir para você saber conversar com outra pessoa amanhã, cara.

Ele estava ajudando outras pessoas viciadas, ao me expor aquilo tudo e me capacitar para lidar com elas. Ao mesmo tempo ele estava recebendo uma ajuda, a qual ele tentava me descrever, dizendo que, mesmo que alguém não queira ajudar, só de estar ouvindo já estava ajudando.

Perguntei a ele se as outras pessoas não ouviam. Ele fez um sinal negativo com a cabeça. “Geralmente não?”, insisti. *Não. As pessoas, quando começam a ouvir, começam a expor os problemas delas também, e aí mistura na mente da pessoa que vem te ajudar...* Cada vez era mais claro aquilo que ele considerava uma ajuda, mas, mesmo assim, eu permanecia pedindo a ele descrições sobre ela. Algo de enigmático permanecia aí.

- Como é que eu estou te ajudando?

- *Cara, eu estou falando para você francamente, eu não vou usar hoje. Por que que eu não vou usar hoje? Faz essa pergunta para você.*

- Eu faço para você. Por que que você não vai usar hoje?

- *Pô, cara. Porque eu sempre tenho isso fácil, como você já viu. Se eu sair agora na rua, eu vou ter. Só que hoje, por você estar aqui, descobrindo coisas, avaliando, analisando, pegando a experiência, você está aprendendo e ensinando ao mesmo tempo a me esquivar disso. Estou olhando nos teus olhos falando isso, cara. É, cara. Eu vou ter força de falar um não para isso hoje.*

Ele me agradecia insistentemente, dizendo para o gravador que eu estava ali e que eu era suporte; e voltava a dizer que tinha outros, como seu amigo empresário e sua mãe.

O suporte chama-se... está aqui, olha. Está aqui. Marcos. O Marcos está aqui, é o suporte. Está aqui. Parece que não é um suporte, mas é. Eu tenho um, já, que é o meu amigo

empresário. Tenho minha mãe. Eu me esquivo da minha mãe, me esquivo da minha irmã, que me ajuda, eu corro dos meus filhos. Até corro desse amigo. Mas hoje você me cercou, conversou... eu tenho você agora como suporte.

Ele me confirmava com todas as palavras a sensação que tive quando iniciamos a entrevista. Ele tinha sido encurralado, “cercado”. Ele corria, se esquivava, dos suportes. E eu passei a ser um deles. Pela primeira vez, então, fez menção a um possível cuidado de si:

Ah, eu estou indo lá, estou dirigindo, pô, estou querendo fazer um cavalo de pau. Não, o Marcos, tá... falou que... foi em casa. Pô, vai precisar de mim de novo. Aí eu não dou aquele cavalo de pau, você tá ligado?

Um cuidado próprio que dependia de um compromisso comigo. Essa última consideração, entretanto, só pude fazer ao transcrever a entrevista, porque naquele momento eu estava tão envolto por sua fala anterior, de que eu o havia encurralado, “cercado”, que não percebi sequer que a fita do gravador havia acabado. Foi João quem me avisou. “Vamos encerrar por hoje?”, propus. *Vamos, vamos.* Mas o que terminou ali foi apenas a entrevista formal, mediada pelo gravador. Esse primeiro encontro acabou se estendendo para além disso.

3.4 - Força, João. Força...

Comecei a organizar minhas coisas imaginando que estaria indo embora, mas João começou a se agitar. Seu relato ainda não havia terminado. Ele se lastimava por ter jogado fora seus sacos de cinzas e bitucas de cigarro. Dizia que se eu tivesse ido lá alguns dias antes, ele poderia tê-los me mostrado. Mas aquela não era sua única coleção.

Enquanto dizia que estava completamente aberto, para que eu pudesse absorver aquilo tudo, ele parecia procurar mais coisas para me mostrar. Apontava-me as mensagens escritas nas paredes, dizia que cada uma delas tinha um significado e que todas as pessoas que iam lá deixavam um registro.

Ainda sentado, pegou seu celular e começou a me mostrar algumas fotos. Todas haviam sido tiradas naquele quarto em que estávamos. Entre elas, a foto de uma mulher de costas, com as calças abaixadas. Ele usava essa foto para comprovar aquilo

que havia dito antes sobre sexo. *Olha só. Eu tenho tudo isso e fico cheirando cocaína. É lastimável.* Sua lástima, porém, pareceu transcender suas palavras. Ele baixou a cabeça.

De repente, levantou-se como alguém que, indignado consigo mesmo, resolve delatar-se: *Espera aí que eu vou te mostrar uma coisa.* Foi até o outro cômodo, que dava acesso ao quarto. Lembro-me de estar em pé, olhando e lendo as paredes, quando ele voltou com alguns maços de cigarro e os atirou sobre a mesinha improvisada, que ainda estava no centro do quarto, entre o sofá e a cadeira. Voltou para o outro cômodo, falando: *Tem mais aqui, cadê? Onde foi que eu deixei?* Pude ver que ele estava agachado, abrindo e fechando as gavetas do armário, todas repletas de maços de cigarro. Pegou mais alguns deles e voltou para a mesinha de centro. Sem ao menos sentar-se, arqueado sobre ela, começou a abrir os maços. Tão inclinado sobre a mesa ele estava, que seu corpo não me permitia ver o que ele tirava de dentro deles. Ergueu-se e perguntou: *E os pinos? Tem uns aqui, cadê?* Não entendi. Foi buscar mais maços. Sobre a mesinha, vários saquinhos plásticos. Ao olhar mais de perto, dava para perceber o resquício do pozinho branco que eles haviam embalado. *Aquí!* - ele achou o que procurava. E voltou com mais maços de cigarro. Abriu-os e tirava pequenos pinos plásticos deles, também usados para guardar cocaína. Repetia que aquilo ali era apenas o que tinha sobrado, pois ele tinha jogado muita coisa fora havia pouco tempo.

- Por que você guarda isso tudo?

- *Para eu ver o estrago que está fazendo. Ah, sei lá... Mas isso não é nada. Você quer ver quantos maços de cigarro tem aqui?*

Ele falava como se estivesse acusando a si próprio, porém da forma como se acusaria um terceiro, ou seja, isento de qualquer responsabilidade sobre aquilo que acusava. Conduziu-me ao outro cômodo. À nossa frente, um armário parecido com aqueles de cozinha. Numa cozinha eu o teria por despensa. Mas ali, não era. As gavetas de baixo, que ele havia vasculhado, já estavam abertas. Dentro, maços e maços de cigarro (*maços*, porque ele assim os chamava - e também assim, eu próprio, os chamo - mas eram caixas. Digamos, a versão *box*). Ele, então, abre as portas do armário de cima. Era como o estoque (bem organizado, aliás) de alguma tabacaria. Os maços estavam empilhados, inclusive, de maneira esteticamente agradável, deitados, otimizando o espaço. Havia uma

quantidade considerável deles, quase todos da mesma marca. Compreendiam, literalmente, todo o volume do armário. Estavam estocados. Vazios.

“Mas porque você guarda tudo isso?” Ele não havia respondido minha pergunta antes. Eu não via sentido, pelo menos, naquilo que ele havia me dito como resposta. *É que eu vou processar a marca do cigarro*, ele disse. Estava unindo provas, então? Aquilo me era confuso.

Ele fazia questão de me mostrar tudo. Queria que eu “registrasse” tudo e falou que eu poderia *tirar fotos para botar no depoimento*. Não gostei da ideia, de imediato. Achei que aquilo pudesse, de alguma maneira, expô-lo demais. Disse que não precisava, que ele já havia me ajudado bastante com a pesquisa. *Mas é para você poder provar o que eu estou falando...* Ele insistia que eu fotografasse sua coleção de maços de cigarro. “Eu não preciso provar nada, na minha pesquisa...”, eu tentava argumentar. Em vão. Ele dizia, então, que era para as pessoas que fossem ler a minha pesquisa poderem ver o estrago que o vício causa. Ele queria uma foto.

Neste momento, já estávamos de volta ao quarto. Eu havia voltado para pegar minha mochila e ele me seguiu, argumentando sobre as fotos. Disse que tinha procurado os saquinhos e os pinos para eu poder registrar tudo. Não eram, então, apenas os cigarros. Ele queria que eu fotografasse os pinos e saquinhos de cocaína, também. Passei a gostar menos ainda da ideia. Comecei a achar aquilo, inclusive, perigoso. E ele me dizendo que queria que eu registrasse o quarto todo para saberem como ele tem vivido.

Lembrei a ele que eu havia acabado de assinar um documento que garantia o seu anonimato. Eu não podia tirar fotos dele ou de qualquer coisa que o identificasse. *Não me importo. Não tem problema. Pode me identificar*. Ele não havia percebido meu desconforto com aquilo. Nem sequer percebeu que havia uma responsabilidade, do meu lado, que ia para além dos domínios da minha relação com ele e recaiam nos meus cuidados para comigo próprio. Expliquei que aquilo poderia “*dar problema*”, inclusive para mim. Falei que, por ser uma pesquisa “na Universidade”, eu tinha certas regras para cumprir.

Ele entendeu. De fato não havia percebido as implicações do meu lado. Parou de insistir. Por outro lado, pareceu bastante decepcionado. De alguma maneira, aquilo era importante para ele. Combinamos, então, que eu tiraria algumas fotos desde que nem ele, nem qualquer coisa que pudesse identificá-lo, estivessem nela (enquanto combinava comigo mesmo que tiraria as fotos e depois veria, com minha orientadora, o que fazer

com elas). *Tipo um close?* - ele me perguntou, sugerindo. Tirei uma foto, bem de perto, da mesa com os saquinhos e os pinos, tentando excluir todo o resto. Ele quis ver. Parece uma imagem de apresentação das drogas apreendidas pela polícia, comum nos noticiários sensacionalistas da televisão.

Os maços de cigarro também! Seguimos para o outro cômodo. Agachou-se e abriu uma pequena porta de empurrar, ao lado das gavetas já abertas. Dentro, mais maços. Abriu, então, por completo todas as quatro portas de cima do *armário-estoque*. Havia, atrás da porta direita inferior, uma placa indicando que era proibido fumar. Não me contive em abrir um sorriso. Parecia-me uma piada *nonsense*. Era uma daquelas placas que se tornaram extremamente comuns em locais públicos, pela recente campanha antitabagista do governo paulista. Ele disse: *É! É proibido fumar* - e riu bem alto. “Mas você fuma...” afirmei em tom de pergunta, ainda com o sorriso no rosto. *É... isso aqui é para lembrar que eu fumo demais. Mas tira uma foto aí!* Pareceu-me como se tentasse me desviar dos questionamentos sobre aquela placa, como se estivéssemos zombando de alguma coisa que, pelo menos para ele, era séria.

Posicionou-se quase que de frente para o armário. Relembrei-o de que precisávamos manter o anonimato e ele se afastou um pouco. Mas bem pouco. Parecia uma criança que, mesmo entendendo que não deve fazer algo, não se contém em fazê-lo. Sua silhueta acabou aparecendo no canto da foto (seu pé aparecesse no canto da foto da mesinha, também). *Ficou boa!* - ele disse empolgado. *Tem o armário aqui também...* e me chamava de volta, mais uma vez, para dentro do quarto. Era difícil sair dali.

Posicionei-me na porta, sem chegar a entrar completamente. Tentava, de alguma forma, indicá-lo que eu queria ir. Mas ele parecia agitado demais. *Sabe aquela amiga que ligou?* Ele perguntou enquanto se dirigia ao armário do fundo do quarto e tirava uma, entre as diversas sacolas que havia dentro. *Ela é patricete, eu te falei. Olha só o que ela me deu de presente.* Era uma sacola comercial, de uma marca de perfumes. Abriu e tirou o perfume, ainda na caixa. Deu-me para sentir. Era bom. Amadeirado. Disse isso a ele. *Quer passar? Pode passar, pode passar...* Ele oferecia em tom de quem requisitava. Ele queria que eu ouvisse, que eu visse, que eu sentisse o cheiro... e tudo isso com muita ansiedade. Era como se quisesse marcar aquele lugar em mim, de qualquer jeito.

Passei o perfume. Tinha saída em spray e era bastante concentrado, de maneira que, logo após espirrar em mim, percebi que tinha exagerado na dose. Fiquei tão

cheiroso que passei a feder. E João gargalhava. *Você gostou, hein? Ficou cheiroso demais! Quero ver o que vai dizer em casa!* Ele, de fato, adiantou-se a uma preocupação que eu, posteriormente, vim a ter.

Perguntei a ele como eu deveria fazer para chegar à avenida principal. *Vamos lá que eu te ensino, lá em cima.* Antes de sairmos, porém, ele pareceu lembrar-se de algo. Disse que todas as pessoas que passavam naquele quarto tinham que deixar uma mensagem na parede. Estendeu-me um canetão, pediu que eu escrevesse alguma coisa na parede e foi ao banheiro.

Eu não queria escrever. Era muita responsabilidade deixar algo escrito, marcado, no ambiente dele. Fiquei pensando em todos os questionamentos que surgiriam para ele, sobre quem havia escrito aquilo. Questionamentos que viriam de pessoas que, em algum nível, podiam ter interesses opostos ao que aquele nosso encontro podia representar: uma força contrária ao uso da cocaína; a possibilidade da mudança de uma forma de levar a vida que era tão cara a todas as pessoas que frequentavam aquele quarto. Naquele momento, eu me via como fazendo parte do time oposto ao que aquelas pessoas pertenciam. E tinha que deixar minha marca ali. “Força, João. Força...”. Essa foi a minha mensagem. Por quê? Nem eu sei ao certo. Mas ele gostou. Ria e dizia que, ao levantar, quando estivesse mal, iria olhar para aquela frase e se lembrar de que eu fui lá. *Força...* ele repetia e ria, enquanto tomávamos o corredor para a escada. Desta vez, conseguimos sair do quarto.

Mas não saímos em silêncio. No caminho ele já me contava outra história: em um carnaval anterior resolveu sair na rua fantasiado de policial. Estávamos no caminho para a escada, mas ele, novamente, parou e voltou, enquanto dizia: *Essa aqui. Quer ver?* Esperei-o ali mesmo. Não quis entrar. Ele entrou no quarto e voltou com uma farda na mão. Era preta. Parecia ser de alguma força especial. E João me mostrava o nome, ainda gravado, do oficial a quem aquela farda havia pertencido. Disse que era amigo dele e que havia deixado a farda lá, para ele. Voltou, então, a contar a história de como ele quase arrumou briga com alguns conhecidos que o reconheceram fardado na rua e estranharam aquilo. Neste momento já estávamos subindo as escada.

Antes de chegarmos ao topo já era possível perceber que a luz de dentro da casa estava acesa. João, na minha frente, já ia gritando: *Mãe?* Já em cima, João falava com alguém: *Cadê a vó?* Havia um garoto, sentado no sofá, jogando videogame. *Não está?* - João continuava a falar. E só a ele eu ouvia. O garoto não desviava o olhar da tela.

Esse aqui é o Marcos... ele me apresentou. Ele é psicólogo, veio ajudar o pai... O garoto parecia constrangido. Eu, ao menos, estava. Cumprimenta ele, pô. Veio lá de São Paulo para ajudar o pai! O garoto pausou o jogo e levantou o olhar. Com um sorriso no rosto, estendi a mão. E João falava: *Esse é o meu filho. Tenho mais um e a minha menina. Esse daí não para de jogar esse jogo o dia inteiro. E depois eu que sou viciado!* - e gargalhava.

Sentia-me constrangido pela forma com que ele me apresentava. Era como se pusesse, logo nas primeiras palavras, toda a carga de uma expectativa ao se referir a mim. Mais ainda, era como se ele não respeitasse qualquer privacidade. Ele usava toda e qualquer informação que eu o havia dado sobre mim. Qualquer coisa que fosse entregue a ele tornava-se, imediatamente, de domínio público. Sentia-me constrangido, também, pelo garoto. Em sua posição, creio que sentiria um desconforto enorme, caso meu pai trouxesse alguém, que acabou de conhecer, para mostrar as roupas sujas da casa. A maneira meio *blasé* do garoto soava como uma maneira de lidar com aquela invasão que a presença do pai causava.

Lembrei-me, então, que geralmente havia pessoas frequentando aquela casa, mesmo que apenas pelo circuito portão-escada-quarto. Perdia-me em questões e imaginações sobre como aquilo tudo funcionaria. João já havia me dito que o pessoal que vai usar drogas fica só lá embaixo. Mas eu não conseguia conceber que as noites de uso de cocaína, cerveja até o chão, calças abaixadas ou mesmo a simples maneira com que o quarto era usado (representado nele próprio, com marcas na parede – eu mesmo havia acabado de deixar uma – e fotos do próprio ambiente) passassem despercebidos para o restante da casa. E João me indicava que, mesmo que passassem, ele próprio, cinicamente, traria tudo aquilo à tona.

Ele me conduziu à cozinha. Pedi água. Enquanto servia, ele ia falando que não usava na frente dos garotos, mas que eles percebem. *Não tem jeito, eles vão crescendo, vão começando a entender as coisas... Esses dias mesmo o meu mais velho estava me cobrando...* Perguntei como era à noite, com as pessoas entrando e saindo. Ele disse novamente que o pessoal fica só lá embaixo. *A festa é só lá em baixo.* Contou que antes ele dormia na casa, mas por conta da situação ele havia decidido ficar lá embaixo de vez.

Era uma construção interessante. Três níveis. O térreo, da casa, onde sua mãe morava com seus filhos; o andar superior, onde sua irmã vivia com o marido; e o espaço

lá embaixo, uma edícula abaixo do nível da rua, onde ele *vivia*. Da janela da cozinha da casa era possível ver um horizonte inteiro de casas e prédios. Um mar de morros de concreto e luzes. João dizia que aquele era o único lugar de onde era possível ver a cidade inteira. Ia apontando regiões e nomeando os bairros, enquanto dizia que toda a cocaína vendida naquela região era a mesma que ele tinha me mostrado, a *Pikachu*, e disse que aquele amigo, cuja carta ele me mostrou, era quem comandava o tráfico de toda aquela área. Comentava que sua família era a mais antiga daquele bairro e que, antes, não havia nada daquilo que víamos pela janela.

Perguntei mais uma vez como eu poderia fazer para chegar à avenida principal. Minha preocupação ia para além de indicá-lo que eu queria ir. Aquele encontro tinha me deixado muito cansado. Eu, também, de fato me preocupava em conseguir voltar para casa. *Peraí que eu já te explico. Deixa eu te mostrar lá em cima*. Percebi que eu não sairia dali sem antes ver tudo e falar com todos. Ele me guiou à escada que dava acesso ao andar de cima. Era fora da casa.

Enquanto subíamos, João ia gritando que estava subindo com um psicólogo que foi ajudá-lo. *Se não ela acha que é os nóia que vem aí e ela não gosta*, comentava sobre a irmã. Ele não sabia se ela estava em casa. Eu torcia para que não estivesse.

O andar de cima era como se fosse outra casa. Seria, inclusive, completamente independente caso não compartilhasse o portão de entrada. Um terraço na frente com poucas roupas penduradas no varal e uma pequena horta em toda a extensão lateral oposta à escada. Um lugar muito agradável, por sinal. As luzes estavam apagadas, mas havia algo iluminando o interior da casa. *A TV está ligada. Ela está aí*.

Mesmo com a porta entreaberta, João não entrou. Chamava-a de fora. Gritou seu nome, inclusive, para além do que eu faria antes de desistir. Ele não desistia. E eu, ao seu lado, com uma mochila nas costas, fedendo a um perfume amadeirado, esperando que ela viesse nos encontrar para que João me apresentasse a ela como um profissional que veio de longe para ajudá-lo.

Uma mulher, então, aparece à porta. Rosto e cabelos de quem havia acabado de acordar. *Tá passando mal ainda?* - João pergunta a ela. “Já estou melhor. O que você quer?” *Tá vendô, Marcos, como trata a gente? Eu vim aqui te apresentar, um psicólogo que veio me ajudar a sair dessa, e ela fala assim*. Sua irmã olhou para mim e me cumprimentou com um gesto de cabeça. Voltou a olhar para ele e disse: “Você

é safado. É isso que você é. Safado. Só fala, fala, fala... Tá falando que vai melhorar há quanto tempo, já?”

Eu não entendia o porquê de João haver me levado ali. Será que ele não previa isso? Ou seria justamente isso que ele queria me mostrar? João me contava sobre ela, dizia que o marido dela vivia lá também e eles ajudavam a cuidar dos seus filhos, enquanto ela o encarava fixamente. Contou sobre a horta dela e disse que eles não compram alface naquela casa: *Não precisa. Tem aqui! Fresquinho, sem química, nada.*

Olha como ele está cheiroso! - dizia para ela e gargalhava. *Ele gostou do meu perfume...* Comentou que eu havia saído de São Paulo só para ajudar ele e passou a fazer promessas, dizendo que a partir daquele dia sua vida estava mudando. *Pode escrever isso que eu estou falando*”, ele dizia. “Nem perde o seu tempo, que esse aí é safado. Só fala...”, sua irmã me alertava, enquanto nos despedíamos. A imagem que eu fazia dela, naquele momento, era a de alguém que decidiu não mais se decepcionar criando expectativas quanto ao João.

E João continuava: *Você vê? É só isso aí que eu escuto o dia inteiro. Safado, nóia...* enquanto descíamos a escada. João entrou para pegar a chave do portão e na volta chamou seu filho, que ainda jogava videogame, para se despedir de mim. *Vem cá, meu, falar tchau*, ele chamava. O garoto pausou o jogo e nos acompanhou até o portão. *Olha como ele está cheiroso!* - comentou com o filho também.

João começava a me explicar o caminho para a avenida principal, quando um sujeito de moto estacionou na frente da casa. Tirou o capacete, com um sorriso no rosto. João o havia reconhecido antes disso e já falava com ele. Apresentou-me, desta vez, como um psicólogo da USP que veio estudar como ele vive. Percebi que não era sempre da mesma maneira que ele me apresentava. João começou a conversar com ele sobre como me explicar o caminho de volta e perguntou se ele podia me levar até lá. “Não precisa”, eu dizia. Mas João é quem respondia por ele: *Não! É aqui do lado. Ele está de moto, é rapidinho*, e o rapaz repetia: “É rapidinho...”, enquanto punha de volta o capacete.

Despedi-me de João e de seu filho. João me agradecia muito por ter ido lá, dizendo que no dia seguinte falaria com a nossa colega e contaria sobre a entrevista. Insistiram e eu aceitei a respeito de seguir a moto, embora um pouco receoso. Eu não apenas não queria incomodar. Não gosto de dirigir seguindo outro carro, quanto mais

seguir uma moto, à noite, num lugar que eu não conhecia. Para minha surpresa, entretanto, o rapaz que segui foi bastante atencioso comigo. Ia devagar, assinalava que ia virar... Algumas esquerdas e direitas depois, ele encostou a moto e me apontou a avenida que eu procurava, ainda com o mesmo sorriso no rosto quando tirou o capacete apenas para dizer: “É ali.” Agradei e continuei meu trajeto.

Apesar do alívio que senti ao sair de lá, principalmente ao reconhecer a avenida que me levaria de volta à segurança daquilo que me é conhecido, aquele encontro ficou impregnado em mim por algum tempo. Seja pelos questionamentos que emergiam a partir de tudo o que me foi dito, pela ansiedade em relatar aquele encontro ao meu grupo de pesquisa (uma urgência em arrumar testemunhas para a minha experiência), pelas tentativas de compreender o uso que João havia feito da minha presença ou, ainda, pelo forte cheiro amadeirado em mim.

3.5 - Marcos *Light*

Nos dias seguintes, algumas dúvidas começaram a me incomodar. Nas minhas tentativas de compreensão do que havia ocorrido naquele encontro que, ao menos aparentemente o havia mobilizado, eu sempre esbarrava no vazio da continuação daquela história. Teria ele, de fato, não usado cocaína aquela noite? Aquela força que ele parecia ganhar com a minha presença teria se sustentado após minha partida? Na minha imaginação, o rapaz que me acompanhou até a avenida havia aparecido lá para cheirar cocaína com o João. Teria ele voltado?

As respostas a tais perguntas, de maneira alguma, poderiam atestar qualquer sucesso ou fracasso daquele encontro (o que eu buscava era apenas o relato de alguém que se diz viciado em algo; e o que me havia sido oferecido excedia em muito isso: pude ouvir, gravar, olhar, fotografar, sentir o cheiro, viver e sofrer com a dificuldade em sair dali, ser afetado pelo seu jeito invasivo e performático). Mas, tais respostas poderiam me aproximar ainda mais da maneira como João lida com o seu vício, inclusive porque poderiam trazer uma dimensão temporal, um movimento.

Seria falso, entretanto, afirmar que minha curiosidade quanto ao prosseguir daquela história estava puramente nos domínios do meu estudo acadêmico, ou da minha prática enquanto psicólogo. Eu estava, de fato, curioso. A curiosidade *acadêmica* foi, porém, a justificativa (que ofereci a mim mesmo) para, após dez dias, ligar para ele.

Que bom que você ligou! Eu estava precisando falar com você, mesmo. João parecia muito ansioso. *Você não sabe o que aconteceu... Que eu te falei que você tenta fazer as coisas certo e no dia seguinte dá tudo errado, lembra? Então...* - ele falava antes mesmo que eu dissesse o porquê de eu haver ligado. Isso parecia não importar.

Começou a contar que havia brigado com a sua mãe e com seu irmão e que essa briga havia envolvido, inclusive, a polícia. Mas, tamanha era sua ansiedade, tornou-se muito difícil entender o que ele dizia. Ele estava em horário de trabalho e, portanto, dirigindo enquanto conversava comigo. João também tem o hábito de falar com as pessoas à sua volta enquanto fala ao telefone, de modo que, em alguns momentos eu não sabia se ele falava comigo ou com o diretor, seu patrão, para quem ele dirigia naquele momento. *Ele* (o diretor) *sabe de toda a história, é tranquilo*, João se adiantava ao meu choque. Mais uma vez ele publicizava algo que, ao meu ver, até para proteção própria, estaria na ordem do privado.

Percebi que seria complicado falar com ele, naquele momento, sobre o prosseguir do nosso primeiro encontro, embora ele já o estivesse tentando me contar. Propus que nos encontrássemos novamente, como uma “continuação da entrevista”. Minha ideia era a de que, uma vez que já havíamos nos encontrado e um contato mais “confiável” já havia se estabelecido, seria agora possível que ele fosse até a USP. Mas ele parecia não se sentir à vontade com isso, ainda. *Poxa, você tem que ir lá em casa para ver o que aconteceu, o que a minha mãe fez, que eu briguei com ela e com o meu irmão...* Ele me requisitava lá, novamente:

- *Os meus filhos já estão me cobrando: quando é que o Marcos Light vai voltar?*
- *Quem?*
- *Você, pô.*
- *Marcos o quê, você disse?*
- *Marcos Light! Da companhia de força elétrica. Você não escreveu lá: ‘Força, João...?’ Então! Meus filhos te apelidaram de Marcos Light, da empresa de força elétrica.*

João gargalhava ao dizer isso e repetia que seus filhos perguntavam quando eu iria voltar. Eu fiquei assustado com a voracidade com que ele me significava e tentava me trazer para o seu mundo. Sentia, naquela conversa, que ele transbordava, precisava me

mostrar mais. Minha ligação, ao invés de esclarecer qualquer coisa, trouxe mais questões, curiosidade e preocupação. Combinamos outro encontro em sua casa.

3.6 - Pikachu

No segundo final de semana após o nosso primeiro encontro, sou pego, por mim mesmo, preparando-me (emocional, espiritual, mentalmente...) para encontrá-lo mais uma vez, enquanto dirigia pela avenida que separava a minha segurança de ter um papel bem definido, da angústia de estar ali, à mão, para que João tivesse onde transbordar.

Dessa vez não me perdi. Ao virar na esquina que João varria quando fui lá pela primeira vez, percebi que o carro dele estava estacionado na rua, a alguns metros do portão da casa. Estacionei. Ainda pelo retrovisor, pude ver que a porta do passageiro estava aberta e João estava no carro com outras pessoas. Eram seus filhos. Estavam todos lá, ouvindo música dentro do carro. Sorriam. Pareciam felizes. João, de óculos escuros, falava e ria enquanto todos saíam do carro. Ele ficou lá por algum tempo, guardando coisas no porta-luvas e aumentando o som para que eu ouvisse, enquanto eu permanecia em frente ao portão da casa, cumprimentando seus filhos que já entravam.

Sentia-me, ao mesmo tempo, aliviado e traído por toda aquela felicidade. Quando havia falado com ele, soava como se sofresse muito. Achei que o encontraria numa situação muito diferente daquela cena despojada, ouvindo música na rua, com os filhos, sorrindo de óculos escuros.

Ele já veio falando. Dizia que tinha acabado de dar aquele carro: *Eu disse para o meu mais velho que quando ele fizer dezoito, o carro é dele. A gente estava dando uma volta.* Nem sequer havíamos descido as escadas para o quarto, ele já dizia que tinha brigado feio com seu irmão, enquanto tirava os óculos e me mostrava o olho roxo. Estava bem machucado. Parecia o resultado de uma briga de rua. *Mas agora já está tudo bem. Eu já conversei com a minha mãe, pedi desculpas para ela... Mas para o meu irmão eu não pedi desculpas...*

Descemos. O chão, desta vez, não grudava. Não havia *tigelas-cinzeiro* transbordando e nem fotos do próprio quarto. O armário de cigarros estava fechado. *Olha só o que eu ganhei!* - João dizia enquanto entrávamos no quarto. Havia, no fundo, perto da mesinha, um bicho de pelúcia bem grande. Devia ter quase um metro e meio. Era o

personagem de desenho, Pikachu, cujo nome João havia atribuído como apelido à cocaína que era vendida naquela região.

Aquele meu amigo que eu te mostrei a carta, que é o dono, o chefe do tráfico aqui, me mandou de dentro da cadeia. Para fazer piada, que eu que comecei a chamar de Píkáchu por causa do saquinho amarelo...

Eu ri junto com ele. Era uma piada interna, cuja graça dependia de se conhecer aquela história. Porém, a comicidade daquilo, para mim, ia além. Parecia algo muito cínico. Eu me lembrava dos atendimentos em Plantão, que havia feito na Fundação CASA (antiga FEBEM), onde a circulação de bens e informação entre os internos e o “*mundão*” era muito difícil e restrita. E ali estava, representado naquele bicho de pelúcia gigantesco, um poder que, de maneira escrachada, se escancarava para fazer piada. João se enaltecia com aquilo. Dizia com orgulho que aquele homem tão poderoso havia se lembrado dele e mandado entregar, em casa, aquele bicho.

“Então, você está bem”, comentei frente à nossa descontração. *É... Mais ou menos... agora está.* Contou que, durante a semana, sua mãe havia colocado as crianças para dormir lá embaixo, naquele quarto onde estávamos. *Taí, olha só* - ele me apontava um colchão encostado na parede, atrás da cama. “Por que ela fez isso?”, perguntei. *Ah, por quê?* Ele perguntou em tom sarcástico, como se a resposta fosse algo óbvio. De fato era. Aquilo soa muito familiar quando estudamos ou trabalhamos com pessoas viciadas: um movimento das pessoas ao redor para tentar, de alguma maneira (muitas vezes prática) restringir ou impossibilitar o ato viciado. “Para dificultar”, ele respondeu.

Falou que perdeu a cabeça e agrediu sua mãe. Verbalmente. Contou-me exatamente assim, como se quisesse gravar a impressão do “agredir”, antes de aliviar sua ação com o “verbalmente”. Frisava e repetia que nunca havia feito isso antes. Contou que, enquanto discutia com sua mãe, seu irmão chegou: *Você não pode falar assim com a mãe e... deu um soco na minha cara*, João descreveu. Disse que tudo aconteceu na frente dos seus filhos. Chamaram a polícia, inclusive, mas ninguém quis fazer um boletim de ocorrência. *Mas agora já está tudo bem. Já abracei a minha mãe... Pedi desculpas... abafou.*

Apesar de ter levado o gravador, não fizemos outra entrevista. Eu não sentia que caberia ali. A única serventia que teria seria a de enquadrar aquele nosso encontro.

Justificá-lo, de alguma maneira. Preferi permanecer num vazio, para ver o que dali brotaria. Ele havia me chamado e isso bastava.

João perguntou se eu já havia escrito a minha pesquisa. contei que nem havia tido tempo, ainda, de transcrever a entrevista e que minha dissertação demoraria um pouco para ficar pronta. *Se você for fazer entrevista com outras pessoas eu tenho um monte de gente para te indicar!* - João oferecia rindo - *O que não falta é louco para te contar essas histórias...*

Não precisei perguntar a ele o que havia acontecido na noite e nos dias seguintes à minha primeira ida lá. Ele já me contava, para provar a sua fala anterior: *Quando você pensa em parar, cara, você fica um dia sem usar, no outro dia você usa em dobro, porque parece que as coisas vêm mais fácil. Para prejudicar mais ainda você.* Disse que não usou durante aquela noite, mas nos dias seguintes acabou usando muito mais, por conta de algumas pessoas. Dizia que era muito difícil parar, porque todo mundo conhecia ele e as pessoas levavam drogas com a expectativa de passar a noite inteira lá, usando. Aquele quarto parecia ser mesmo público.

Minha frase na parede estava bem próxima ao *Pikachu* de pelúcia. Ambos no meu campo de visão enquanto, sentados, conversávamos. As duas imagens pareciam competir, numa guerra velada. E o *Pikachu* amarelo parecia muito mais atrativo que a minha frase pesada, em preto na parede branca: “Força, João. Força...”. Parecia um corpo estranho naquele quarto. Por que eu havia escrito aquilo? Mesmo sem uma resposta, Marcos Light parecia esvaziar, pela brincadeira, qualquer significado mais sério que aquilo pudesse ter. Era uma competição desleal. Como seria possível uma mudança naquele vivo?

Lembrei a ele o que havia me dito, sobre se internar. Fiz isso na forma de uma pergunta despretensiosa, cuja resposta apenas confirmaria uma informação que me falhava à memória: “Você disse, da outra vez, que tinha um amigo que se ofereceu para pagar uma internação para você, é isso?” *É. O Ernesto. Ele tem (conhece) uma clínica em Sorocaba...* Falou, novamente, que ainda não havia se internado por causa do seu emprego e da guarda de seus filhos. Quanto à guarda, acreditava que a perderia caso se internasse. Imaginava que o fato de se internar poderia ser usado como prova de que ele usava drogas. Quanto ao emprego, dizia que estava esperando fazer um ano, pois era concursado e não poderia pedir uma licença, ainda.

Comentei com ele que não sabia ao certo e que poderia, inclusive, pesquisar sobre isso, mas imaginava que a internação não implicaria na perda da guarda dos filhos. Refleti um pouco com ele. Disse que, caso alguma questão judicial pudesse vir à tona, um juiz não entenderia a internação apenas como prova de que ele usava drogas, mas também como prova de que estava tentando se tratar, inclusive para poder cuidar bem das crianças... Eu imaginava, em voz alta, para ele.

“Ainda está de pé?” - perguntei sobre a oferta que seu amigo empresário havia feito. João disse, com muita certeza, que estava. Contou que havia ajudado Ernesto com a empresa e que aquele só estava retribuindo um favor. *Eu já ajudei ele numas questões, sempre estou lá dirigindo para ele...* João punha essa relação como um compromisso de mão-dupla. Ia me contando o quanto ele ajudava Ernesto e o quanto este lhe era um *suporte*. *Você quer falar com ele?* foram suas palavras, enquanto “Você vai falar com ele!” era o que João me dizia com sua ação, já com o celular na mão, discando o número.

Ernesto atendeu. João contou que eu havia voltado lá (aparentemente já havia, ao menos, comentado com ele sobre nosso primeiro encontro). *Fala com ele* - João já me passava o telefone. Era nítido como, tanto Ernesto quanto eu, havíamos sido repentinamente postos numa situação que não havíamos previsto. Era desconfortável. Constrangedor. Não tive outra escolha senão falar sobre João e sua proposta.

Ernesto tinha a voz de um garoto. Disse que a oferta ainda estava em pé, que cuidaria dos custos da internação quando João estivesse pronto. “Ele diz que tem medo por causa do trabalho, porque ele é concursado”, Ernesto me explicava, usando os mesmos argumentos que João, na entrevista, atribuíra a ele. Porém, devolvia a João a autoria desse argumento.

Conversamos rapidamente. Ele disse que estava trabalhando e precisava desligar. Comentei que eu estava disponível, caso precisassem de algo, e que João tinha meu contato. Passei o telefone para o João, que se despediu e desligou.

Você tem que conhecer ele, cara. Ele é novão, que nem você... - João ia me dizendo, enquanto eu me via, ainda, com dúvidas a respeito daquela proposta: Será que Ernesto sabia o custo de uma internação? Seria tão grande, assim, a dívida que tinha com João? Estaria ele apostando que João não fosse tomar essa atitude, como se blefasse? Eu não compreendia bem aquela história.

“Ele parece gostar bastante de você, não é?”, comentei. João respondeu que, sempre que Ernesto precisava, ele saía dirigindo. Contou que já foi até o Rio de Janeiro para a empresa dele e que, se precisasse, saía de madrugada, como já havia feito diversas vezes. *Ele está sempre aqui, conhece meus filhos. Eu estou sempre lá na empresa dele*, João dizia. Tentava me mostrar que havia intimidade naquela relação. Para além (ou aquém) da cocaína. Era, ao mesmo tempo, seu vício que fundava ao menos um dos dois sentidos daquela relação de ajuda e, no fim, o simples fato de eu estar lá. Mas João a punha como estando fora do âmbito do uso, protegida da cocaína, trazendo Ernesto para perto dos seus filhos, não misturando a droga com a *emoção* ou com o trabalho.

Sua amiga ligou. A mesma que havia ligado durante a entrevista. Desta vez João falou com ela de maneira bastante diferente. Ria muito. Às vezes, voltava-se para mim, dizia alguma coisa, voltava ao telefone e resgatava a conversa. Por muitas vezes não entendi o que ele dizia. Pude, ao menos, entender que ele contou que eu estava lá e ela fazia brincadeiras quanto a isso, perguntando se ele estava em terapia e dizendo que estava ficando com ciúmes. João gargalhava. Passou algum tempo conversando com ela.

Ao desligar, falava dela quase com as mesmas palavras que havia usado antes. Dizia que ela precisava de ajuda, que tinha ido reconhecer o corpo da irmã debaixo do edredon, que gostava mais do que lasanha e que era minha colega de profissão. Lembrou-se da cena do perfume e lamentou-se por ter se esquecido de contar o quanto eu havia ficado *cheiroso* com o perfume que ela deu para ele.

Esse segundo encontro teve, no relógio, a mesma duração do primeiro. Estive com João por cerca de duas horas. Lembro-me, entretanto, de me espantar ao ver as horas e perceber que já beirava as oito. Não parecia ter ficado ali meia hora, sequer. Talvez pela descontração desse encontro, pela ausência do gravador à nossa frente, pela minha preparação (de espírito) prévia, ou pelo simples calo resultante da primeira experiência, esse segundo encontro ficou na memória como muito mais curto e tranquilo.

Disse que já estava tarde e precisava ir. João perguntou se eu não queria fotografar o *Pikachu* para colocar na minha pesquisa. Comentei que poderiam reconhecê-lo e eu precisava garantir o anonimato. Disse que, mesmo que fotografasse, eu provavelmente não poderia colocar essa foto na minha dissertação. Ele não insistiu. Tampouco foi difícil sair do quarto, dessa vez.

Força... - ele comentou rindo, enquanto levantávamos para sair.

- *Meus filhos gostaram da sua frase. Eles já estavam me perguntando quando o Marcos Light ia voltar.*
- *Por que eles queriam que eu voltasse?*
- *Porque eles sabem que é uma ajuda. Que eles viram que eu fiquei mais tranquilo da outra vez que você veio... Fiquei à noite aí com eles...*

“Por que você ficou mais tranquilo?” - seria minha próxima pergunta. Mas contive-me em perguntá-la. Seria como se eu estivesse perguntando para ele, mais uma vez, “como eu estou te ajudando?” Fora isso, neste momento nós já chegávamos ao topo da escada.

3.7 - Deus te ajude

A luz da casa estava acesa. Havia uma senhora de idade, sentada. *Minha mãe está aqui. Vem cá, para você conhecer ela* - ele me conduzia à porta de entrada. Ela assistia ao noticiário. João me apresentou: um psicólogo da USP que veio fazer uma entrevista com ele. Ela me cumprimentou dizendo “boa noite” e voltou o olhar à televisão, com o mesmo semblante *blasé* do filho e da irmã de João. Eu não sabia, ao certo, se aquilo era uma reação a ele próprio. Perguntava-me se, talvez, aquilo não seria simplesmente a maneira com que as pessoas daquela família se comportavam frente a um desconhecido. Ou seria pela maneira com que João me apresentava, sugerindo muita importância no meu papel de entrevistador da USP, que veio de São Paulo? Ou ainda, não seria aquilo apenas um engano da minha percepção, falseada pelo descompasso que a agitação do João trazia à cena, fazendo com que os outros parecessem desanimados, pelo contraste? Todos, porém, pareciam-me quase que indiferentes com a presença do João, enquanto ele falava alto e ria.

Ele enaltecia sua mãe. Dizia que ela era uma das primeiras moradoras daquele bairro e que era uma das fundadoras de um grande partido político. Mostrava-me fotos dela, em porta retratos espalhados pela sala e pedia a sua confirmação para as histórias que ele ia contando. Ela as dava, às vezes sem tirar os olhos da televisão, com um curto “é”, ou “foi”. Nem sequer quando João retomou o que havia acontecido durante a semana, história da qual ela era um dos protagonistas, ela entrou na conversa. Deixou com que João contasse suas ações e atribuisse sentido a elas sem, sequer, se manifestar. Esboçava, às vezes, alguma reação facial, às quais a fala de João permanecia indiferente.

Após alguns instantes ali, João começou a fazer promessas, como havia feito para a irmã. Comprometia-se em mudar, dizendo que a partir daquele momento, daquela ajuda que ele estava tendo, ele conseguiria. *Como eu já prometo para a senhora há muito tempo, né?* - ele dizia, olhando para ela.

Quando ele parou de falar por alguns segundos, ela voltou seu olhar para ele e disse apenas: “Deus te ajude”. Apesar do conteúdo do que dizia, ela me parecia tão incrédula frente às promessas do João quanto a irmã dele. A única diferença era a de que sua mãe parecia não poder se dar ao luxo de desistir do João. Ela apenas se calava frente àquilo.

Despedimo-nos e João me acompanhou até o portão. Agradecia por eu ter ido lá e falava que, novamente, ia *ter forças para dizer um não*. Explicou-me o caminho de volta para a avenida, para onde segui sem o cansaço que senti ao sair de lá da primeira vez. Agora, porém, trazia comigo uma espécie de desilusão.

Algo me dizia que seria muito difícil que João conseguisse mudar, levar à frente seu projeto de se internar numa clínica de reabilitação, embora ele tivesse à disposição tudo que precisaria para isso. Seu vício em cocaína parecia ser a base de todas as suas relações. Das pessoas que frequentam sua casa para cheirar e deixam presentes e marcas na parede, às que estão em contato com ele como *suportes*, que tentam, de alguma maneira, ajudá-lo. O uso da cocaína e, do outro lado, sua necessidade de ajuda, por conta desse próprio uso, pareciam ser as duas tônicas que apareciam em todas as relações que ele me mostrava. Ele existia enquanto corda de cabo de guerra, como ponto de tensão entre duas forças opostas.

3.8 - Testemunhas de uma história em curso

Mantive-me muito próximo daquela história. Sentia grande necessidade em arrumar testemunhas com quem compartilhá-la, enquanto transcrevia a entrevista que eu havia colhido. Precisava revelar, não só o ocorrido, mas, principalmente, como eu havia sido afetado por aquela relação que não tinha, sequer, nome, senão sob a justificativa de um trabalho acadêmico. Era um sentimento muito próximo à necessidade de uma supervisão, logo após um atendimento em Plantão. Marquei, então, uma orientação com o meu grupo de pesquisa, para o qual enviei a entrevista, já transcrita.

Junto ao grupo narrei, pela primeira vez, meu contato com João. Por cerca de uma hora e meia, tentei relatar tudo aquilo desde o começo, com a mesma ansiedade que

eu havia atribuído a ele quando me contava suas histórias e me mostrava suas coleções de saquinhos, pinos e maços. Eu ia, também, mostrando as fotos que João me havia feito tirar, narrando o que aconteceu e a forma como eu havia me sentido.

Por muitas vezes, pude ter o grupo me acompanhando durante meu relato. Vivências de outras pessoas viciadas foram sendo lembradas por colegas que trabalham ou trabalharam em instituições que atendem dependentes, enquanto eu ia tecendo minha narrativa. Pude, ao mesmo tempo, ter presente o espanto daquele grupo frente ao perigo que eu poderia estar correndo por ir até lá e registrar aquilo tudo. Perigo, esse, que eu havia visto passar na minha frente, mas não com a dimensão que esse grupo, de fora, me apontava. E com minhas testemunhas, aquela história, ainda em curso, foi se veracizando.

Minha dissertação começou, também aí, a tomar forma. Frente à minha experiência narrada, o grupo se empenhou num movimento que, no sentido estrito do termo (*inclinarse* para ver), não era senão uma atividade clínica. É importante lembrar que meu narrar não se deu apenas como um relato (relatório), pretensamente neutro, sobre a sucessão de ocorridos. Foi a própria maneira com que eu fui afetado nessa relação que, narrada, pôde trazer, ao mesmo tempo, o vício enquanto fenômeno que afeta, impele aquele ao qual se dá a ver; e a consequente abertura para uma clínica, livre da dívida de uma técnica.

O rumo que esta pesquisa seguiria foi traçado. A narrativa da minha experiência parecia ser muito mais fecunda que a entrevista, enquanto tentativa de compreensão e transmissão de um conhecimento vivo, tecido a respeito do vício. Por este motivo, a própria entrevista se encontra, aqui, narrada e está integralmente disponibilizada como anexo de pesquisa (ANEXO II). Meu planejamento inicial de colher entrevistas de diversas pessoas, com diferentes vícios, já não cabia mais. Não cabia no espaço-tempo de uma dissertação de mestrado; não cabia na minha disponibilidade psíquica, caso todas as entrevistas se dessem daquela maneira; e não cabia, como um absurdo, frente à ideia de se abrir mão daquilo tudo que se me havia apresentado, para manter um planejamento inicial.

3.9 - Alguém que, de longe, acena

Mesmo tendo sido acertado que eu não voltaria à casa dele, mas apenas permaneceria disponível, de preferência na USP, caso ele me requisitasse, eu, de quando em quando, sentia-me convocado a entrar em contato. A essa altura eu sentia que já não

podia mais me ausentar daquele lugar em que ele me havia posto, com todas as suas expectativas. Lembrar-me de que eu não havia oferecido ajuda já me soava como desculpa. Nos meses seguintes, mantivemos um contato esporádico pelo telefone.

Todas as vezes que liguei, João me atendeu. Geralmente estava dirigindo e sempre fazia muita festa. Dizia que estava emocionado, *arrepiado*, pela minha ligação ou por eu ter me lembrado dele. Repetia sempre que precisava me ver e justificava-se: Sempre havia acontecido algum episódio, que ele narrava como trágico ou espetacular. Esse episódio era posto como causa para que ele abusasse da cocaína, ficasse muito mal e, por isso, precisava me encontrar.

No meu primeiro contato, após os dois encontros, ele pediu que eu voltasse à sua casa. Usei, mais uma vez, a relação burocrática com a Universidade para explicar que já não fazia sentido eu permanecer indo lá. Entretanto, lembrei a ele que, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que assinamos antes da entrevista, eu permanecia disponível caso ele precisasse de atendimento ou algum encaminhamento. Porém, ele precisaria ir até a USP para conversarmos.

Nos contatos seguintes, João pegou o endereço do Instituto de Psicologia, o horário de funcionamento do Serviço de Atendimento em Plantão Psicológico, o telefone do meu consultório... Em ambas as ocasiões, disse que iria me encontrar na semana seguinte ou, ao menos, entrar em contato. Nunca o fez. Eu, também, não esperava que fizesse.

As imagens de sua mãe e sua irmã sempre me vinham à cabeça quando ele, sem qualquer indício de cobrança da minha parte, selava compromissos como se respondesse a uma expectativa minha. Sua irmã o agredia por isso. Sua mãe se calava e entregava a Deus. Eu tentava favorecer com que acontecesse, incentivando-o a vir, dizendo que eu estaria lá para recebê-lo, passando horários alternativos e os telefones que ele me pedia; mas não podia deixar de compartilhar um pouco da *desesperança* delas.

Era sempre difícil desligar. Passei a me preocupar com o horário do meu próximo compromisso antes de fazer uma ligação para ele. Eram tantos episódios, que parecia fazer muito tempo desde o nosso último encontro. Ele apresentava uma urgência em me contar as coisas. Eu não conseguia, muitas vezes, tirá-lo de seu monólogo para perguntar algo ou fazer um comentário sobre o que ele dizia.

Geralmente eu conseguia um pequeno espaço na conversa, já no fim, quando anunciava que eu precisaria desligar em breve. Nesse curto momento, perguntava sobre o que ele estava pensando em fazer com aquilo tudo. Eu pedia uma continuação para

aquelas histórias que ele me contava. Ele murchava. Dizia que precisava parar, porque não estava aguentando mais. Falava que sua mãe e seus filhos não mereciam aquilo. E voltava a se inflar, agradecendo por eu ter ligado e dizendo o quanto minhas ligações o ajudavam.

Falava que, em diversas ocasiões, quando pensava ou estava prestes a fazer algo arriscado (dirigir na contramão ou muito rápido, dar *cavalos-de-pau*...) ele se lembrava de que eu havia ligado para ele e desistia da ação. Mais uma vez, apresentava o *compromisso* comigo como base para um cuidado próprio, que pode ser, sem muitas perdas, reduzido a algo muito básico, como um cuidar de estar vivo amanhã, ou ao menos ponderar isso frente ao emergir de uma vontade. Ele justificava essas suas atitudes como uma incoscência momentânea. *Sei, lá... Às vezes eu estou dirigindo aí me dá uma loucura, de acelerar, de dar cavalo-de-pau... Eu sou louco, Marcos. Diz se eu não sou louco?* Ele ria, ao me explicar isso, claramente convencido de que ouvir que eu próprio era causa do seu cuidado me agradaria muito. Ele parecia dizer isso como se me elogiasse; e a si próprio, com o rótulo de louco.

3.10 - Ensaios de um *lançar-se*

Foram cerca de quatro ligações num período de cinco meses. Numa sexta-feira, em meados de Dezembro de 2011, recebi uma ligação sua. Era a cobrar. João parecia nervoso e mais agitado que o usual. Dizia que não estava aguentando mais e que percebeu que precisava se internar porque vivendo ali, daquele jeito, ele acabaria morrendo. Falou que chegou a conversar com seu chefe sobre isso. *Vai se cuidar que você está mal, que quando você voltar a sua vaga está aqui* - João reproduziu a fala dele. Não voltou a falar sobre seu medo de perder a guarda dos filhos.

“Então você tem tudo o que precisa para se internar, não é?” - perguntei. *Mais ou menos. Eu queria falar com você, antes.* Ele passou a me perguntar sobre como seria uma internação. Perguntava se poderia ver os filhos e falar com a mãe enquanto estivesse lá. Pedia-me uma descrição, uma antecipação da experiência na qual ele, receosamente, porém sem alternativas, ensaiava lançar-se. Eu sentia-me com a responsabilidade de incentivá-lo sem o assustar. Pisava em ovos ao falar com ele.

Eu respondia às suas perguntas com informações gerais que tinha sobre o funcionamento de uma clínica de reabilitação. Com a ressalva, porém, de que cada clínica

possuía seu conjunto próprio de regras. Comentei que, uma vez que estava se internando voluntariamente, tudo aquilo seria previamente explicado. “Você já tem uma clínica em mente, não tem?” - perguntei. João me respondeu que essa clínica era muito longe. *Vai ficar difícil para a minha mãe me visitar* - ele explicava. *Eu queria alguma coisa mais perto* - afirmava como quem solicita.

Comentei que as clínicas costumam ser afastadas dos centros urbanos, geralmente em cidades do interior. Ele disse que sabia disso, mas, ainda assim, Sorocaba era muito longe. Perguntei, então, se ele gostaria que eu pesquisasse a respeito de algumas clínicas mais próximas à sua casa. *É, não muito longe. Que possa ter visita*, ele já ia me passando as condições. Combinamos que eu pesquisaria uma clínica e ele, por sua vez, viria até a USP para pegar as informações pessoalmente. Lembrei-me, também, de pegar o número de telefone do Ernesto, que estava responsável pelos custos dessa internação. Sentia-me como cuidando de possíveis arestas que poderiam minar aquele movimento que se anunciava.

Comecei minha pesquisa. Nenhuma das clínicas que eu conhecia, direta ou indiretamente, poderia recebê-lo. Pela proximidade da época de festas de fim de ano, as clínicas tinham uma demanda maior de internação. Não havia vagas em algumas delas e, em outras, as poucas vagas restantes eram destinadas à internação de emergência, ou seja, o serviço de internação voluntária estava suspenso. Precisei, então, estender minha pesquisa a clínicas que eu não conhecia. Usei a internet para pegar nomes, endereços e telefones de centros de reabilitação próximos à região onde João mora.

Na minha primeira tentativa, fui atendido diretamente por um dos diretores da clínica. Apresentei-me como um psicólogo de São Paulo e, ao invés de perguntar diretamente sobre a existência de vagas para internação voluntária, resolvi contar a ele o que estava acontecendo. Disse que nenhuma das clínicas que eu conhecia estava recebendo pessoas para internação voluntária. “A internação seria para você?” - ele perguntou após me ouvir. Neguei e disse que, por conta da minha pesquisa de mestrado, estava em contato com uma pessoa que tinha resolvido se internar. “Eu estou só organizando as coisas para ele”, concluí, sentindo-me, de alguma maneira, incomodado com a sua confusão.

Ele pareceu tornar-se mais formal e solícito. Arnaldo era seu nome. Passou a me explicar que era normal a falta de vagas nesta época do ano e que o mesmo ocorria lá. “Mas, como ele já está sendo acompanhado, podemos abrir uma exceção”, adicionou.

Que diferença faz? Eu ainda não compreendia bem o sentido de se privilegiar as

internações involuntárias. Por que abria-se uma exceção a alguém que já vinha sendo acompanhado? Porém, apenas o agradei, sem trazer meus questionamentos. Ele passou a perguntar sobre meu trabalho como psicólogo. Perguntou se eu atendia em consultório, em que bairro era; se eu trabalhava com dependentes químicos e famílias... Respondi suas questões e expliquei novamente que meu contato com a pessoa que se internaria havia se dado por conta da minha pesquisa de mestrado.

Arnaldo, então, comentou que havia muita demanda de atendimento, principalmente para famílias e pessoas que haviam acabado de sair da internação. Parecia bastante interessado numa “possível parceria”, como ele mesmo colocava. Não refutei a ideia, mas trouxe a conversa de volta para o João. Perguntei sobre as questões formais da internação, como a duração, o valor, as visitas. Ele respondia minhas perguntas a partir de médias, padrões, porém sempre com a ressalva de que era necessário fazer uma avaliação para que se pudesse traçar um plano de tratamento. Este plano, por sua vez, é que determinaria o valor, a duração, a abertura de visitas, etc. Combinamos que eu conversaria com João e voltaria a entrar em contato.

Liguei para o João no mesmo dia. Sentia como se cuidasse de uma frágil e etérea fagulha que, frente ao menor distúrbio no ambiente, poderia se extinguir. Ele atendeu o telefone com um tom sério. Disse que não podia falar naquele momento, mas ligaria de volta. Avisei, apenas, que eu tinha uma clínica em mente e que ele já poderia ir me encontrar na USP como havíamos combinado. Antes de desligar, porém, João comentou que iria viajar e só poderia se internar quando voltasse. Convidei-o, novamente, a ir me encontrar para conversarmos e desligamos.

Da maneira com que essa breve conversa se deu, fiquei com a impressão que João quisesse contar que iria viajar antes da internação, porém sem abrir, quanto a isso, qualquer possibilidade de conversa ou questionamento. Ele apenas me comunicava sua decisão. Eu tentava compreender qual era o sentido daquilo. Lembrava-me o movimento de algumas pessoas que, frente à decisão de um controle, abrem-se a um prévio descontrole completo, quase que numa compensação adiantada daquilo que está por vir. Essa viagem do João me ficou na cabeça como a feijoada do domingo que antecede a dieta planejada para a segunda-feira. E a fala de sua irmã me acompanhava: “Nem perde o seu tempo, que esse aí é safado. Só fala...”

João não apareceu no Plantão seguinte. Tampouco ligou, como havia dito que faria. Eu, ao mesmo tempo em que tentava compreender esses movimentos dele (a decisão por internar-se, a viagem antes da internação), pegava-me divagando sobre o

sentido daquele contato. Obviamente, minha disposição para *ajudá-lo* já era de outra ordem e não podia mais ser justificada pelo intermédio acadêmico. Eu já não podia me ausentar do lugar que João me havia colocado e, tampouco, podia manter-me apenas como um espectador isento de qualquer participação afetiva naquela história.

3.11 - Ambulâncias, enfermeiros e camisas de força

Na terça-feira seguinte, cerca de uma hora antes do início das atividades do Plantão, reconheço João vindo de longe na companhia de um homem, pelo extenso corredor do Instituto de Psicologia. *Olha ele ali*, comentou abrindo um sorriso, ao me reconhecer. Cumprimentou-me e apresentou-me seu irmão, Magno. Este já se adiantou dizendo que veio, a pedido do João, trazê-lo para conversar sobre a internação.

A impressão que eu tinha era a de que ele escoltava João. Comentei que eu já havia visto uma clínica, mas queria conversar um pouco com o João, em particular, sobre isso. “Eu vou pegar um refrigerante. Vou ficar ali”, Magno disse, enquanto apontava o local onde iria esperar. “A gente vai ficar ali” - apontei para um banco um pouco afastado de onde estávamos. Minha ideia seria usar uma sala de atendimento para a conversa, mas, pela situação, pareceu preferível que conversássemos ali mesmo, a céu aberto, de onde João e Magno pudessem ver um ao outro.

Esse aí é aquele irmão que eu briguei daquela vez... - João ia me contando no caminho para o banco. Justificava seu irmão, como quem o protegia de uma acusação. Punha-se no lugar dele, imaginando como ele próprio se sentiria caso chegasse um dia em casa e pegasse seu irmão “agredindo” sua mãe. *Mas foi só aquela vez. Hoje ele está me ajudando porque ele sabe que tudo isso é sequelas dessa vida... Eu não estou aguentando mais...*

Sentamo-nos. João mostrava-me os dentes, apontava suas olheiras, falava sobre sua pele e dizia que, caso continuasse a destruir-se daquela maneira, morreria em breve. Repetia que sua mãe e seus filhos não mereciam aquilo. Disse que percebeu que, ficando ali (naquele quarto, recebendo as pessoas diariamente), ele não conseguiria mudar. Porém, às vezes ria e lembrava-se das ocasiões em que eu havia ido à sua casa.

Dizia que seus filhos estavam “cobrando” que ele me encontrasse de novo: *‘Quando é que o Marcos Light vai voltar aqui?’* - reproduzia o questionamento deles. *A sua frase ainda está lá. Força...* Comentava e ria. Dizia que estava emocionado por

estarmos conversando e agradecia-me constantemente, como fez quando nos conhecemos.

Comentei que eu havia achado uma clínica que poderia recebê-lo, mas, antes mesmo que eu pudesse passar qualquer informação, João adiantou-se dizendo que tinha uma viagem marcada. Disse que passaria alguns dias num sítio, no interior.

“Às vezes as pessoas, quando estão decidindo parar com alguma coisa, resolvem se despedir dela antes, exagerando um pouco...” - eu comecei a dizer. *Não... Eu vou com o meu filho...* - ele respondeu prontamente à minha insinuação. Disse que era aniversário do filho e queria passar um tempo com ele, antes de ir para a internação.

Não o questionei mais. Passei, num pedaço de papel, as informações sobre o centro de reabilitação e perguntei em que dia exatamente ele voltaria de viagem, para que pudesse adiantar tudo ao diretor da clínica, com quem eu havia ficado de falar novamente. João respondeu a data e disse que eu poderia agendar para logo após a sua volta. Comentou novamente que havia falado com seu chefe e reproduziu a fala daquele exatamente como havia feito antes: *‘Vai se cuidar que você está mal, que quando você voltar a sua vaga está aqui.’* Disse, também, que sua irmã e sua mãe cuidariam dos seus filhos enquanto ele estivesse fora.

Conversamos por mais algum tempo e João disse que precisava ir embora, pois seu irmão o estava esperando. Levantamo-nos e, enquanto andávamos até o local onde Magno estava, ele ia me dizendo que estava muito aliviado, pois imaginava que quando chegasse ali, na USP, haveria ambulâncias para levá-lo, à força, para uma internação. *Eu achava que ia ter um monte de ambulâncias, enfermeiros com camisa de força... Tudo aqui, só esperando para me levar!* Falava e ria muito, enquanto olhava ao redor.

Chegamos a Magno e, antes de dizer qualquer coisa, João entregou-lhe o papel com as informações que eu havia anotado sobre a clínica. Achei aquilo engraçado. Como um garoto que entrega o bilhete da escola ao pai, sem nem olhar o que há ali, mesmo sabendo que refere-se a ele próprio. Era como se entregasse a responsabilidade de si ao irmão. E essa sensação manteve-se enquanto conversamos. Magno falava diretamente comigo sobre o João, que permanecia ali conosco, calado. Falava que ele estava mal e que havia concordado em se internar. Disse que ele próprio (Magno) o levaria para a clínica. Repassei com ele as informações que eu havia anotado no papel e nos despedimos.

Nesta mesma semana, liguei para a clínica e para o Ernesto. Passei os contatos e as informações de um lado para o outro. Comentei, com Arnaldo sobre a viagem que João faria e sobre o fato de que a questão financeira ficaria sob a responsabilidade de um terceiro. De início sentia-me encabulado por essas condições, ainda mais sob a abertura de uma excessão por parte de clínica. Mas, durante a nossa conversa, isso não pareceu ser um problema. Arnaldo continuava interessado numa “possível parceria”, entre a clínica e a minha atividade profissional como psicólogo. Desta vez, fui mais solícito quanto a isso. Ele convidou-me a conhecer o centro quando levasse João. Avisei que não seria eu quem o levaria, mas que, quando pudesse, marcaríamos para que eu fosse até lá. Contou que eles têm uma sede em São Paulo e disse que entraria em contato quando viesse. Confirmei a data para a internação e repassei as informações gerais sobre duração e valores. Arnaldo as confirmou, com a mesma ressalva de que era necessária uma avaliação prévia.

Minha conversa com Ernesto foi bem curta. Apenas passei para ele as informações sobre a clínica e uma ideia geral do valor. Apesar de bastante alto, Ernesto disse que era aproximadamente esse o valor que ele tinha em mente. “Geralmente é caro, mesmo”, comentou.

A questão toda da internação, desde a decisão de João até os ajustes finais, aconteceu muito rápido. Em duas semanas, aquela relação que já se tornava monótona e distante voltou a me tomar. Até então eu sentia-me como alguém que, de longe, acena indicando que está lá, disponível caso ele precisasse. E ele precisou. Veio até mim. Desconfiado e escoltado, mas veio. E, mais uma vez, ao invés de a nossa conversa trazer compreensão, deixou mais algumas questões e desapareceu. Foi viajar.

3.12 Uma história viva no hiato institucional

Lembrei-me de João na data em que disse que voltaria. No dia seguinte, liguei para a clínica e falei com Arnaldo. Alguém da família do João havia ligado e a internação estava agendada. Liguei para o João. Ele parecia não querer conversar muito. Disse que havia voltado de viagem no dia anterior e, *como combinado*, já estava a caminho. Perguntou algo sobre a estrada e disse que seu irmão estava perdido. Sugeri a ele que anotasse o telefone da clínica, pois eles poderiam guiá-lo melhor. *Mínha mãe tem, aqui*. Desejei boa sorte e disse que ele poderia me ligar quando quisesse. Ele agradeceu,

mas não da maneira entusiástica e ostensiva como fazia antes. Tinha a voz de quem estava muito contrariado. Parecia que falava comigo por obrigação. Desligamos.

Lembro-me de ter tido a sensação de que, por minha culpa, João estava a caminho de um sofrimento enorme. Foi assim que o percebi durante essa nossa breve conversa ao telefone. Eu, psicólogo, com alguma bagagem de estudos sobre os vícios, perdendo-me em um sentimento que não se sustentaria de maneira alguma num nível lógico. Esse sentimento vinha de uma relação, da abertura à afetação na qual me mantive durante todo meu contato com ele. Eu sofria por (e talvez com) ele o amargor de seu remédio.

O período que se seguiu à internação foi marcado por um hiato completo no meu contato direto com João. Durante a semana da internação conversei com sua mãe, Ernesto e Arnaldo. Tratamos, entretanto, apenas de questões burocráticas sobre a internação. Mesmo sem sua presença, eu permanecia como uma peça daquela engrenagem de cuidados que ele havia montado. Eu era uma espécie de intermediário das relações. Porém, em pouco tempo o contato entre as duas partes (mãe do João e Ernesto, de um lado; e a clínica, através de Arnaldo, do outro) passou a ser direto.

Narrei essa história diversas vezes. Para outros e para mim mesmo. Li e reli a transcrição da entrevista. Olhava as poucas fotos que tinha, numa tentativa de reaproximar-me daquela experiência, quando me sentava para escrever. Organizei cronologicamente as anotações que fui fazendo ao longo de todo o meu contato com João. Eram desde relatos digitados e datados, escritos pouco após minhas idas à sua casa, até folhas avulsas ou qualquer coisa que eu tivesse à mão, após nossas conversas ao telefone. Eu já dava por encerrada a história que eu narraria. A internação soava, inclusive, como um final conveniente.

Ensaiei iniciar essa narrativa escrita e, constantemente, pegava-me fechando com as palavras todo o horizonte que se havia aberto frente aos meus olhos, pois o dever acadêmico voltava, sempre com todo o seu peso, quando eu me punha a escrever. Tão difícil quanto a tarefa de permanecer exposto à afetação no meu contato com João, foi manter tal postura ao tecer uma narrativa escrita.

Lembrava-me, ao escrever, do quanto João parecia se beneficiar com os nossos contatos telefônicos e, passado um mês de internação, resolvi tentar falar com ele. Fui informado, porém, de que havia data e horário fixos para os telefonemas: somente às quartas-feiras, entre 17:00h e 19:00h. Coincidia com meus horários no consultório e, uma vez que a janela de tempo era tão restrita, sentia que estaria possivelmente atrapalhando

seu contato com a família. Peguei, então, os horários de Arnaldo, com quem conversei algumas vezes.

De início, ele parecia não gostar muito do prognóstico. Achava que João precisaria permanecer por cerca de nove meses na clínica. Ele havia me dado, como padrão, uma previsão de seis meses; e João havia dito que imaginar que duraria apenas três. Achei estranho ele se adiantar tanto em sua previsão. A internação não durava um mês e meio e ele já colocava em questão algo que, ao meu ver, demoraria a ser tema de discussão. Seria, isso, fruto de um olhar extremamente afinado pela prática? Haveria, por outro lado, um interesse de ordem financeira, uma vez que o centro de reabilitação não deixa de ser uma empresa? Perguntei se era comum ter uma previsão tão cedo e ele me respondeu que, pelas avaliações do grupo clínico, “o caso de João era grave”.

Ao mesmo tempo em que dizia que ele havia estado bastante intoxicado antes de se internar e que talvez precisassem prolongar sua internação, falava que João estava se adaptando bem ao tratamento. Era quase contraditório. Comentou, numa ligação posterior, que ele estava, inclusive, destacando-se dos outros internos, ajudando-os em momentos difíceis e mostrando-se bastante prestativo para a clínica. Montava a figura de um líder. “Ele chegou aqui mais consciente que os outros, pelo trabalho que já estava fazendo fora”, comentou. Falava de um trabalho prévio, pelo meu contato com João, embora eu já tivesse dito a ele que nossa relação não era (declaradamente) terapêutica. Eu, porém, a essa altura já não brigava com a ideia de que algo havia sido feito, pelos encontros que tivemos.

Aproveitando sua fala, comentei que talvez pudesse ser benéfico que eu conversasse com João. Arnaldo concordou comigo. Comentou que toda vez que eu ligava, ele o avisava, pois o deixava muito feliz. Pediu, então, que eu aguardasse na linha e voltou poucos instantes depois, dizendo que ele estava no meio de uma atividade em grupo e que o coordenador não havia concordado com a sua saída. Falei que eu não queria atrapalhar as atividades dele, mas relatei a impossibilidade de ligar no horário programado. Ele se propôs a levá-lo à sala da diretoria, quando não estivesse em atividade, para me ligar. Agradei. “Como é você que está pedindo, nós vamos atender”, comentou. Apesar da assertividade em sua fala, nunca recebi essa ligação. Meus telefonemas já esparsos, frente a todas as questões burocráticas que impossibilitavam meu contato direto com João, cessaram por cerca de três meses.

3.13 - Uma quarta-feira

Em meados de Maio de 2012, porém, ocorreu uma chuva muito forte durante a tarde de uma quarta-feira. Diversos pontos da cidade ficaram alagados e o trânsito tornou-se caótico, o que fez com que os clientes que eu receberia no consultório desmarcassem suas sessões. Eu podia, então, tentar falar com João pela via formal.

Liguei para a clínica e fui atendido por Arnaldo. Tinha uma voz hostil: “Então, Marcos, ele está irredutível. Está muito agressivo, conversando com a mãe dele e a médica...”, passou a falar, pressupondo que eu soubesse o que estava acontecendo. Lembro-me de vasculhar minha memória atrás de algum fato perdido que trouxesse luz àquilo tudo que ele dizia. “Como assim?” - foi a minha reação. “Ele está querendo sair... você não está sabendo o que aconteceu?”. Contou-me que havia ocorrido uma fatalidade naquela mesma semana: uma pessoa que estava internada havia falecido. Não pude conter-me em perguntar o que havia acontecido. “Houve um problema elétrico que começou um incêndio. Mas tinha um paciente tomando banho, com a porta trancada. Não deu tempo de tirar ele de lá. Foi uma fatalidade. Mas mobilizou muito ele (João).”

Eu coincidentemente havia entrado em contato com eles no momento de uma crise séria. Estavam João, sua mãe, Ernesto e a médica psiquiatra reunidos numa sala, discutindo. A ideia da internação por nove meses parecia já ter sido abandonada, pois Arnaldo dizia que faltavam apenas vinte dias para o fim do tratamento (completando os seis meses), mas João estava “irredutível”, querendo ir embora naquele mesmo dia. Perguntou se eu não gostaria de “tentar falar” com ele, o que entendi como: “Você não quer tentar persuadi-lo?” Não. Não queria tentar persuadi-lo. Mas sentia como covardia da minha parte caso eu me ausentasse naquele momento. Queria, ao menos, entender o que estava acontecendo e dar a João aquilo que lhe parecia tão caro: a possibilidade de ser ouvido. “Posso conversar com ele”, respondi.

Aguardei na linha e fui atendido por Ernesto. Contou-me, com sua voz de garoto, que João estava conversando com a mãe e a médica, naquele momento. Repetiu a fala de Arnaldo, dizendo que João não queria saber de conversa e estava meio “revoltado” querendo ir embora. Começou a falar sobre a fatalidade que havia ocorrido, mas interrompeu-se dizendo que João havia saído da sala e podia falar comigo.

Oí, Marcos. Ele atendeu o telefone com o mesmo tom de voz de quando estava a caminho da clínica: sério, seco, como quem não quer falar. Cumprimentei-o e perguntei o que estava ocorrendo. *O que está acontecendo é que estão fazendo uma*

sacanagem comigo... Ele aumentava o tom de voz, como quem quer insinuar algo para aqueles ao redor. Ele falava de modo rápido e, às vezes, confuso. Disse algo sobre o décimo passo, que havia completado, porém as pessoas diziam que ele teria de fazer novamente. Falou sobre como a clínica estava criando barreiras para ele sair de *ressô*. (Colocava os termos assim, sem explicá-los. Nessa conversa, entretanto, era impossível que eu o parasse para pedir explicações sobre os termos que usava). *Eu não quero usar cocaína! Não é por isso que eu quero sair. Mas eu não passo mais nem um dia aqui nesse lugar!*

De um modo geral, o que pude entender é que João estava se sentindo enganado, tolhido. Mas era muito fácil cair na ideia de que aquela revolta toda era de fachada. Passava, na minha cabeça, muito do que eu havia lido sobre dependência química, como o fato de que a recaída muitas vezes instala-se antes do próprio recair em uso, ou seja, abrir a possibilidade de uso, para si próprio, já joga o sujeito num estado comparável à *fissura* da época de uso constante. Falando em termos de João, abrir a possibilidade de uso, pela possibilidade em sair de lá por conta do incidente que o “mobilizou”, já poderia deixá-lo no modo “*thriller*”. Era assim que eu entendia aquilo.

E aí, Marcos? O que você tem para me dizer? - cobrava um posicionamento meu naquele embate. “Bom, João, você sabe que eu não posso ir contra a clínica...”. *É, né? Então tá bom* - cortou minha fala tão logo um posicionamento meu começou a se anunciar. *Que lugar você me arranjou, hein?* - ele dizia em tom irônico, como se quisesse me implicar numa relação de causalidade naquela problemática toda que vivia. “É como todas as outras, João”, respondi. *Eu agradeço tudo o que você fez, mas não dá mais para ficar aqui, que eu perdi a confiança.*”

Disse isso, despedindo-se, e passou novamente o telefone para Ernesto, com quem troquei algumas poucas palavras. Apenas passei meu número de telefone a ele (novamente) e disse que, caso precisassem de alguma coisa, poderiam ligar. “A gente vai tentar conversar um pouco mais com ele, aqui”, Ernesto comentou e desligamos.

João não havia falado sobre a fatalidade que Arnaldo e Ernesto punham como causa da sua mobilização. De qualquer maneira, permaneci com a impressão de que ele estivesse querendo sair para usar cocaína. Mesmo lembrando-me de todas as situações para as quais eu havia atribuído um sentido que não se sustentava posteriormente (geralmente criado pela associação do movimento do João ao de um dependente químico hipotético, descrito nos livros e artigos sobre o tema), eu não pude deixar de ser tomado

por uma enorme ansiedade. Não recebi nenhum telefonema nos dias que se seguiram e fiquei com as reticências da história.

A forma com que eu lidava com minhas angústias surgidas no contato com ele, era sempre a mesma: eu passava a ter certa urgência em compartilhar aquela história com o meu grupo de pesquisa. Um grupo muito solícito que teve, naquela mesma semana, sua agenda reorganizada para que pudesse dar conta da minha emergência.

Ao narrar os fatos mais recentes para meus colegas, que haviam conhecido aquele contato ainda no início, pude perceber a mesma oscilação de humores ao qual eu me encontrava jogado na relação com o João. Os altos e baixos pelos quais ele se apresentava ressoavam em mim; e meu narrar trazia ao grupo um movimento parecido. Uma colega, que se ausentou por cerca de quinze minutos durante a reunião, ao retornar perguntou se ainda falávamos sobre João, tamanha era a diferença de humor do grupo gerada nesse pequeno intervalo da sua ausência.

Eu ainda não conhecia o desenrolar daquela tarde fatídica. Imaginava, mesmo com as minhas ressalvas, que a urgência em sair da clínica pudesse ser relativa a uma urgência em cheirar cocaína. No mínimo, caso esse risco não estivesse em questão, não se justificaria o tremendo esforço que estava sendo feito no sentido de mantê-lo internado. O que mais, então, justificaria a sua impossibilidade em permanecer lá por mais vinte dias (ele já estava internado havia cinco meses e dez dias)? A história dos seis passos ou da “ressô” (que eu ainda nem sabia o que significava) me soavam como desculpas.

A fatalidade que havia ocorrido, a morte de alguém que estava lá para se tratar, tornou-se algo central na nossa discussão (mais uma vez, num movimento clínico). Embora Arnaldo usasse o fato como explicação para a “irredutibilidade” do João, Ernesto acreditasse e repetisse isso, e João não houvesse sequer citado o acontecimento, a morte, a finitude, fez-se presente lá. E ela não costuma passar em silêncio. Imaginávamos, em voz alta, a problemática que se punha quando a face inevitável da finitude se impõe àqueles que, no mais das contas, esforçam-se para cuidar de um futuro.

Acabávamos sempre, porém, nas reticências daquela história aberta. E não podia ser de outra forma: aquela história era a vida de alguém. Eu me debatia com a dificuldade em narrar algo que continua sendo. O que trazia uma questão prática: Quando, então, encerrar a minha narrativa?

3.13 Boas vinte e quatro horas

Na semana seguinte, liguei para a clínica e fui informado que João havia saído da internação naquela quarta feira em que nos falamos. Arnaldo não estava lá. Tentei falar com João, pelo celular dele, mas estava desligado. Liguei, então, para Ernesto. “Ele está bem. Estava aqui (na empresa) agora a pouco, mas foi levar a filha dele até o curso de informática.” Contou-me que trouxeram João de volta naquela noite, pois ele “não queria ficar lá de jeito nenhum”, e disse que ele não estava usando cocaína. “Ele tem ficado aqui e com a família dele”, Ernesto dizia.

Eu estava enganado. Ele não havia tido uma recaída. Lembrei-me do “lado bom” que João me havia descrito durante a entrevista, quando Ernesto falou que ele estava com a filha. Meu sentimento de embaraço frente à minha *quase certeza* de antes foi sobreposto por uma sensação de alívio.

“Liga para ele. Ele vai gostar...” - Ernesto disse ao nos despedirmos. E foi o que fiz, duas semanas depois. Desta vez o celular não estava desligado e João atendeu minha ligação. Fez muita festa, como fazia no início do nosso contato. Dizia que estava com o braço arrepiado de emoção. *Cara, nem acredito que eu estou falando com você...* E contava àqueles ao redor que falava comigo: *É o Marcos Light! Ele me ligou aqui... Estou falando com ele!*

Perguntei como estava e ele me respondeu que agora estava bem, mas no dia em que nos falamos ele estava muito nervoso. “Me conta o que aconteceu aquele dia”, pedi. *Você ficou com medo?* “Eu me assustei com você, sim...” João começou a gargalhar. Muito. Repetia que eu tinha ficado com medo dele e voltava a rir. *É que aquele dia eu estava nervoso. Estava me sentindo preso, porque eu queria sair e eles queriam me segurar lá. Eu perdi a confiança neles...*

Passou a contar que sentia-se traído porque estava seguindo os passos e fazendo, inclusive, além daquilo que era esperado dele, mas não obtinha “retorno”.

- *Eles ensinam a gente, lá, que tem que viver com humildade, honestidade e sinceridade. Mas eles não foram honestos comigo. Marcos, eu fazia serviços para eles. Eu era suporte, lá. Ajudava os outros, dirigia para a clínica... Mas na hora de eu sair de ressô eles barravam.*

- Na hora do quê?

- Ressocialização, que chama. É que lá eles seguem os passos, você sabe. Quando você completa o décimo passo, que é a apostila verde, você pode passar um final de semana em casa, com a família. Só que aí, quando era a minha vez de sair, eles vieram com um papo que eu tinha que fazer de novo, que eu não estava pronto para a ressô ainda.

- E você sentia que estava pronto?

- Pô, claro que eu estava. Eu segui os passos certinhos, completei a apostila. Marcos... Eu era referência lá, cara. Às vezes as pessoas da própria clínica pediam para eu conversar com alguém que estava mal, para eu dar uns conselhos...

- Então por que será que eles não queriam te liberar para visitar sua família?

- Eles estavam me usando lá, cara. Porque eu era prestativo, ajudava todo mundo... Eles não queriam que eu fosse embora.

Contou-me que queria falar comigo enquanto estava internado, mas eles não o deixavam ligar. No começo, eles avisavam que eu havia ligado e ele ficava muito feliz.

Às vezes eu estava lá, pensando na família, nas coisas que eu tinha feito, mal... Aí me avisavam que você ligou. Eu ficava emocionado: 'Ele lembrou de mim!' Cara, me dava até uma energia, assim... Aí eu ia fazer as coisas, ficava animado, conversava...

Porém, segundo João, passaram a fazer uso das minhas ligações:

Mas aí, sabe o que eles faziam? Eles chegavam assim: 'Então, João, você vai precisar fazer a apostila de novo. Não vai poder sair nesse final de semana. Mas eu tenho uma boa notícia: o Marcos lembrou de você. Ele ligou aí'. Cara, eles faziam chantagem! Falavam que eu não ia sair, mas aí falavam que você tinha ligado. Eu comecei a perceber isso...

Chamava aquilo de chantagem. Ele reconhecia ali um uso intencional, um gerenciamento na forma de se colocar as coisas, no intento de criar um efeito. E sentia-se

enganado. Até que, em determinado ponto, não quis mais permanecer lá. Era assim que explicava sua revolta. Diferente de Arnaldo, Ernesto e, até certo ponto, eu próprio e meu grupo de pesquisa, que a víamos como uma mobilização frente à morte de uma pessoa.

- Antes de falar com você, aquele dia, eu conversei um pouco com o Arnaldo. Ele disse que houve um incêndio na clínica e uma pessoa acabou morrendo.

- *Ele falou isso? Tá vendo, Marcos? O que aconteceu é que um rapaz que estava lá não aguentou. Ele desesperou, se trancou no banheiro, e acabou com a própria vida. É... Tem gente que não aguenta. É difícil. Fui eu que arrombei a porta para tirar ele de lá. Mas eu nem quero falar sobre isso no telefone. A gente conversa quando você vier aqui de novo. Aliás, quando é que você vem ver que eu estou gordo?*

Estávamos enganados. Talvez não Arnaldo, que me havia dado uma outra versão dessa história. Por questões de ordem judicial, quem sabe? Senti-me, entretanto, próximo ao sentimento que João descrevia na sua relação com as pessoas da clínica: não eram sinceros, faziam uso das informações e, talvez, das pessoas. Lembrei-me do interesse de Arnaldo no fato de eu ser um psicólogo e da sua fala quando disse que permitiria que João me ligasse.

João, porém, citava nomes de pessoas que o acompanharam, e ia dizendo que eles o ajudaram muito.

A clínica é boa, tem estrutura. Eu aprendi muito lá. Eu agradeço à médica que me acompanhou, os enfermeiros também... Eu ajudava eles. Mas aí teve isso, que eu não quis mais ficar lá por causa dessa sacanagem que fizeram. Aliás, eu preciso da sua ajuda numa questão...

Havia um problema com as receitas que a médica tinha feito antes que ele saísse. Ele não estava conseguindo comprar a medicação porque faltava o número do CRM dela. Pediu que eu os “cobrasse”. Disse que estava tentando conseguir esse número, mas a clínica estava criando empecilhos. Precisava, então, que eu “fizesse pressão”.

Voltou a falar sobre o quanto estava gordo. *Cara, no meu trabalho nem me reconheceram.* Ainda estava em licença, mas tinha ido ver as pessoas. A colega que nos havia posto em contato já não trabalhava mais lá. Contou isso com certo pesar (o mesmo

que trazia em sua fala quando dizia que havia jogado fora recentemente seus dois sacos cheios de cinzas). Perguntou-me se eu sabia onde ela estava trabalhando mas, a essa altura, eu também já havia perdido o contato com ela. *É uma pena, porque ela ia ficar feliz de ver que eu melhoriei. Eu ficava enchendo o saco dela, que eu não tinha com quem conversar... Mas quando você vem aqui de novo?*

Mesmo que sutilmente, eu percebia João de uma outra maneira. Ele continuava expansivo, ainda falava alto e com vários interlocutores ao mesmo tempo. Permanecia precisando da minha *ajuda* e não mudou a forma como falava sobre si mesmo: de maneira performática, heróica. Mas agora ele olhava para mim. Sobrava um espaço, ainda que restrito, onde eu cabia como interlocutor. Havia um tempo mais confortável na conversa, suficiente para que eu encontrasse espaço, inclusive, para interrompê-lo e perguntar algo que eu não havia compreendido antes. Pela primeira vez, também, ele considerou estar incomodando aquela colega nas breves conversas que ele a impunha, cuja impossibilidade recaía, antes, sempre na questão da ética profissional.

Eu disse a ele que o esperava na USP ou no meu consultório para conversarmos. *Você está com medo de mim* - ele disse e voltou a rir. *Não precisa ficar assustado, Marcos.* - dizia, enquanto ria e falava às pessoas perto dele (provavelmente sua família) que eu estava com medo de ir até lá. Parecia gostar disso.

Deixa só eu me fortalecer um pouco mais, então, que eu vou no seu consultório. Eu não estou saindo de casa sozinho. Eu tenho medo, fico ansioso. Sei lá... Eu não tenho mais vontade de usar, não é isso... Eu tenho medo, agora... Mas eu vou me fortalecer e aí eu vou marcar um horário com você, lá no seu consultório. Onde é, mesmo?

Repassei todos os meus contatos e ele voltou a me agradecer ostensivamente, quando o fim daquela conversa se anunciou. Relembrei-o de que ele também havia me ajudado, com a pesquisa que eu fazia, e despedimos-nos:

- *Boas vinte e quatro horas para você.*
- *Vinte e quatro horas?*
- *É que lá eles ensinam que a gente tem que viver um dia de cada vez. Só mais vinte e quatro horas...*
- *Entendi. Boas vinte e quatro horas para você também.*

3.14 Uma vez *nóia*, sempre *nóia*

Liguei para a clínica e fiz pressão; João conseguiu o remédio; terminei as disciplinas do meu curso de pós-graduação; apresentei e discuti este trabalho em um congresso; narrei esta história mais algumas vezes para o meu grupo de pesquisa; consegui encontrar a minha maneira de escrevê-la; achei e perdi João diversas vezes nas minhas leituras sobre a temática dos vícios; e resolvi que era hora de encerrar.

Cedi, porém, mais uma vez, à tentação de encontrar algo que pusesse uma borda naquela relação e, principalmente, na história que eu narraria neste trabalho. Combinei comigo mesmo que conversaria com ele uma última vez e, então, encerraria minha narrativa. Já havia passado muitas *vinte e quatro horas* desde que havíamos conversado. Liguei com um receio enorme de escutar alguma surpresa ruim. Por João e pela minha narrativa.

Mais uma vez, pareceu bastante feliz com a ligação. Era um sábado, início de tarde e ele estava na padaria. Falava comigo ao mesmo tempo em que discutia o troco com a mulher do caixa. *Eu estou comprando pão, aqui. Só que eu pedi um maço de cigarro e a moça está confundindo o troco.*

João pediu para eu esperar um pouco e voltou dizendo: *Esse é o próximo passo: o cigarro. Já já, eu paro também.* Contou que continuava sem usar, mas que havia chegado a segurar cocaína em suas mãos.

- *Os moleques, um dia que eu tava lá na favela, dirigindo, pediram para eu segurar. Mas eu não tenho vontade. Sabe o que eu tenho? Medo. Eu tenho medo dela agora, Marcos.*
- *Você não acha isso um pouco arriscado?*
- *Não, eu estou dizendo para você, eu tenho medo dela. Não tenho vontade. Os caras fazem para testar. Sabe o que eles fazem, no trabalho? Os caras deixam cocaína no banco do carro que eu vou sair para dirigir.*

Eu me assustava com o que ele dizia, mas ele ria enquanto ia contando que os outros motoristas, seus colegas de trabalho, são todos usuários de cocaína e o provocam.

- *Mas por que eles fazem isso?*
- *É que agora eu tenho privilégios, né. Os diretores sabem que eu estou limpo, aí eu tenho umas regalias porque eu*

estou me cuidando. Só que os caras ficam com inveja e tentam sabotar. Só pode ser. Quem é que esquece cocaína no carro? Fala para mim, Marcos. Que usuário esquece a droga no banco do passageiro do carro? Aí eu só devolvo para o cara e falo: 'Aí a sua cocaína'. Os caras não acreditam!

Enquanto terminava sua fala, pude ouvir outra pessoa conversando com ele. *Espera aí que eu estou entrando no carro, cheio de pão. Eu vim aqui com o pai do Ernesto, lembra dele?* Eles discutiam alguma coisa e eu pude escutar que João ria. Voltou a falar comigo:

Olha só, Marcos, como é... Ele está me questionando sobre o troco. Vem cinco reais a menos, que eu comprei um maço de cigarro e já acham que eu estou escondendo dinheiro. É isso aí... Uma vez nóia, sempre nóia.

Contou-me que parou de tomar os remédios que a médica da clínica havia receitado. Dizia que eles o deixavam estranho. *Eu saía na rua e ficava sentindo umas coisas esquisitas. Ouvia coisas. Estava me fazendo mal. Já faz um mês que eu parei. Agora já estou melhor.*

Pedi emprestada, novamente, a minha voz para reclamar com ele: no momento da sua entrada, seus óculos escuros e perfumes (proibidos dentro da clínica) foram retidos.

Agora eu ligo lá e eles dizem que não sabem onde estão as minhas coisas. Eu estou achando que alguém pegou. Mas eu vou perguntar de novo, quando eu for lá para pegar a minha medalha de ouro, que eu tenho direito. Cem dias sem usar. Tenho direito à medalha de ouro, lá. Eu faço questão de pegar.

Contei a ele que já estava escrevendo o meu texto, onde o chamaria de João Silveira. Ria muito e repetia *João Silveira! Gostei!* Passei a contar os nomes que eu havia escolhido para manter o anonimato dos personagens: Ernesto, Arnaldo, Marcos Light, Magno, Pikachu, do saquinho amarelo... Sentia-me contando piadas. Ele repetia cada um dos nomes e gargalhava como uma criança.

Alertei-o de que, na minha narrativa, eu contaria todas as minhas impressões sobre aquilo que havia acontecido. *Tem que contar tudo, mesmo, para as pessoas saberem a sequência do vício em cocaína.* Perguntou-me se eu usaria as fotos que havia tirado do quarto dele. “Talvez eu as ponha como anexo, no fim da pesquisa.” Sugeriu que eu tirasse fotos dele agora, gordo, para montar um “*antes e depois*”:

- *Para chocar, mesmo! Para as pessoas que estão querendo usar verem o estrago que ela causa!*

- Anonimato, João...

- *Ah é... o anonimato. Mas ia ser legal!*

Não nos falamos mais, desde esta conversa. Desligamos o telefone com a já conhecida perspectiva de que ele iria me encontrar no consultório e as mesmas reticências da sua necessidade de ajuda. Mais uma vez sou alguém que, de longe acena, apenas para indicar que está lá, caso ele precise.

4 – TRANSITANDO IN-CLINADO A JOÃO

4.1 – Uma ressalva

É muito comum que, nos círculos de psicólogos onde se estuda e discute a questão das drogas, principalmente naqueles mais próximos às pesquisas descritivas, o nome Carlos Castañeda seja citado. *A erva do diabo: os ensinamentos de Dom Juan* (CASTAÑEDA, 1968), um clássico. Todos se lembram de *Dom Juan* e seu uso metódico dos *aliados*. Ele volta à cena com extrema facilidade. Trechos diversos daquela narrativa vêm à tona sempre carregados de significação e facilmente retornam à temática de onde emergiram, trazendo algum ensinamento.

Comum, também, é a amnésia generalizada quanto à análise antropológica que constitui a segunda parte daquele livro. Não se recorda, em tais círculos, o conteúdo de tal análise e, por vezes, tampouco sua existência.

Num primeiro momento, Castañeda nos conduz por uma experiência humana, revelando-se enquanto um coautor daquela história...

Sem me dar oportunidade de dizer coisa alguma, Dom Juan me disse que ia acender o cachimbo dele para mim, naquele momento. Procurei dissuadi-lo, argumentando que não acreditava estar preparado. Disse-lhe que achava que não tinha manuseado o cachimbo por bastante tempo. Mas ele argumentou que não me restava mais muito tempo para aprender, e que eu tinha de usar o cachimbo muito breve. Pegou o cachimbo da bolsinha e afagou-o. Sentei-me no chão ao lado dele e tentei desesperadamente ficar enjoado e desmaiar – fazer qualquer coisa para adiar esse passo inevitável. (CASTAÑEDA, 1968, p.129)

...para, então, tentar retirar-se dela numa análise estrutural, codificando toda aquela experiência em conceitos. Quando encontra, porém, os limites de sua objetivação do mundo, escusa-se:

Os conceitos componentes da sabedoria de Dom Juan, conforme os apresentei aqui, não podiam ser a réplica exata do que ele mesmo disse. A despeito de todo o esforço que eu fiz para apresentar esses conceitos o mais fielmente possível, seu significado foi afetado por minhas próprias tentativas de classificá-los. A disposição das quatro principais unidades desse sistema estrutural, porém, é uma sequência lógica que parece estar isenta da influência de artifícios de classificação estranhos,

de minha concepção. Mas, no que diz respeito às ideias componentes de cada unidade principal, foi impossível evitar minha influência pessoal. (CASTAÑEDA, 1986, p. 185-186)

Não pretendo, com essas considerações, equiparar a exímia narrativa de Castañeda, seu relato de anos de experiência como aprendiz de *Dom Juan*, à narrativa que aqui trago. Tenho, tampouco, o intuito de questionar o conteúdo de sua análise (que talvez não caia tão comumente no âmbito do esquecimento em círculos formados por antropólogos). Nem sequer o uso de drogas, presente nas duas narrativas, pode ser posto como ponto de intersecção: as drogas de Dom Juan constituem-se como *aliados*, libertam para além dos limites do corpo; a droga do João aprisiona, estanca a fluidez de seu mundo vivido. O uso é outro. O *ser* da droga é outro.

De geração para geração, de época histórica para época histórica, de cultura para cultura, de uma sociedade para outra vemos as coisas, por exemplo, mudarem seu significado e utilidade, mudarem seu ser. Vistas como meras coisas, elas continuam presentes e referenciáveis em sua mesmidade tangível, mas seu significado e o sentido que fazem de nossa existência se alteram. (CRITELLI, 1996, p.17)

Essa breve alusão ao trabalho do antropólogo se faz, aqui, útil na medida em que aponta o risco de afastarmo-nos da experiência e, assim, da memória, através de um tratar conceitual do mundo. É, portanto, com certo receio que me lanço à tarefa de analisar o que, até então, narrei. Sinto-me mais confortável ao referir-me a isso como um exercício de reflexão sobre aquilo que, no contato com João, pude observar sobre sua forma de enxergar e lidar com seu vício.

É da própria narrativa que emerge aquilo que se mostra digno de ser questionado. Voltemos, então, a ela: O vício foi o que me levou ao encontro de João, que se apresentou a mim através de sua expectativa de ajuda. Tal expectativa foi, também, a via pela qual me apresentou seu *vício* e sua forma de *ser viciado*. A partir, então, do estabelecimento de uma rede de *cuidados*, pôde lançar-se em uma tentativa de mudança, internando-se numa clínica de reabilitação. Pela mesma via, serão tecidas as reflexões.

4.2 – Vício

O *que e como é o vício?* Essa pergunta, que funda minha investigação, é à qual retorno para tecer uma reflexão à luz daquilo que me foi possível compreender no contato com João. É, inclusive, ao João e às minhas afetações/aflições neste contato que me volto para tentar encontrar sentido.

João, em sua interpretação sobre o vício, é enfático: vício é fuga, refúgio, possibilidade única de suportar a dor da perda de alguém importante, de se lidar com a *impermanência* do outro:

A questão minha é psicológica mesmo, cara. Eu vou atrás dela porque eu quero esquecer de algumas coisas... momento de casamento, do momento conjugal...

E todos os viciados, segundo ele, encontram na droga esse instrumento:

Essas que não se viciam é porque elas têm uma estrutura psicológica, um apoio financeiro ou apoio psicológico familiar sério, ou apoio religioso, então, essa estrutura, elas veem que não é bom, elas se esquivam. Mas, quando a pessoa tem uma fragilidade de perder uma coisa que gosta, que nem eu perdi a minha esposa, eu perdi o meu finado irmão, que foi criado no crime... tudo isso foi gerando uma sequência, a gente vai procurando soluções e... tudo isso é o salário disso, é acabar indo atrás disso para tentar esquecer esse problema...

Porque ela (amiga que ligava, minha colega de profissão) perdeu a mãe na idade que ela estava, perdeu a irmã de overdose... Entendeu? Ficou quatro dias em estado de decomposição no apartamento, debaixo de um edredon, foi encontrada. Então olha o que ela passa. Quem que vai tirar aquela imagem que ela que foi que teve que reconhecer a irmã? Quem que vai apagar a mãe e o pai num acidente?

Frente à ausência, não se encontra solução para o problema que ela instaura. A ausência, presentificada na experiência, é vivida como uma falta concreta, falta de algo. É o *desespero de não ter uma coisa que você tem*, João diz. E a dor da presença da falta é tão irresolúvel quanto a câimbra no membro amputado.

Todo mundo está indo atrás da droga porque tem um motivo, cara. Tem um motivo ruim na vida, uma passagem amorosa desagradável, a perda de um querido, cachorro... um... 'Perdi um...'

Obviamente, não se trata aqui de uma enlouquecedora e desumana falta absoluta do outro; mas daqueles que fizeram parte de sua história, por um lado, e da projeção de suas possibilidades no futuro, por outro. Daqueles que, outrora, constituíram seu mundo, num tempo que já não se alcança mais.

O mundo que cai; o outro que leva uma parte de mim; a falta. Quando João tematiza seu *vício*, o traz como uma experiência que não encontra o luto como possibilidade. A falta é vivida, ainda, como a experiência do membro fantasma; a presença na ausência. A perda de *sentido*.

A fluidez da vida, as pessoas que vêm e vão... Tudo isso parecia ser vivido como um desamparo ameaçador para João. Ele, inclusive, pressupunha o abandono, a ausência, quando dizia o quanto era importante que eu não desistisse dele, ou quando se espantava com Ernesto que lhe estendera a outra mão. O futuro, residência das possibilidades (dentre as quais, a perda e o abandono), era ameaçador.

É frente à angústia do futuro estrangeiro que se abre a possibilidade da dependência enquanto promessa de um viver mais tranquilo. Em seu inacabamento, em sua provisoriedade, angustiado com o seu vir-a-ser, cabe ao homem cuidar de si, cuidando de se construir momento a momento. Tal tarefa não é simples e nem tão pouco sem dor. Assim, a dependência revela-se como uma das possibilidades de aliviar-se da tarefa de cuidar, na precariedade do viver. (SIPAHI; VIANNA, 2001, p. 504)

Seria isso que João vivia?

eu vou atrás dela e pá, dou uma mandada, aí um momento esquece... aí, quando acaba o prazer do... da brisa, que a gente acha que é uma brisa e não é, aí a gente fica mais deprimido ainda.

Uma coisa que ele perdeu lá, que não consegue alcançar mais, ele vai atrás dessa porcaria, que é a cocaína e acaba tendo isso.

A dor da perda, da ausência, busca refúgio no anestesiarse pela cocaína: um amparo provisório. Porém, todo primeiro encontro com a droga é acidental. Mesmo que se saiba que a droga possa ter a função de distanciamento de experiências dolorosas, tal realização só pôde ter sido inaugurada a partir da vivência própria do uso. Ou seja, a relação direta que João faz entre a dor (da perda/ausência) e a cocaína só pôde se abrir como possibilidade, uma vez que ele já *usufruíra* do potencial anestésico da droga.

Além disso, a falta não pode implicar em uma suposta completude, no outro extremo. A completude do homem, só se apresenta no momento de sua morte, findadas suas possibilidades. Até lá, somos...

(...) seres que têm como essência seu existir, ou seja, que não estão constituídos de antemão, mas que se constituem e se constroem existindo, vivendo. Em sua incompletude, o ser humano sempre conta com o futuro no seu existir. (SIPAHI; VIANNA, 2001, p. 504)

Frente à ameaça do futuro estrangeiro, a droga se apresenta como veículo de refúgio. A ideia de fuga de um mundo inóspito não é, de modo algum, novidade. Há muito tempo e por diversas vias, tal ideia permeia possibilidades de interpretação e, consequentemente, formas de lidar com o vício. A título de exemplo, uma citação de Freud, ainda em 1931:

Contra o temível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, [...] o serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tanto indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. Devemos a tais veículos não só a produção imediata de prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo... (FREUD, 1931, p. 49)

Contudo a cisão entre *mundo interno* e *externo* não encontra respaldo quando se busca compreender pela Fenomenologia Existencial. *Mundo* é a trama significativa através da qual se lida com tudo e com todos. Tais significações não se restringem àquele que percebe ou àquilo que é percebido, mas está no lidar dos homens com as coisas e com os outros, ou seja, no terreno intermediário no qual há doação de sentido a tudo o que é vivido. Menor valia, ainda, teria para a Fenomenologia Existencial o conceito de

libido. De qualquer forma, é possível encontrar aí, no constructo teórico da Psicanálise, o conteúdo da interpretação não apenas de João, mas, de certo modo, da época atual, por uma ótica tradicional.

Ouçó João novamente.

Ela vai num... espiritismo, Allan Kardec, mas isso... está ajudando ela a equilibrar a parte espiritual, mas a parte material tem que ser uma pessoa profissional igual a você, Marcos, para entender e compreender. Ela não teve.

Ao se referir à droga, João mostra como ela é concretude para ele. Referindo-se, não somente à droga, mas a si mesmo, como *parte material*, revela-se como “desequilibrado” para cuidar de si mesmo. Novamente, delega a um outro essa possibilidade.

...você está aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. A me esquivar disso. Estou olhando nos teus olhos falando isso, cara. É, cara. Eu vou ter força de falar um não para isso hoje.

...mas só que muitas pessoas se esquivam sim, e me ajudam, sabe? Uma delas que eu conheci hoje, muito legal, que é você, cara.

Esquivar... Como se esquivar quando se percebe como que um imã atraído a magnetismos materiais: o *suporte* (eu) ou a droga? A materialidade se mostra pela concretude de duas presenças com polaridades opostas.

Só é possível dizer *um não* àquilo que se nos apresenta e impele a uma tomada de posição. Talvez por essa mesma razão seja tão difícil compreender, situando-se para fora deste *mundo*, uma exigência tão despótica quanto aquela que a droga (ou o ato) exerce sobre o viciado. A materialidade do *vício* só pode ser desvelada a partir da perspectiva do *ser viciado*, destituído de si mesmo para o próprio cuidado. Só a partir da perspectiva do viciado, João, é que o *mundo do vício* pôde me ferir, para que eu pudesse a ele me referir.

Num primeiro olhar, é possível que se tome a expressão *mundo do vício* da mesma forma que se compreenderia algumas expressões de domínio público, como “mundo das drogas” ou “mundo do crime”. Refiro-me, entretanto, ao *mundo do vício*, ou

apenas *vício*, como a perspectiva com que as possibilidades de *existir-no-mundo* se abrem ao *viciado*.

É uma experiência que não ofereço e não quero que ninguém tente se aproximar, cara. Tente se esquivar o máximo, não degustar, não se aproximar e entender porque que tem isso.

João atribui, também, aos não viciados a concretude da droga, quando diz para eu me esquivar dela. Ele projeta seu mundo nas minhas vivências e trata a droga e o vício como coisas com as quais eu e qualquer outro temos de lidar. Mas não oferece essa experiência para ninguém.

É inexplicável a sensação do que ela faz e o que ela destrói, cara.

É inexplicável, sabe? Você ter tudo e... ter tudo e não ter nada ao mesmo tempo, cara.

É lágrima e choro, é igual aquele logotipo da fantasia, teatro, um lado com sorriso, um lado com lágrima. É minha vida, cara, é o que você está vendo aí, ao seu redor.

Habitar o *vício*, como João mostra, é uma experiência extremamente dissonante (*di-sonante*). É o que você está vendo aí, ao seu redor: ele relembra que essa vivência está marcada naquele ambiente em que estávamos durante a entrevista. E não é apenas pela palavra que João me apresenta a *di-sonância* que se vivencia ao habitar o *vício*. Seu inflar e murchar constantes; os altos (heroicos) e baixos (dramáticos) de seus humores; o jogo de perceber/não perceber o estrago que a droga causa (que apeliarei, durante a narrativa, de uma *dualidade da percepção*); o *lado bom* e o *outro lado*; os maços de cigarro atrás da placa de *proibido fumar*; etc... São formas de mostrar seu modo de viver na *di-sonância* ao habitar o *vício*. Como é próprio do humano ela ressoa também naquele que se permite adentrar, vulnerável às afetações, em tal *mundo*. Ou seja, em mim e, através de meu relato, no meu grupo de pesquisa.

Quais seriam, então, os dois *sons* em jogo? O que é que, de um lado, o faz inflar, o torna herói, faz com que ele perceba o estrago da cocaína, instaura a possibilidade do *lado bom*, acumula maços e põe uma placa indicando que é proibido

fumar? O que é, do outro lado, que o faz murchar, joga-o na vivência dramática, cega-o para o estrago da droga, revela o *outro lado*, fá-lo fumar tantos cigarros?

Acompanho João ao trazer a máscara icônica do teatro grego, significativamente escancarando a experiência da tragédia do humano, como *pathós*. O sofrimento retira a beleza, o sabor, o prazer da *con-vivência*: estreita a abertura ao *mundo*, ou seja, a própria *existência*, ao extremo de um apelo/lamento absoluto. No sofrimento não há nada além da angústia intensa e capturante.

(...) eu vou atrás dela e pã, dou uma mandada, aí um momento esquece... aí, quando acaba o prazer do... da brisa, que a gente acha que é uma brisa e não é, aí a gente fica mais deprimido ainda.

Você sempre está pondo ela (cocaína) em primeiro plano, o trabalho é em segundo, a família em terceiro e ela sempre é o primeiro.

Assim é a vivência de João que, ao fim do expediente de trabalho, entra no estado de *thriller*: busca refúgio no anestesiarse, pela cocaína, um amparo provisório à angústia que o sufoca. Transitando em *di-sonância*, não se encontra em lugar nenhum de si mesmo... e o vício torna-se seu *mundo*, no qual imerge para ainda mais destituir-se de si mesmo *sofredor*.

Penso que esta experiência intensa de João não se restringe ao âmbito do vício em cocaína ou drogas *mais pesadas*. Pela tônica do sofrimento não seria possível, talvez, compreender qualquer experiência *viciante* pela tônica que João revela? Seria outro modo de *ser viciado* um fumante que, às três horas da madrugada sai de casa e percorre uma distância considerável atrás dos cigarros que lhe faltam, ou seja, empenha-se na tarefa de busca pelos cigarros para além do empenho que despenderia com qualquer outro objeto de sua mera vontade? Como João, esse mesmo dispêndio se apresentaria como um “dar-se conta” de sua necessidade de fumar quando já saciado? Esse “dar-se conta” poderia ser compreendido como uma pequena abertura ao mundo quando já anestesiado da emergência da urgência?

– Será que se você não percebesse, você estaria falando isso para mim? Será que se você não percebesse que está te prejudicando, você estaria me falando que está te prejudicando?

- É... eu só estou te falando isso porque eu já usei, cara. Se eu estivesse num dia... num horário que eu não uso, que é o horário das oito às seis, que eu não uso durante o meu trabalho, eu não estaria com coragem de te falar.

Não é espontâneo e direto apresentar o *vício* em primeiro plano. Contudo, quando em estado de *thriller* (fissura), o *ser viciado* que se mostra, habita o mundo no modo de um *ente à mão*. Nesse sentido, João se apresenta como um instrumento ou ferramenta, cujo *ser* é um *ser para* a cocaína.

Para Almeida (2005),

(...) os instrumentos ou coisas só podem se revelar no momento em que estão sendo usados e (...) porque não estão sendo tematizados; vale dizer, esses objetos de uso mostram-se ao homem precisamente quando fogem de sua vista, não admitindo uma perspectiva de interpretação. (p. 74)

O útil é impertinente quando efetivamente falta ao manuseador em seu obrar. O lidar *cuidando-se de* depara-se com o que falta e esse tipo de falta transforma o útil à mão num ente ante-os-olhos. O caráter da insistência apresenta-se quando, ao lidar *cuidando-se de*, se obstrui o caminho para o próprio *cuidar-se de* (...) Pensando-se em que o útil ou aquilo que está à serviço de se apresenta como conveniente, apropriado, portanto de *ser para*, sua ausência impõe um vazio, demandando um outro significado de servir (...) uma aproximação implicada entre obreiro e o instrumento (...) Nesta relação de distanciamento, evidencia-se que o manuseador é totalmente submetido à coisa em uso e absorvido na abertura por ela propiciada: é servido para servir-se (...) submetesse, apresentando-se de determinado modo, como que para poder consumir, ao ser consumido. (p. 76)

Da mesma forma que o *ser* do giz realiza-se em seu *deixar-de-ser* giz, ao tornar-se palavras na lousa (CRITELLI, 2002), o *vício* realiza-se no *deixar-de-ser* urgência⁶, ao relançar o *ser viciado* em sua abertura anestesiada ao mundo, através da droga (ou ato).

João, em *thriller* lida com a emergência da cocaína, ausentando-se da urgência no cuidado próprio, que, então, urge novamente quando anestesiado. Sabendo que a urgência é diluída pela emergência da droga, João parecia tentar manter a concretude da urgência, acusando-a a si mesmo através dos maços, cinza, pinos e

⁶ Por urgência, compreende-se aquilo que urge; demanda.

saquinhos acumulados. Tentava, então, adiantar-se a si próprio, e esquivar da inevitável pergunta sem resposta que sucede à anestesia: Por que eu fiz isso?

Como alguém que, sem memória de curto prazo, cria estratégias para lidar com sua condição, deixando anotações para trás, João, na diluição da emergência (após o uso), acumulava maços e maços de cigarros, sacos de cinza, pinos e saquinhos de cocaína, tirava fotos do ambiente, etc... para que, quando lançado no inevitável estado de fissura (falta de memória), pudesse ter à mão algo que lhe impusesse uma possibilidade de “dar-se conta” e, talvez, permitir-se ver sua urgência para se *esquivar, dizer um não. Seria isso?*

- Por que você guarda isso tudo?

- *Para ver o estrago que tá fazendo.*

É possível ser essa a mesma tentativa de pôr-se frente a si mesmo, nas promessas e compromissos que João selava com seus *suportes*, convocando-os a *cobrá-lo*.

Posso, então, compreender o vício como um modo de se habitar o mundo, ou seja, um modo de se *cuidar da existência*, no mundo, uma vez que

Os modos de habitar o mundo com-os-outros (...) perfazem o que podemos chamar de *significação* (o mesmo que trama significativa ou, como Heidegger melhor expressaria, o mesmo que mundo) (CRITELLI, 1996, p. 120)

O *vício* torna-se o mundo onde o *viciado* habita. Mundo em cuja projeção do *ser* como possibilidades se estreita, na emergência, aos limites de um objeto (ou ato) e, apenas a partir dele, anestesiado, pode se abrir. Um mundo *di-sonante* ao qual o viciado, muitas vezes, sente-se preso e delega ao outro a possibilidade de cuidar de si. Neste mundo, a droga se apresenta como emergência, ou seja, aquilo que emerge apontado que o sofrimento precisa ser anestesiado, para o restabelecimento de um existir suportável.

João apresentou-me seu vício já a partir da perspectiva de parar de usar, ou seja, a partir da possibilidade do *poder-ser* de outra forma. Encontrou em mim e seus outros *suportes* a sustentação necessária para lançar-se no vazio de deixar um modo de habitar o mundo, realizando seu *poder-ser*.

4.3 - Interregno

Através da Fenomenologia Existencial, retorno às condições fundamentais que constituem a forma de *ser* do homem. *Ser* é sempre *com-outros*, *no-mundo*. O homem existe cuidando de sua existência, cuidando de ser. Ou, com Almeida (1999), o homem não tem cuidado, mas é o cuidado. O homem existe *cuidando de ser como o outro*, em sua impropriedade cotidiana; e existe *cuidando de ser quem é*, propriamente, através do modo de *cuidar* daquilo que *cuida*.

O cuidar de ser é uma possibilidade que se estrutura como uma escolha com tríplice aspecto: do *que* se vai cuidar/do que não se vai cuidar; de *como* se vai cuidar e/ou não cuidar; de como se vai cuidar do cuidar mesmo. (CRITELLI, 1996, p. 121)

Os dois primeiros aspectos, o *que* e *como cuidar*, remontam à trama significativa, ao mundo. Modelos sobre o *que* e *como cuidar* são oferecidos pela cultura e apontam para a condição de *ser-com-outros*, o caráter plural do homem que compartilha, muitas vezes, a impropriedade de tais escolhas. As drogas e seus usos, enquanto signos que comportam em si a objetivação dos modos de ser do homem, estariam nesses dois primeiros âmbitos.

Há um nível, entretanto, em que a escolha do *que* e *como* cuidar abre espaço a formas próprias de se *cuidar* daquilo que se *cuida*. João me demonstra isso, quando contrasta sua posição ambígua quanto ao uso de cocaína com a daqueles que a *defendem* entusiasticamente. Ambos *cuidam* de *ser* através da cocaína, porém de formas muito diversas, o que se evidencia pelas diferentes disposições na tarefa de *cuidar*. A partir da forma de *cuidar* da *forma* de *cuidar*, evidencia-se o sentido de *ser*.

Os estados de ânimo são modos de se cuidar de existir, em que se sinaliza se existimos tomando nas mãos nossa própria existência, ou deixando que os outros se encarreguem disso, isto é, em que sentido existimos: própria ou impropriamente (modos ontológicos do cuidar) (CRITELLI, 1996 p. 121-122)

Era evidente, por seu sofrimento, a impropriedade na qual João habitava o vício. Ele pedia sustentação para o seu poder-ser de outro modo. O homem afasta-se da possibilidade de tomar nas mãos sua própria existência, de apropriar-se dela, na sua

urgência ao ausentar-se da responsabilidade de responder a si mesmo, em suas emergências afetivas/aflitivas. Cautella (2009), em seu trabalho de reflexão sobre a prática psicológica num hospital psiquiátrico, discorre:

Na impossibilidade de desenvolver um cuidado de si próprio, o sujeito se afasta das possibilidades de realização/apropriação, ou seja, perde a possibilidade de exercer a autonomia. Deixando de realizar essa possibilidade, priva-se ao acesso à condição de conduzir sua existência. (CAUTELLA, 2009, p. 154)

João apoiava o *cuidado de si* no suporte, responsabilizando-o por seu peso, o que se ilustrou em sua relação com Magno que, no mais das contas, falava por ele; ou em seu comentário no qual me responsabilizava pelo problema que vivenciava, por seu *passar por* (*pathós*, condição do *ser-aí*), quando estava prestes a sair da internação, condenando minha escolha por aquela clínica. Porém, o fazia apenas quando tinha aberta diluído a emergência pela droga.

Eu me esquivo da minha mãe, me esquivo da minha irmã, que me ajuda, eu corro dos meus filhos. Até corro desse amigo. Mas hoje você me cercou, conversou...

Cuidar de si, no encontro com si mesmo. Parecia ser disso que João *corria*. Não seria isso que os suportes *cobravam*? Encontrar-se consigo para arcar com seu peso, rumo à autonomia/propriedade, ou seja, tomar nas mãos a própria existência?

A dificuldade de João no encontro com si mesmo evidenciou-se por inúmeras vias: sua dificuldade em comparecer aos encontros marcados; a criação de todo um simulacro existencial (inclusive físico, no seu quarto) repleto de significados pré-prontos, à mão; suas histórias de caráter performático e heroico; a forma como se sentiu ao se sentar para a entrevista (resignado/*cercado*); ou sua fala.

Evitar o encontro com as próprias questões era também o sentido que João dava ao uso da cocaína, encontrando ali um *refúgio* temporário. Porém, refugiando-se, ausentava-se a responder à responsabilidade do cuidado consigo, convocando aqueles ao redor a ocuparem este lugar vago. Ele pedia sustentação e demandava *cuidado*.

4.3 – Da sustentação...

A expectativa de ajuda se adiantou a João. Eu a conheci antes mesmo de conhecê-lo. Nossa colega prontamente a anunciou e não seria um exagero considerar que foi essa própria expectativa que ela transferiu a mim. Não me engano, entretanto, considerando esta transferência como um mero “passar o problema à frente”. Ela, pelo contrário, *cuidou* de João e de seu pedido de ajuda ao pô-los em contato comigo.

É inexplicável, sabe? Você ter tudo e... ter tudo e não ter nada ao mesmo tempo, cara. Essa é a sequência dessa coisa que está me dominando. Que pensa que não está, mas está dominando, cara. Eu não aguento mais. Me ajuda.

Tenho certeza que... hoje é diferente. Hoje eu vou ter forças de falar um não para ela. Pela tua visita, cara, acredite nisso. Você acredite nisso... de eu... de você ter me dado a oportunidade de pôr isso, expor isso... voluntariamente, e... isso vai me a... já está me ajudando, cara. Parece que não é nada, para você vir até aqui, mas para mim, 46 anos, pai de três filhos, está sendo muito bom. É um passo para mim, cara. É um grande passo para mim... conseguir sair dessa, cara. Obrigado.

O *que* e *como* é essa ajuda que João procurava? Esta questão, longe de ser fruto de uma análise posterior, já se anunciou nos meus primeiros contatos com ele. Era muito intrigante o quanto ele, ao mesmo tempo em que a requisitava diretamente, agradecia-me por já tê-la encontrado em mim.

- Como é que eu estou te ajudando?
- *Cara, eu estou falando para você francamente, eu não vou usar hoje. Por que que eu não vou usar hoje? Faz essa pergunta para você?*
- Eu faço para você. Por que *que* você não vai usar hoje?
- *Pô, cara. Porque eu sempre tenho isso fácil, como você já viu. Se eu sair agora na rua, eu vou ter. Só que hoje, por você estar aqui, descobrindo coisas, avaliando, analisando, pegando a experiência, você está aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. A me esquivar disso. Estou olhando nos teus olhos falando isso, cara. É, cara. Eu vou ter força de*

falar um não para isso hoje. Obrigado. É simples, é... parece simples, mas não é. Eu vou conseguir, falar um não é difícil.

Eu, por diversas vezes, questioneei-o diretamente. Suas respostas, entretanto, não vinham fechadas. Aquilo que constituía a *ajuda* esperada por João foi-me sendo apresentado aos poucos através não só de sua fala, mas também por suas ações e sua maneira de lidar comigo e com seus outros *suportes*.

Num primeiro momento, eu compreendia que estar lá (presença concreta) e ouvi-lo (escuta) bastavam para *ajudá-lo*. Entretanto, a atitude na presença e escuta pode delimitar a possibilidade dessa *ajuda*. O *estar-com* disponível, da presença, possibilitou um encontrar-se no seu próprio mundo, no seu quarto. A minha presença concreta, também, indicava um trabalho, um movimento da minha parte.

Você não sabe como é importante isso que você está fazendo. De não desistir de mim.

Sabe, o empenho que você teve de vir de São Paulo, da Paulista, largou seus compromissos pessoais, família, para estar aqui e absorver coisas importantes para o teu trabalho, para ajudar outras pessoas para não ficar igual a mim, cara.

A minha disponibilidade para essa relação, segundo João, vinha por duas vias: minha insistência em encontrá-lo e meu *empenho* em estar lá.

A presença era, também, perigosa. Não apenas num nível prático de coisas, como a exposição a relações ilícitas e todo o perigo que a elas subjazem, como alertado pelo meu grupo de pesquisa. João insistia em lembrar-me de minha *colega de profissão*, que sucumbiu em sua empreitada por ajudá-lo.

- (...) *você, mesmo que você não queira ajudar, só de você estar ouvindo a pessoa, você está ajudando, cara.*
- Geralmente as pessoas não ouvem?
- (Nega com a cabeça)
- Geralmente não?
- *Não. As pessoas, quando começam a ouvir, começam a expor os problemas delas também, e aí mistura na mente da pessoa que vem te ajudar, que nem a minha amiga, acaba piorando.*

Ao mesmo tempo em que a *ajuda* não prescindia de intencionalidade, uma vez que João me convocava a essa tarefa, era necessário ter força, estrutura, para que se pudesse *ajudá-lo*. Caso contrário, eu poderia cair na *areia movediça* onde ele estava.

O salário para quem ajuda as pessoas é o desprezo, a incompreensão, esse é o salário que você vai ter daqui a pouco. Você está fazendo uma ajuda para mim, mas vai ser cobrado. Por outra coisa, que você não vai perceber, mas vai ser cobrado. Pô, poderia ajudar outra pessoa, mas, pô, por que que eu estou sendo cobrado nisso? Por que que minha consciência está doendo nisso? É o salário de quem ajuda. Sabe, não é dinheiro, é a consciência, é o... você não poder ter feito melhor.

É a consciência, João me aponta. Ajudar é um empreendimento ingrato. A consciência dói no limite da ajuda, que cria um compromisso impossível de ser honrado por completo. Ele sabe o *que é*, o *como é* e o *quanto custa* o dispor-se responsável. É o empenho que ele diz, para além da consciência. É isso o que João compreende por cuidado; contudo é tarefa que ele delega ao outro.

O tema é: ser ouvido e compreendido. Esse é o tema, cara. Não só para mim. Eu não quero benefício próprio, eu não quero só convalescimento, eu quero que isso... que você absorva isso para ajudar outras pessoas, que estão começando ou que vão querer começar, ou que está... tem curiosidade...

Ajudar ao outro é, também, uma *ajuda* a si mesmo. Ao me delegar cuidado e me responsabilizar como suporte, João me implica, para que aquilo que eu recebo dele também seja estendido a outras pessoas. No entanto, e só estou me dando conta disso agora, era uma forma de João expressar o *que e como é* o cuidado para ele, e o como ele estava cuidando de mim: disponibilizando-se para contar de si, João solicitava-me para cuidar de outros. Cuidava de mim, para que eu cuidasse daquilo que cuido.

Por outro lado, o que João chamava de *ajuda*, quando a requisitava, era muito diferente de uma concepção mais geral, como auxílio. Não era a mera facilitação para a

consecução de algo que ele desejava. Se assim fosse, eu poderia dizer que o traficante, seu amigo que não lhe cobrava pela droga, estava prestando uma ajuda ao João.

Mas é tudo sequela da... do desespero de não ter uma coisa que você tem. Que é a coisa que você perdeu. Então a droga não estava ajudando, eu procurei a morte. A morte... nem a morte me quis.

João procurava a droga em busca de *ajuda* para lidar com o sofrimento da perda/abandono de algo/alguém significativo. A droga era *ajuda* enquanto o “poupava” de ser afetado pela dor da perda/abandono, afastando-o de si mesmo. Mas a *ajuda* que ele me requisitava provocava, opostamente, um encontro consigo próprio a partir da escuta e compreensão. A *ajuda* que Ernesto lhe havia oferecido, quando estendeu a mão, foi aceitar seu *modo de existir*, habitando o vício.

Estaria João implicando como compreende ajuda? Solicitar escuta e compreensão, ou até cobranças de outros, a quem delega o cuidado de si, apontaria o sentido de *suportes* como *testemunhas* de seu existir *viciado* e *sofredor*?

4.4 – ...ao cuidado.

O uso da palavra *ajuda*, até agora, foi proposital, mas não me parece um termo adequado. A questão se abre ao descrever com mais detalhes o sentido da *ajuda* que João demandava. Sendo a *ajuda* um empreendimento tão custoso, perigoso e ingrato, o que levaria alguém a tentar realizá-lo?

Obviamente a minha pesquisa, ou meu interesse em coletar uma entrevista, sustentou, por um curto período, o meu levar adiante aquele contato. Mas, caso não houvesse uma dimensão *afetiva* estabelecida, o movimento cessaria tão logo houvésssemos nos despedido ao fim de nosso primeiro encontro. Eu *ajudei* João, quando arrumei uma clínica e fiz o intermédio para a sua internação. *Ajudei-o*, também, quando ele precisava do CRM da médica, para conseguir adquirir a medicação. Mas, pedindo a minha *presença concreta e escuta afetiva*, João demandava *cuidado*.

Etimologicamente, a palavra *cuidado* pode ser compreendida, a partir de Boff (2001, p. 91), como uma derivação da palavra latina *cura*, que em sua forma mais arcaica tomava a nomenclatura de *coera*, amplamente usada numa dimensão relacional de amor fraternal. Assim, *cuidado* é

uma forma situada da cura, pois só se pode cuidar de alguém se esse alguém estiver no mundo e for importante para quem cuida. Cuidado como atitude de “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato” é constitutivo do *Dasein*. (LIMA, D. F.; YEHLIA Y. G.; MORATO, H. T. P., 2009, p. 184)

O *cuidado* é atitude àquilo que nos convoca para além (ou aquém) da fria atividade intelectual. O homem não cuida daquilo pelo qual não é impelido. Escolhe, cuidando de existir, aquilo que estará ou não sob seu cuidado. Tal escolha, entretanto, evidencia-se por sua facticidade e não pode, também, ser atribuída completamente a um trabalho do intelecto. Sequer é necessário um desvelamento prévio da escolha do cuidado.

O cuidar é, ainda que veladamente para a consciência, *seletivo*. Individual e/ou coletivamente, os homens *escolhem* o que vai estar sob seus cuidados, aproximando-o e afastando-o de sua cercania, de sua cotidianidade, de seu mundo vivido, de sua atenção, de seu interesse. (CRITELLI, 1996, p. 120)

Eu, durante meus primeiros contatos com João, não seria capaz de formular a compreensão da minha *presença concreta e escuta afetiva* como indicativos da *escolha de cuidar*.

Agradecer por quê? Eu estava apenas colhendo um relato que me serviria na minha dissertação. Eu estava apenas fazendo a minha pesquisa. Ou não? Estaria eu, de alguma maneira ainda velada para mim, ajudando-o? Ou ainda, estaria ele indicando que minha tarefa lá havia terminado (uma vez que sua amiga já havia ligado duas vezes e já beirava às oito da noite, horário que começa a coceira e o *thriller*)? A partir daí permaneci com o incômodo dessa última opção. De qualquer maneira, continuamos a entrevista.

Ele me agradecia por algo que não me era claro. Minha escolha anunciava-se, mas me era suspeita. De toda essa citação, talvez os termos que se mostrem mais indicativos do *cuidado* sejam “*de qualquer maneira*”. Embora o incômodo que eu sentia se referisse a um possível incômodo em João, ele era meu. Eu é que havia de lidar com meus incômodos e dispêndios nessa relação.

Num contexto geral, os diversos “buracos” na história narrada (como o caso de ter sido *acusado de atentado violento ao pudor contra seu próprio filho*, ou ainda, quem efetivamente chamou a polícia para acusar quem, quando João discutiu com sua mãe e brigou com o irmão) também apareciam como incômodos, quando eu me via às voltas com a necessidade de narrá-los na minha dissertação. Ou, ainda, sentia *as pontadas* das incoerências em sua fala que, ao mesmo tempo em que pareciam zombar de minha capacidade intelectual, pediam, através da *compreensão*, uma cumplicidade. Exigiam suspensão de minha parte em cuidar daquilo que se referia a mim. Era inevitável para mim, fazê-lo encontrar-se com suas próprias questões. Afinal, o *cuidado* exige doação, de um lado, para adoção, de outro.

Com a dimensão afetiva do *cuidado*, que permanece/não abandona e provê *escuta afetiva*, impunha-se o *suporte*. O *suporte* suporta, doa sustentação. Nada mais óbvio. A força e motivação que encontra para suportar vêm de uma dimensão afetiva junto ao outro. O *suporte* deve ser sólido para suportar, ao mesmo tempo em que traz o acalento e a cumplicidade da compreensão.

*Aí, a dificuldade da minha amiga mesmo, é uma pessoa que se preocupa muito comigo. Ela perdeu a mãe e o pai, cara. Tem muita grana. Ela é filha nobre, ela é patricete. Perdeu a mãe e o pai num acidente, está tudo na mão dela, tem vários imóveis, *prá*, e da grana, mas isso não é importante para ela. Ela precisa do quê? De compreensão, de suporte, que ela não tem. Ela tem tudo, mas não tem o suporte, a compreensão dela...*

Embora constitutivo e motor da *ajuda*, o *afeto* não é, por si, suficiente para o *cuidado*. João lembra de que, caso o suporte não aguento, (...) *fica uma (...) amizade, entendeu, mas só que... não tem aquela ajuda*. O *suporte* não pode ter uma problemática que se imponha ao encontro, mas, pelo contrário, deve estar aberto ao outro.

Aí esse cara, que é o empresário, amigo empresário, que é o dono dessa empresa que eu mencionei agora, foi o único que me estendeu a mão. Me trouxe, me deu um emprego, me deu valor, me deu suporte, aí eu parei. Eu tinha parado, por alguns anos, de usar. Fiquei dois a três anos sem usar nada, sem cigarro, sem drogas, só... refrigerante guaraná da Antártica, original do Brasil, está no rótulo. Isso me

levantou, quer dizer, é o que... isso que ele fez é parte do teu trabalho, é atenção e compreensão, a psicologia é isso que ele fez. Ele usou isso comigo. E até hoje ele tem o domínio...

O *suporte* implica o *cuidado*. Ele se apresenta por uma singular atitude de *presença* e *escuta*. Para João, seria próprio ao psicólogo. O psicólogo é o profissional do encontro (FIGUEIREDO, 1993). Encontro que se dá *no mundo*, pois só se *cuida* na presença e através de uma disposição evidenciada pela “atitude de desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção, bom trato” (LIMA; YEHIA; MORATO, 2009, p. 184). Encontro, esse, aberto à alteridade,

(...) nas suas dimensões de algo desconhecido, desafiante e diferente; algo que nos outros nos obriga a um trabalho afetivo e intelectual; algo que no outro nos pro-pulsiona e nos alcança; algo que do outro se impõe a nós e nos contesta, fazendo-nos efetivamente outros que nós mesmos. (FIGUEIREDO, 1993, p. 93)

Algo que leve ao outro lado, através do olho que gruda no buraco da fechadura, fazendo esquecendo-se do próprio corpo do lado de cá da porta. Só assim, pela curiosidade do intelecto sustentada pelo motor dos afetos se é lançado a ser outro para o outro e doar-se para que o outro o adote.

Suporte não impõe o próprio peso. Pelo contrário, *suporte* suporta o peso de algo/alguém. E João era um caçador de suportes na caça a si mesmo. Punha-se a testá-los, tão logo os encontrava. Embora seja sempre possível ir longe demais com uma metáfora, arrisco-me aqui a levar esta um pouco adiante. Como se testa um suporte, se não por escorar-se a ele, ou imprimir um peso extra, para averiguar se ele aguenta? João tentava causar choque, logo de início. Causava mal estar com seu jeito invasivo. Impunha suas significações a tudo, sem dar espaço ao outro. Usava-me para conter seu transbordar.

Minha colega recusou-se a ser *suporte*, mas cuidou de achar outro, que talvez fosse mais apropriado. Sua amiga (minha colega de profissão) quebrou, tornando-se peso solto que agora, também, precisa de um suporte. Ernesto é forte e, surpreendentemente para João, não quebrou mesmo lhe foi imposta uma decepção. Como João dizia, sua própria família era suporte, sem o qual já teria *desistido de viver*.

Então a droga não estava ajudando, eu procurei a morte. A morte... nem a morte me quis.

Assim como um *ente* à mão para a droga, João se faz um *ente* à mão para a morte. Espera dela suporte para retirá-lo do sofrimento. Imputa-lhe o cuidado para deixar de ser si mesmo.

Contudo, mesmo na impossibilidade do cuidado próprio, João cuidou de estabelecer uma rede de *cuidados* à sua volta, através dos *suportes*.

O caráter da insistência apresenta-se quando, ao lidar *cuidando-se de*, se obstrui o caminho para o próprio *cuidar-se de*

João, ao lidar para cuidar de morrer, deixou de cuidar de si para viver. Mas os *suportes* eram testemunhas solidárias da dor solitária de João, para quem ele pedia o acalento da companhia, o silêncio respeitoso e a compreensão no seu ausentar-se em cuidar das outras coisas.

E só a partir deles, pôde lançar-se num angustiante empreendimento que transcende em muito a consecução da abstinência, mas recai num morrer em vida, deixando de ser quem era para realizar-se como *ser de possibilidades*.

5 – O SENTIDO PLURAL PELO SINGULAR DO CUIDADO

O fenômeno do vício foi objeto deste trabalho, na direção de apresentá-lo com um caráter singular. Se assim não fosse, João seria um péssimo candidato a “sujeito”, uma vez que, na objetividade da sua relação com a droga, trazia uma vasta gama de peculiaridades: não tinha dispêndio financeiro; dispunha de um local seguro para usar a droga, dispunha de pessoas que tomavam nas mãos as suas responsabilidades práticas, possuía certa estabilidade no emprego... Mais peculiar ainda foi a rede de *cuidados* com a qual pôde contar. A singularidade apresentada ao se transitar in-clinado a João, não impede, contudo, algumas considerações acerca do *vício* em seu caráter plural.

A etimologia é grande aliada para a Fenomenologia Existencial, uma vez que é uma das vias pelas quais a fluidez, a impermanência das significações (e, portanto, do mundo) evidencia-se mais claramente. Heidegger a usa magistralmente em diversas de suas obras. Arrisco-me, então, a uma breve incursão por alguns termos.

A palavra vício em grego (εθισμός - ethismós) não mudou ao longo dos anos; é exatamente a mesma em grego arcaico. Um de seus derivados é o termo (ἦθος - éthos): costume ou hábito, de onde se apreende a branda conotação inicial do termo. (MERRIAM-WEBSTER UNABRIDGED, 2002). O hábito seria, então, como uma segunda natureza.

Já a palavra vício, em português, deriva do termo em latim *vittium*, implicando certa conotação moral. Geralmente é usada em oposição à virtude.

vício

(latim *vitium*, -ii) s. m.

1. Defeito ou imperfeição.
 2. Prática frequente de ato considerado pecaminoso.
 3. Tendência para contrariar a moral estabelecida. = DEPRAVAÇÃO
 4. Hábito inveterado. = MANIA
 5. Dependência do consumo de uma substância (ex.: *vício do álcool*).
 6. Erro de ofício.
 7. Erro habitual no uso da língua.
 8. Mau hábito ou costume que as bestas adquirem. = MANHA
- (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2013)

A polaridade subjacente ao termo é, ainda, a tônica cultural e política atual para com o *vício*. A guerra às drogas, não restrita apenas à política norte americana, pode

ser encontrada no primeiro item da lista de pressupostos da Política Nacional Sobre Drogas, assinada pelo Conselho Nacional Antidrogas (CONAD) em 2005, na qual se lê:

- Buscar, incessantemente, atingir o ideal de construção de uma sociedade protegida do uso de drogas ilícitas e do uso indevido de drogas lícitas. (Resolução nº3/GSIPR/CH/CONAD, 2005)

Ou seja, tenta-se metodicamente negar a existência de uma possibilidade imprópria de existir, aberta ao homem. Entretanto, não se pode, nela, concentrar “todos os pecados do mundo”, haja vista muitas outras formas de existir igualmente danosas ao ser humano, sem que a elas se perpetrem guerras ao seu combate. João mostra o *viciado* em toda a sua concretude, perplexando a trágica condição humana para além de uma adição: a tarefa de *cuidar de ser sendo quem se é*.

Cria-se terreno, então, para ir-se *de encontro ao vício*, nas chamadas “terapias de ataque” contemporâneas, subtraindo ao *viciado* sua voz. Para além da regulação social, a confrontação tornou-se método “terapêutico”:

Eles marcaram uma reunião-surpresa, cercaram-no de colegas críticos de seu trabalho e ameaçaram-no de demissão se ele não buscasse ajuda imediatamente. Quando o executivo tentou negar que tivesse problemas com o álcool, o diretor médico... repreendeu-o duramente. “Cale-se e escute”, disse ele. “Alcoolistas são mentirosos, então, nós não queremos ouvir o que você tem a dizer.” (GREENBERGER, 1983, p. 1)

Agora, Buster, vou lhe dizer o que fazer. Eu vou lhe mostrar. Ou você faz o que eu disser ou você dá o fora agora mesmo da propriedade Synanon. Você vai raspar o bigode, vai participar dos grupos e vai se comportar como um cavalheiro enquanto morar aqui. Você não gosta daqui? Deus lhe abençoe, vou lhe desejar a mesma sorte que desejei para outras pessoas como você quando elas partiram e saíram daqui direto para a cadeia. É assim que funciona na Synanon; você está passando por uma pequena cirurgia emocional. Se você não gosta da cirurgia, tudo bem, vá e faça o que tem que fazer. Talvez a gente se encontre de novo depois que você sair da penitenciária ou depois de uma overdose. “Ninguém me diz o que fazer!” Ninguém no mundo diz isso, exceto lunáticos como toxicômanos, alcoolistas e *El Gatos bigodudos*. (YABLONSKY, 1989, P. 122).

Tal modalidade de prática vem sendo, porém, abandonada frente à constatação de sua ineficácia e, inclusive, de seu caráter prejudicial:

Tem sido demonstrado que a terapia confrontacional de grupo, na verdade, produz resultados mais prejudiciais e adversos do que abordagens alternativas e pode ser particularmente prejudicial aos indivíduos com baixa auto-estima. Não há, em resumo, evidências persuasivas de que táticas confrontacionais agressivas sejam estratégias com alguma utilidade, quanto mais superiores ou preferíveis, no tratamento de comportamentos de dependência ou de outros problemas. (MILLER, 2001, p. 24)

Seria, inclusive, um equívoco chamar tal abordagem de *tratamento*, pois, como aponta o médico filósofo Gadamer (2006, p. 114):

“Tratar” significa *palpare*, quer dizer, tocar o corpo do doente com a mão (a *palpa*) cuidadosa e sensivelmente para, com isso perceber tensões e contrações que talvez confirmem ou corrijam o diagnóstico subjetivo do paciente, o qual se designa dor.

Cuidadosa e sensivelmente não seriam os advérbios corretos para qualificar a fala nos excertos que ilustram as técnicas de confrontação. Lembrando de João, fica claro o quanto qualquer tentativa de um posicionamento contrário a ele, implicava resultados drásticos para todos. Sua mãe, ao pôr as crianças para dormir embaixo, no quarto onde ele usava a droga, acabou por criar um conflito que chegou à beira de uma intervenção do Estado, pela polícia. Sua mãe é, por outro lado, forçada a esse movimento quando, sob a ótica proibicionista, estava no papel daquele que se designa como “*enabler*”, ou seja, um facilitador para o vício alheio, por permitir o uso da droga em sua casa. O posicionamento controlador/enganador da clínica, também, foi o estopim para que João perdesse a confiança e quisesse de lá sair. João tinha medo, ao ir à USP, de encontrar ambulâncias e enfermeiros com camisas de força para levá-lo compulsoriamente para internação.

Retorno a Gadamer (2006, p. 115), para tomar de empréstimo suas palavras, na discussão sobre o tratamento:

Depois de termos esclarecido a origem da palavra palpação, prossigamos, então, a questionar: o que significa, de fato, “tratar”? Mais uma vez, o uso linguístico usual ultrapassa o significado da situação médica. Sem que sejamos médicos, também nos tratamos entre nós, às vezes bem, às vezes mal. Nesses momentos, o que estamos fazendo na realidade? O que isso significa? Fica claro que a tarefa se constitui em tratar alguém “corretamente”. Isso quer dizer que estamos cumprindo uma norma ou seguindo uma regra? Eu creio, antes, que nos dirigimos corretamente ao outro, não o violentamos, não o importunamos de qualquer forma, não lhe impomos, por exemplo, uma medida ou um

preceito. Quer se trate da regularização de normas através de aparelhos de medição modernos ou do despotismo educacional de uma instituição escolar ou da fúria autoritária de um professor ou de um pai, a tudo isso se contrapõe o reconhecer no outro o seu ser-diferente. Somente dessa maneira se poderá orientá-lo um pouco de modo que ele saiba encontrar seu próprio caminho, que lhe seja próprio. Tratamento sempre implica, ao mesmo tempo, permissão e não apenas a prescrição de regulamentos ou receitas. Na verdade, fica claro para o médico quando se diz que fulano e beltrano estão sob seu tratamento. Isso significa uma certa responsabilidade, mas também uma certa assistência tolerante. De qualquer modo, nenhum médico deveria ser tão atrevido a ponto de querer dominar o paciente. Ele deve aconselhá-lo e auxiliá-lo quando pode e sabe que o paciente estará sob seu tratamento somente até a sua recuperação.

Através do percurso descrito neste trabalho, penso poder ter apontado que não existe apenas um caminho a se percorrer nos cuidados com alguém que, em última instância, pede sustentação para deixar-de-ser si mesmo, largar a si próprio ao largar a cocaína, o álcool, o cigarro...

Foi fácil tomar a decisão de ir *ao encontro de* João, uma vez que meu contato com ele era mediado (e justificado) por um trabalho acadêmico. Difícil, porém, foi permanecer neste contato enquanto ele me requisitava, pois a justificativa que responde ao olhar técnico já havia se diluído.

Creio que se não fosse por meu constante exercício de estar aberto ao outro, praticado durante meus sete anos de atendimento em Plantão Psicológico, talvez não pudesse me dar conta de que estar aberto ao outro não pressupunha uma delimitação de “*setting*”, ou toda uma arquitetura de tratamento previamente delimitada. Trata-se, apenas, da “simples” tarefa de estar disponível ao outro como, onde e quando o outro nos requisita.

Acompanhamento Terapêutico, Visita Domiciliar, Narrativas Autobiográficas, etc. Tudo isso são modalidades, ainda consideradas “alternativas”, que se mostram, a partir do que aqui foi escrito, como promissoras enquanto formas de encontrar o outro que sofre. Porém, não se trata inicialmente de uma arquitetura instrumental, mas de uma disposição, uma atitude aberta ao encontro para alguém de tal ou qual técnica.

Uma última consideração que gostaria de fazer vem, na verdade, sob a forma de uma reconsideração. Conforme já mencionado, o termo *vício* foi escolhido neste trabalho por ser aquele que menos traz consigo uma conotação técnico-especialista, ou

seja, que menos implica a dimensão de um saber-fazer prévio. Entretanto, ao longo de minha pesquisa, um termo me chamou a atenção e parece trazer com certa propriedade aquilo que, até aqui, expus.

O historiador Henrique Carneiro, ao discorrer sobre a variação dos termos utilizados para se referir ao *vício*, escreve: “O termo adição (*addiction*, em inglês) deriva da palavra latina que designava, na Roma antiga, o cidadão livre que fora reduzido à escravidão por dívidas não pagas.” (Carneiro, 2002, p. 5). A dívida que o adito recusa-se a pagar é o ônus com que a existência se apresenta para todo e qualquer ser humano: *existir*. Quanto à escravidão, bem... Ela se mostra narrada nas páginas anteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, F. M. . **Ser Clínico como Educador:** uma leitura fenomenológica existencial de algumas temáticas na prática de profissionais de saúde e educação. 2005. 221 f. Tese de Doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005.

BENJAMIN, W. (1985). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, Obras Escolhidas, v. 1.

CARNEIRO, H. . **A construção do vício.** Texto apresentado na conferência “A construção do vício como doença: o consumo de drogas e a medicina”, no XIII Encontro Regional de História (Anpuh-MG), em 15/07/02. Belo Horizonte. 2002

CASTAÑEDA, C. . **A erva do diabo:** os ensinamentos de dom Juan. Rio de Janeiro: Record, 1986.

CAUTELA, W; MORATO, H. T. P. . Uma prática psicológica inclusiva em hospital psiquiátrico: do cuidado de ser ao resgate da cidadania (in) MORATO, H. T. P. ; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. . **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial:** uma introdução. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

CONAD. Resolução nº3/GSIPR/CH/CONAD, de 27 de Outubro de 2005. <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Legislacao/326979.pdf>

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO, Disponível em: <http://www.crpsp.org.br>, Acesso em: 20/02/2013

CRITELLI, D. M. . **A analítica do sentido:** uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC; Brasiliense, 1996.

_____. Martin Heidegger e a essência da técnica. **Margem**, São Paulo, n. 16, 2002.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <http://www.priberam.pt>. Acesso em: 18/02/2013

FIGUEIREDO, L. C. M. . Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo, n. 1, PUC-SP, 1993.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmundo Freud**. Rio de Janeiro, Imago, 1947.

GADAMER, H. G. . **O Caráter Oculto da Saúde**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

GREENBERGER, R. S. **Sobering method:** firms are confronting alcoholic executives with threat of firing. The Wall Street Journal, New York (13/01/1983).

HEIDEGGER, M. . **Ser e Tempo**. 3^a. Edição. Tradução de Marcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 1989.

LIMA, D. F.; YEHIA Y. G.; MORATO, H. T. P. . Os sentidos da escuta fenomenológico-existencial. (in) MORATO, H. T. P. ; BARRETO, C. L. B. T.; NUNES, A. P. . **Aconselhamento psicológico numa perspectiva fenomenológica existencial: uma introdução**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

MERRIAM-WEBSTER ONLINE DICTIONARY. Disponível em: <http://unabridged.merriam-webster.com>. Acesso em: Dezembro/2012.

MILLER, R. W. . **Entrevista motivacional:** preparando as pessoas para a mudança de comportamentos adictivos. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MORATO, HTP. (org). **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

SIPAHI, F. M.; VIANNA, F. C. . Uma análise da dependência de drogas numa perspectiva fenomenológica existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, 2001.

YABLONSKY, L. . **The therapeutic community:** a successful approach for treating substance abusers, New York: Gardner Press, 1989.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Será realizada uma entrevista como parte da pesquisa intitulada “Vícios: uma aproximação pela Fenomenologia Existencial”, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Henriette Tognetti Penha Morato e tem como objetivo a compreensão do vício como percebido pelos sujeitos que se dizem viciados em algo. O objetivo dessa pesquisa é estritamente acadêmico e para fins didáticos, não havendo nem uma outra finalidade.

A entrevista deve durar entre 45 e 120 minutos, dependendo da sua disponibilidade, que é o que será requisitada pelo pesquisador e será gravada em áudio, sendo que as gravações ficarão arquivadas no Laboratório de Estudo e Prática em Psicologia e Fenomenologia Existencial (LEFE- IP- USP), com acesso restrito e sem identificação dos entrevistados. Vale salientar que a participação é voluntária e a entrevista pode ser interrompida a qualquer momento.

O material coletado na pesquisa poderá ser utilizado em uma futura publicação em livro e/ou revista científica, mas, novamente, reforça-se o sigilo, pois em nenhum momento sua identidade será revelada.

A pesquisa não trará nenhum risco a você e nem oferecerá alguma vantagem financeira. Se for necessário um encaminhamento para algum atendimento, ele será feito pelo pesquisador e será oferecido de forma gratuita.

Qualquer dúvida, entrar em contato com Neide, pelo telefone (011) 3091-4285, ou diretamente no Comitê de Ética e Pesquisa com Seres humanos do IPUSP (Av. Prof Mello de Moraes, 1721, Bloco F, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP- fone (11) 3097-0529 – e-mail: ceph.ip@usp.br).

Pesquisador Responsável
Prof. Dr. Henriette T. P. Morato
PSA – Dep. De Psicologia da
Aprendizagem, Desenvolvimento e da
Personalidade.
Instituto de Psicologia da USP

Pesquisador Executor
Marcos G. Gorenstein
Aluno regular da Pós-Graduação
Instituto de Psicologia

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA NA PESQUISA

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “Vícios: uma aproximação pela Fenomenologia Existencial” como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador Marcos Geraissate Gorenstein sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação.

Local e data: _____

Nome e assinatura do participante: _____

ANEXO II - ENTREVISTA

Pesquisador – Muito obrigado pela entrevista. Eu gostaria que você contasse para mim, um pouquinho, como que é a sua experiência... Falar qual é o seu vício e como é a sua experiência com isso.

Entrevistado – *O meu vício, momentaneamente, que eu ainda considero que não é um vício, porque acho que todo viciado não se considera viciado... eu só uso à noite essa tal de cocaína, e fumo muito cigarro, marlboro. Eu fumo vários maços por dia, então isso é uma dependência que eu tenho, cigarro, marlboro. E a cocaína. Já o álcool, nem tanto. Com o álcool eu sou meio devagar, que eu não me dou bem. E isso tá me deixando sempre sem sono, sem apetite alimentício, descontrole emocional... depressivo, ansioso, nervoso, por vandalismo, por coisas banais da vida... Qualquer mosquito que passa te incomoda... É só sequelas dessa situação que eu me encontro, então é por isso que eu estou te pedindo uma ajuda e... agradeço que você está tendo essa paciência aí comigo.*

Pesquisador – Você quer me contar um pouquinho da história, como é que foi?

Entrevistado – *Eu comecei com um pequeno baseado, depois fui para um cigarro, depois eu fui para o álcool... o álcool não me dava mais um... uma luz assim, aí fui para o pó. Aí eu fiquei no pó e estou no pó até agora... estou tendo essa dificuldade até de falar nele, cara. É difícil a gente falar disso. É uma experiência que não ofereço e não quero que ninguém tente se aproximar, cara. Tente se esquivar o máximo, não degustar, não se aproximar e entender porque que tem isso. Que é uma coisa ruim de se ter. Se acostumar com ela é difícil. Depois que você se torna um dependente. É muito difícil você se adaptar. Você sempre está pondo ela em primeiro plano, o trabalho é em segundo, a família em terceiro e ela sempre é o primeiro. Então é isso que eu estou querendo expor e explicar que não é importante alguém se... fazer parte de drogas. Principalmente a cocaína, cara.*

Pesquisador – Qual que é a questão com a cocaína, especificamente?

Entrevistado – *A questão minha é psicológica mesmo, cara. Eu vou atrás dela porque eu quero esquecer de algumas coisas... momento de casamento, do momento conjugal... eu vou atrás dela e pá, dou uma mandada, aí um momento esquece... aí, quando acaba o prazer do... da brisa, que a gente acha que é uma brisa e não é, aí a gente fica mais deprimido ainda. A sequela disso é tão difícil de explicar, cara. É inexplicável. É uma coisa que não dá para explicar assim. É só você avaliando assim o que você contemplou aqui agora, a carta que você leu, a foto que você viu e... então tudo isso é, é um ciclo, cara, que você... do tipo sem volta, mas para mim tem volta depois do encontro com você, cara. Eu acredito na sua capacidade de me ajudar, cara. Sabe, eu acho que tem que ter pessoas como você, como essa instituição que você está estudando, para... para as pessoas entenderem que as drogas é uma questão de saúde, não é uma questão de dependência e caso de polícia, é questão de saúde. A dependência química, é... tabatismo, que é o cigarro, o alcoolismo, é tudo dependência química, é uma questão de saúde. A pessoa vai atrás dela porque é uma... um refúgio, acaba se envolvendo e acaba piorando. Então, é uma questão de saúde na minha opinião. E emergencialmente eu peço que as autoridades que possam ouvir isso futuramente tomem providências e valorizem o teu trabalho e deem todo suporte e apoio para você poder ajudar as pessoas que peçam essa ajuda. É muito importante. Eu sou pai de três filhos, o meu filho tem dezesseis anos, já está... já está se afastando de mim por conta disso. O meu de quatorze também me cobra às vezes, a minha filha também me cobra, assim, eles não... não me veem fazendo, mas eles percebem. Então, a sequela disso é muito prejudicial para quem está ao redor, como minha mãe, os meus filhos, sabe, meus amigos, quem gosta realmente de mim, no meu trabalho... Isso tem a sequela que, parece que não, mas a pessoa fica marginalizada... É diferente e sem confiança. Sabe, então são essas coisas que eu passo para você. Eu gostaria que você tivesse toda nitidez e visual, como você está vendo, verbal, para você poder absorver coisas, para poder dar soluções para as pessoas não se afastassem... Não se afastar, não. Se afastarem, se abster dessas coisas químicas, porque é difícil a sequela. É inexplicável a sensação do que ela faz e o que ela destrói, cara. Isso, é... não dá para explicar. Eu não tenho palavras para poder explicar. É difícil falar, cara, mas... é muito bom estar podendo falar isso.*

Pesquisador – Eu imagino que seja difícil, sim.

Entrevistado – *É muito bom estar podendo falar, cara. Sabe, você segurar o nó na garganta, a vontade de chorar, vontade de gritar. É... inexplicável, cara. É inexplicável, sabe? Você ter tudo e... ter tudo e não ter nada ao mesmo tempo, cara. Essa é a sequência dessa coisa que está me dominando. Que pensa que não está, mas está dominando, cara. Eu não aguento mais. Me ajuda.*

Pesquisador – Porque é que algumas pessoas acabam se viciando e outras experimentam e não se viciam?

Entrevistado – *Essas que não se viciam é porque elas têm uma estrutura psicológica, um apoio financeiro ou apoio psicológico familiar sério, ou apoio religioso, então, essa estrutura, elas veem que não é bom, elas se esquivam. Mas, quando a pessoa tem uma fragilidade de perder uma coisa que gosta, que nem eu perdi a minha esposa, eu perdi o meu finado irmão, que foi criado no crime... tudo isso foi gerando uma sequência, a gente vai procurando soluções e... tudo isso é o salário disso, é acabar indo atrás disso para tentar esquecer esse problema, então, é uma coisa que não dá para te explicar, Marcos. Nossa, mas é uma coisa muito boa quando você põe para fora, sabe Marcos? Assim, essa situação que te alivia, cara. Esse é o caminho. Ser ouvido e compreendido, não criticado, cara, como marginal, como drogado, não. Como pessoa doente, que precisa de ajuda médica, isso precisa sim, cara. Eu sei... eu não conheço, eu nunca fui para clínica. Tenho vontade, eu tenho a guarda, pela justiça, dos meus filhos, só não fui para uma clínica ainda porque eu tenho medo de perder a guarda deles... que se eu for, eles vão para um abrigo. Então tudo isso que me segurou ainda de já ter tomado uma atitude de parar com isso. Então, é difícil, cara. É difícil.*

Pesquisador – Mas você já vem pensando em parar?

Entrevistado – *Há muito tempo.*

Pesquisador – E qual é o sentimento que vem quando você pensa?

Entrevistado – *É engraçado, cara. Quando você pensa em parar, cara, você fica um dia sem usar, no outro dia você usa em dobro, porque parece que as coisas vêm mais fácil. Para prejudicar mais ainda você. Isso, como eu comentei, eu tenho fácil acesso, eu não tenho problema financeiro para adquirir isso, eu tenho... Tenho alguns amigos que usam, que vêm aqui me visitar, traz. Tem as amigas, também mulheres, inclusive tenho, não vou mencionar nomes, tem médicas, tem psicólogos também que estão nessa... E o pessoal também está procurando uma ajuda, e... um procurando... um ciclo de... é um elo de uma corrente que fica tentando uma ajuda, mas só que muitas pessoas se esquivam sim, e me ajudam, sabe? Uma delas que eu conheci hoje, muito legal, que é você, cara. Dá para ver nitidamente que você está querendo me ajudar e ajudar outras pessoas por essa entrevista. Por isso que eu estou me abrindo bem, estou bem à vontade, estou muito tranquilo, com certeza o que eu estou falando não é coisa de livro, é coisa da minha vida mesmo. É gratificante e difícil falar, cara.*

Pesquisador - Eu imagino.

Entrevistado – *É lágrima e choro, é igual aquele logotipo da fantasia, teatro, um lado com sorriso, um lado com lágrima. É minha vida, cara, é o que você está vendo aí, ao seu redor. Sabe, Deus abençoe nossa bagunça, tá, é aqui... Então, é essas coisas. Eu quero passar para você isso, como você está vendo e vai absorver experiência e vai saber lidar com outras pessoas. Outro dia, ou na sua vida cotidiana você vai encontrar uma pessoa que é essa que provou e não gostou, que pode voltar. Você, ouvindo o depoimento, a experiência que você tem, você vai saber lidar com essa pessoa e dar uma palavra para ela, até mesmo um remédio, uma receita, a pessoa vai falar: “Puxa, é uma ajuda”. Porque o psicológico, o mais importante é atenção e compreensão. É isso que eu acredito na psicologia. Não adianta você ir na igreja para parar, ou ir numa clínica. Tem que ter isso aqui que eu estou tendo com você agora, uma compreensão, um diálogo. Sabe, o empenho que você teve de vir de São Paulo, da Paulista, largou seus compromissos pessoais, família, para estar aqui e absorver coisas importantes para o teu trabalho, para ajudar outras pessoas para não ficar igual a mim, cara. Então eu valorizo e agradeço, cara.*

Pesquisador – Igual a você como?

Entrevistado – *Meu, eu não faço mal para ninguém, só para mim mesmo, sabe? Eu gosto de ajudar as pessoas, que você acabou de chegar vendo eu fazendo um serviço voluntário que eu faço há muitos anos aqui na minha rua, eu varro a rua inteira... Isso é para mim descarregar as coisas negativas, eu faço isso. Estou ajudando a todos. Sou criticado, sou fofoqueiro, nóia, viciado... é isso que eu escuto aí na rua, eu moro aqui há muitos anos, sou o mais antigo, a minha família é a família mais antiga aqui desse bairro que você está nesse momento. Então a gente não... não somos simples, não somos... apoiamos o trabalho, a verdade, sabe, batemos firmes nisso, queremos ajudar as pessoas. Várias pessoas que já chegou até mim, já saiu... ajuda. O salário para quem ajuda as pessoas é o desprezo, a incompreensão, esse é o salário que você vai ter daqui a pouco. Você está fazendo uma ajuda para mim mas vais ser cobrado. Por outra coisa, que você não vai perceber, mas vai ser cobrado. Pô, poderia ajudar outra pessoa, mas, pô, por que que eu estou sendo cobrado nisso? Por que que minha consciência está doendo nisso? É o salário de quem ajuda. Sabe, não é dinheiro, é a consciência, é o... você não poder ter feito melhor. É isso que vai te gerar experiência para você ter mais força de ajudar as pessoas. Isso é muito legal, cara. Eu me desabafo fazendo essas coisas, eu varro a rua, cato lixo, eu faço reciclagem, atravesso... levo gente na escola.*

(Telefone toca)

Entrevistado – *É outra amiga que está precisando de ajuda, de uma corda. Sua colega de profissão.*

Pesquisador – Como é que você vê essas outras pessoas que estão precisando de ajuda? Você vê elas como você? Tem alguma diferença?

Entrevistado – *Ah, a dificuldade da minha amiga mesmo, é uma pessoa que se preocupa muito comigo. Ela perdeu a mãe e o pai, cara. Tem muita grana. Ela é filha nobre, ela é patricete. Perdeu a mãe e o pai num acidente, está tudo na mão dela, tem vários imóveis, pá, e da grana, mas isso não é importante para*

ela. Ela precisa do quê? De compreensão, de suporte, que ela não tem. Ela tem tudo mas não tem o suporte, a compreensão dela... Por que ela perdeu a mãe na idade que ela estava, perdeu a irmã de overdose... Entendeu? Ficou quatro dias em estado de decomposição no apartamento, debaixo de um edredon, foi encontrada. Então olha o que ela passa. Quem que vai tirar aquela imagem que ela que foi que teve que reconhecer a irmã? Quem que vai apagar a mãe e o pai num acidente? Ninguém, só alguém que ela possa fazer isso que eu estou fazendo agora. É isso que eu acredito. Ela vai num... espiritismo, Allan Kardec, mas isso... está ajudando ela a equilibrar a parte espiritual, mas a parte material tem que ser uma pessoa profissional igual a você, Marcos, para entender e compreender. Ela não teve.

Pesquisador – Então você localiza a questão do vício como uma parte material?

Entrevistado – É o refúgio de um problema que você não consegue resolver, que você quer esquecer e você não consegue, aí você vai nessa, vai nessa, vai nessa. Pensa que está bom, mas depois você acaba se martirizando mais. Você sofre duplamente porque você usufruiu, estragou a saúde, estragou os neurônios e... dá um desespero: “Por que que eu fiz isso?”. Você não consegue solução. É isso que é a sequência da famosa cocaína.

Pesquisador – É igual a sequência de outros vícios?

Entrevistado – Eu acho que a cocaína é a pior porque é o seguinte, a sequência da cocaína, primeiro grau, você usou pouco, você consegue ter uma ereção, sexual. Você usou mais, uma quantidade grande, você não tem potência, você não tem alimentação e você fuma muito cigarro e você fica sem sono e sem líquido. Ela te resseca, te deixa... acaba com você. E uma hora seu cérebro acha que está bom, mas depois que você olha no espelho, você vê que não está. Seus olhos estão fundos, lacrimejando, a boca sangrando. Eu não sei como tantos anos que eu uso, meu nariz nunca sangra. Eu acho que nem nariz eu tenho mais. Então é isso, cara.

Pesquisador – Então você está me dizendo que você não percebe o estrago que vai fazendo, mas, de repente, você se dá conta disso, quando você se olha no espelho, por exemplo?

Entrevistado – *Puxa vida, no espelho, quando eu olho para a minha mãe chorando, quando eu olho para os meus filhos se afastando de mim, vários amigos importantes. Eu presto serviço numa empresa de informática, que fica aqui na rua... Eu fui injustiçado numa questão, também ajudou eu cair nessa, de ser acusado por atentado violento ao pudor, ao meu próprio filho, na ocasião do meu casamento, isso também mexeu muito comigo, eu fiquei arrasado, sem ninguém, fiquei longe dos meus filhos por oito meses, num sítio que a minha mãe tem, sem moral nenhuma. Aí esse cara, que é o empresário, amigo empresário, que é o dono dessa empresa que eu mencionei agora, foi o único que me estendeu a mão. Me trouxe, me deu um emprego, me deu valor, me deu suporte, aí eu parei. Eu tinha parado, por alguns anos, de usar. Fiquei dois a três anos sem usar nada, sem cigarro, sem drogas, só... refrigerante guaraná da Antártica, original do Brasil, está no rótulo. Isso me levantou, quer dizer, é o que... isso que ele fez é parte do teu trabalho, é atenção e compreensão, a psicologia é isso que ele fez. Ele usou isso comigo. E até hoje ele tem o domínio... Aí eu tive uma recaída muito forte por causa da minha emoção, é... um sentimento emocional, amoroso pela perda da minha ex-companheira, perdi assim, ela está com outro e tal. Aí eu voltei, tive uma recaída, comecei a me relacionar com outras pessoas que gostam, aí eu comecei a usar de novo, comecei a beber, voltei a fumar... eu me afastei da empresa por um ano. Sem ele falar nada ele percebeu: “Por que você não está vindo mais trabalhar comigo?”. Aí eu tive que me abrir com ele. Eu falei: “Olha, meu, porque eu estou nessa de novo, e tal”. Pensei que ele ia bater a porta na minha cara, que ele ia falar: “Não te quero mais. Quando te... quando te uma chance você não aproveitou.” Não: “Eu vou te arrumar uma clínica, cara. Eu vou esperar você, porque... você é concursado recente. Quando você ficar efetivo sem problemas, eu vou te pôr numa clínica, vou pagar... inclusive a sua vaga... essa clínica é tão boa em Sorocaba, que só entra quando tem a vaga mesmo. Você... a sua vaga está esperando, quando você estiver pronto, você vai ficar lá. Só estou esperando você se efetivar fortemente para mim poder te pôr lá.” Ele, tá, ofereceu uma*

ajuda. Aí eu... de vez em quando eu estou ali na empresa, saio de madrugada dirigindo para ele. Ele sabe que eu estou nessa, mas eu não misturo o meu trabalho com a emoção. Isso é a vantagem que eu tenho sobre a droga... sobre a cocaína, porque eu não... quando eu vou trabalhar eu não uso. Durante o dia, das oito... das oito da manhã às seis da tarde, eu não... eu dirijo. E eu... mantenho a postura de não usar e não lembro dela e ela não me atrapalha. Eu consigo fazer uma refeição só por dia, no restaurante do Servidor, que é uma refeição reforçada que eu faço, que eu pago um real descontado em folha. Restaurante do Servidor. Eu só faço essa refeição. É a única. Não janto e não tomo café da manhã. Aí quando dá o fim do expediente, eu venho para casa, já começa a escurecer, parece o clipe do Michael Jackson, fico vendo thriller, fico vendo coisa, aí eu quero, aí eu vou... e não durmo mais, cara. Aí às cinco, seis da manhã eu venho para casa dormir... estou aqui mesmo, me entorpecendo, me destruindo, me martirizando, achando que está não sendo bom, sozinho, solitário, cigarro... E isso, quando eu dou conta, eu não dormi nada. Eu acordo, assim, eu dou uma cochilada e já é hora de ir trabalhar de novo, eu estou lúcido aí eu pego no volante, passo normal a minha vida. Mas, é... isso está me prejudicando, cara.

Pesquisador – Tem sido assim há quanto tempo?

Entrevistado – Um ano, cara.

Pesquisador – Há um ano.

Entrevistado – Um ano. Afirmativamente há um ano. Direto. Pouco sono, pouca refeição... e pouca atenção para os meus filhos e só dou atenção para o meu trabalho e para essa porcaria de pó, cara. É... é isso que está me... isso está acabando comigo, cara. A gente não percebe, Marcos, mas isso está acabando comigo. Eu não sou mais, assim... como você está vendo eu tenho esses olhos fundos...

Pesquisador – Será que se você não percebesse, você estaria falando isso para mim? Será que se você não percebesse que está te prejudicando, você estaria me falando que está te prejudicando?’

Entrevistado – *É... eu só estou te falando isso porque eu já usei, cara. Se eu estivesse num dia... num horário que eu não uso, que é o horário das oito às seis, que eu não uso durante o meu trabalho, eu não estaria com coragem de te falar.*

Pesquisador – Entendi. Entendi.

Entrevistado – *Entendeu? Como eu... Hoje eu usei, vou ser franco aqui perante essa gravação, esse depoimento. Para mim é importante. É importante para mim mesmo. Que eu usufruí numa parte do... da tarde. E isso me deixa diferente, cara. Eu não costumo usar durante o dia, isso. Eu não tenho o hábito de usar durante o dia, de usufruir da cocaína durante o dia, então eu usei agora alguns... alguns... algumas gramas, assim, tipo, uma grama e meia, que eu usei, como uns dois papéletes, conhecido como dois sacolé. Isso já me deixou um pouco diferente e um pouco à vontade para poder estar te contando, porque já está escurecendo, então... então já está dando... tudo está engrenando e tudo está acontecendo para eu poder estar te falando essas coisa, cara.*

Pesquisador – Entendi. Então você me fala, como se tivessem dois de você?

Entrevistado – *É. Duplamente.*

Pesquisador – Me conta de um e me conta de outro.

Entrevistado – *O eu bom: é o que acorda cedo, que leva a filha na escola, que leva minha filha na escola de informática, minha filha de doze anos, linda, maravilhosa, que eu tenho. (Choro). É muito legal levar ela... aí depois eu vou ao meu trabalho, dirijo, faço os contatos, vou em reuniões, aquela paciência, faço normal. Depois eu volto... à noite eu encontro com essa coisa e... Mas o mais legal é o lado ruim meu é à noite, cara. O lado bom é durante o meu trabalho, minha família. Sabe, correr atrás de documentação, levar a minha mãe ao*

médico e, pô, e fazer, tá, tá... cuidar da minha família, isso vem me aj... é bom, é o lado bom meu. O outro lado é o outro lado da noite, que agora... farinha, cocaína, companhias... não ruins, não marginalizadas, gente de nível, gente de classe, mas só que... tem esse lado da cocaína no... ao meio. Então... é difícil, cara. Eu, sou eu que faço mal. Eu faço mal, sim, para mim mesmo, cara. E eu tenho certeza que a partir de hoje, estou sendo bem franco com essa gravação e olhando nos teus olhos, que a minha vida está mudando, cara. Está mudando, na boa. Está mudando, Marcos. Está mudando. Eu quero te agradecer, cara. Estou com lágrimas aqui, estou segurando, cara. Estou segurando e você está percebendo, porque... a gente tem que ser... o tema é: ser ouvido e compreendido. Esse é o tema, cara. Não só para mim. Eu não quero benefício próprio, eu não quero só convalescimento, eu quero que isso... que você absorva isso para ajudar outras pessoas, que estão começando ou que vão querer começar, ou que está... tem curiosidade... Meu, não tinha essa curiosidade de conhecer a cocaína. Que ela é traiçoeira. Ela é bonita, ela é branca, ela é transparente, mas... a sequelela dela é escura e vermelha, cara. É o fim da pessoa, cara. É o fim. Eu ainda estou agradecendo a Deus por ter força de falar isso, cara. Tem cara que protege tanto ela, cara. Que fala que ela é boa: "Não, ela é boa, cara, você está louco? Sem ela eu não vivo". Eu já cheguei a afirmar, Marcos, para amigos e amigas que já veio querer um sexo comigo, eu falei: "Meu...". Até para a polícia, eu fui abordado em serviço público essa semana, dentro de uma favela, que eu trabalho na área ali, tem que viver bem com a comunidade. Eu estava usando um banheiro e era uma boca. A viatura vinha passando, eu estava saindo com o carro oficial... carro, placa descaracterizada mas com a credencial dentro, é o carro do diretor. Aí eu pus os garotos no carro, para dar uma carona, aí a viatura... na hora que eu pus os garotos, saí do banheiro e os garotos lá tinham traficantes, lógico, mas a gente tem que tratar bem, porque eu estou todo dia na favela, a polícia só pára para bater e tomar dinheiro. Eu estou todo dia trabalhando, para melhorar o ambiente familiar deles, a moradia. Esse é o meu trabalho. Eu me orgulho do meu trabalho, Marcos. De ajudar os menos favorecidos, cara. Esse é o lado legal que eu tenho. Aí fui abordado por essa viatura, o policial: "Você está com esse carrão aí, com esses moleques dentro do carro, você está usando droga". Aí eu falei isso: "Policial, eu não estou usando droga, eu trabalho, a gente tem um convívio aqui, tem que tratar bem a

comunidade. Se eu tratar eles mal, amanhã tem uma reunião aqui, eu parar esse carro, eles vão riscar, vão cortar o pneu, vão perseguir... Então é... uma... é uma afinidade que a gente tem. É o convívio, ali na vizinhança. Tem que tratar eles bem para ser bem tratado, para a gente até poder trabalhar. Você é um policial, você sabe". "Não, já vou falar, você está fazendo... vou revistar o carro. Se eu achar droga eu vou te prender". Eu falei: "Você pode procurar droga, porque esse carro é do diretor, eu não... uso droga aqui, durante o meu trabalho". "Ah, você usa?". Eu falei: "Uso, eu vou confessar. Policial...". Ele mandou eu tirar o óculos: "Tira o óculos para falar comigo!". Eu falei: "Não tiro. Isso é constrangimento ilegal, eu estou em serviço, não vou tirar o meu óculos. "Você é folgado". Aí eu falei: "Não sou. Eu conheço os meus direitos, policial". "Mas você usa droga, você acabou de con... de afirmar". Eu falei: "Eu uso sim. Se você colocar uma mulher aqui, uma buceta..."; desculpa... essa palavra que eu mencionei, imencionável. Palavra... submersa nessa gravação. Desculpa. Foi o momento do nervosismo. Desculpa.

Pesquisador – Sem problemas.

Entrevistado – Eu falei: "Policial, se colocar uma mulher e a cocaína, eu dispenso a mulher e vou na cocaína, eu gosto mais que lasanha". "Não, você é folgado e arrogante!". Eu falei: "Você não gosta de ouvir a verdade. Aí essa é a verdade, policial. Só uso à noite, trabalho, trabalho em dois empregos, cuidado da minha família, eu tenho a guarda da justiça... das crianças. As crianças não sabem, não uso na frente deles. Nunca deixei perceber. Só que eu sou esse cara. O senhor não pode querer... só...". "Ah, vou te prender!". "Só se você forjar jogando droga aí no carro e falar que é minha, porque a sua mentira vale mais que a minha verdade. Para começar, que eu te falei que eu uso. Eu estou em serviço público. O senhor é que sabe". "É, esse carro... vou puxar seu DVC! Me dá sua identidade." Ele nem pediu funcional, que eu tenho funcional. Eu dei a identidade. Aí ele foi para o rádio, pegou minha identidade, aí ficou lá falando no rádio, aí lá do rádio ele gritou: "Você tem um vulgo?". Eu falei: "Vulgo não. Eu tenho nome e sobrenome. O que você viu, aí no rádio aí, é o meu finado irmão, que foi a primeira triagem no Pestana, no presídio, que era ladrão, 157, que roubava para ajudar esses da favela. Nunca foi... nós não... ele não

roubava para ficar rico e para ajudar a ele mesmo, ele ajudava os outros. Então esse aí é o cara que você viu no rádio aí, no... no... DVC, que você puxou aí e apareceu o meu irmão. Sobrenome e apelido é ele que tem, eu não tenho. Eu tenho nome. E... posso ir embora?". Aí ele me liberou. Mas para... quando ele me vê ele falou: "Eu vou te por na cadeia!". Ele ameaçou eu. "Olha, só se você forjar, policial, porque eu trabalho, conheço meus direitos. Isso é caso de saúde, policial". Eu falei isso para ele: "Isso é caso de saúde". Não chamei ele de senhor, que nem eles... "Policial, é caso de saúde". Frisei e afirmei isso. Para quando ele abordar outro, ele saber tratar também. Policial também tem que ser instruído na questão das drogas. Não pode chegar já reprimindo, batendo e criticando. Todo mundo está indo atrás da droga porque tem um motivo, cara. Tem um motivo ruim na vida, uma passagem amorosa desagradável, a perda de um querido, cachorro... um... "Perdi um..." Uma coisa que ele perdeu lá, que não consegue alcançar mais, ele vai atrás dessa porcaria, que é a cocaína e acaba tendo isso. Então tem que saber lidar também, na abordagem. Não pode chegar julgando, batendo e prendendo. A cadeia está cheia. Se tivesse um trabalho melhor nessa área, tinha menos gente na cadeia. Tinha mais gente na rua, tomando o seu remédio, entendendo, vivendo com isso. Mas eles não aceitam isso, eles querem só criticar. Quem sou eu para entrar na mente deles? Esse é o meu desabafo, é uma realidade que aconteceu comigo e é uma experiência que eu passei aí, esses dias, e é a vida de um cara que trabalha que... é... viu que o cara... acabei descobrindo... pela nossa colega, que eu fui pedir ajuda para ela lá e ela falou: "Eu não posso..."; a outra amiga estava me ajudando também... ficou pior que eu que a situação dela é bem pior, sabe, e... é difícil explicar. Eu agradeço ao meu amigo empresário, é o único que está me dando apoio, e você agora, e a minha mãe, e a minha irmã, que está ajudando a cuidar das minhas crianças... eu tenho suporte, ainda. Se eu não tivesse esse suporte, esse amigo que eu mencionei, que é o... a minha mãe, a minha irmã... eu acho que eu já teria... partido para... ou suicídio... sabe? Porque eu... se eu não tivesse isso, eu já tinha tentado desistir de viver... tentado de viver... tentado desistir de viver, cara. Eu já andei na estrada, na contramão. Eu fui o primeiro. Com esse carro que você viu aí. Eu tenho ele há vinte anos. Perdi minha mulher para uns cara, minha mulher perdeu a cabeça, abandonou o lar. Eu peguei, fiquei descontrolado, peguei o carro e fui na estrada na contramão. Abordado pela

rodoviária, aí prenderam o carro... aí quem foi me ajudar? O meu amigo foi lá e tirou meu carro, explicou... o Datena veio filmar, preservou minha imagem por eu ser servidor, para preservar minhas crianças... que eu já tinha a guarda, aí abafou... Eu perdi a habilitação, tive que tirar outra, resolveu, abafou. Mas é tudo sequela da... do desespero de não ter uma coisa que você tem. Que é a coisa que você perdeu. Então a droga não estava ajudando, eu procurei a morte. A morte... nem a morte me quis. Fui fazer um trabalho, para ele, da empresa, no Rio de Janeiro, como motorista, levar uns técnicos. Lá estava matando, sabe o quê? A dengue estava matando. E várias mulheres, gatas, bonitas... Você vê, eu fiquei lá e nem a dengue eu peguei, cara. Peguei ninguém, só trabalhei e... A mina que eu peguei lá, uma prostituta, linda maravilhosa. Quando eu entro no hotel... quando eu fui tirar a roupa dela o sutiã dela, estava cheio de droga. Acabei ficando... (Risada) em vez de catar a mina e seduzir, fiquei cheirando cocaína. Isso é horrível. Então hoje eu estou correndo e não aparece... lá é o veado, saquinho verde. E aqui é o amarelo, Pikachu. É horrível, cara. É de... é deprimante... é... inexplicável, Marcos. É inexplicável. É isso a minha vida, cara. Mas eu estive bem, hoje... Hoje eu estou um pouco melhor, eu estou me sentindo bem melhor e vou ser bem franco... Essa é a hora, quer ver, ó? Deixa eu ver que hora que é exato para você ter certeza do que eu estou mencionando. Vamos ver aqui no celular. São exatamente oito e dez, a hora que eu saio do trabalho. É a hora que eu vou atrás dela. Ou ela vem atrás de mim. Só que hoje vai ser diferente. Tenho certeza que... hoje é diferente. Hoje eu vou ter forças de falar um não para ela. Pela tua visita, cara, acredite nisso. Você acredite nisso... de eu... de você ter me dado a oportunidade de pôr isso, expor isso... voluntariamente, e... isso vai me a... já está me ajudando, cara. Parece que não é nada, para você vir até aqui, mas para mim, 46 anos, pai de três filhos, está sendo muito bom. É um passo para mim, cara. É um grande passo para mim... conseguir sair dessa, cara. Obrigado.

Pesquisador – Eu estou sentindo que você está querendo encerrar. Vamos encerrar?

Entrevistado – Não. Não. Eu vou encerrar só quando você determinar, cara. O privilegiado aqui está sendo eu, não você, cara. Obrigado. Tenho que valorizar o que você está fazendo. É muito importante para mim.

Pesquisador – Tem uma coisinha que me chama a atenção. Você fala do meu trabalho, para ajudar outras pessoas. Você fala da sua ajuda para outras pessoas. Como é que fica a sua ajuda para você próprio?

Entrevistado – *Olha, eu tenho certeza, Marcos, que para mim próprio, eu já comecei a ter ajuda a partir de hoje. Tanto espiritual, como material. Que o material é o teu trabalho, tua vinda aqui. Eu já estou tendo essa ajuda. Eu quero que você relate tudo o que você está relatando, o que você vê, o que você viu, vários maços de cigarro, pá. Você não viu o meu saco de cinza aí, tanta bituca que eu estou guardando, cara. Isso vai servir para você saber conversar com outra pessoa amanhã, cara. Isso... para mim é muito bom saber que você está observando... observando coisas importantes para poder amanhã saber lidar com isso. Sem julgar, sem criticar. Falar: “Pô, estou perdendo meu tempo com esse cara”. Isso nunca vai te bater na tua mente sabe por quê? Porque o momento que você tem alguém para falar sobre isso, para ajudar... Você, mesmo que você não queira ajudar, só de você estar ouvindo a pessoa, você está ajudando, cara.*

Pesquisador – Geralmente as pessoas não ouvem?

Entrevistado – (Nega com a cabeça)

Pesquisador – Geralmente não?

Entrevistado – *Não. As pessoas, quando começam a ouvir, começam a expor os problemas delas também, e aí mistura na mente da pessoa que vem te ajudar, que nem a minha amiga, acaba piorando. E fica uma puta amizade, entendeu, mas só que... não tem aquela ajuda. É por isso que a nossa colega se esquivou de me ajudar, por causa que estamos juntos. E você está diferente, você está observando coisas e está me ajudando sem perceber.*

Pesquisador – Como é que eu estou te ajudando?

Entrevistado – *Cara, eu estou falando para você francamente, eu não vou usar hoje. Por que que eu não vou usar hoje? Faz essa pergunta para você.*

Pesquisador – *Eu faço para você. Por que que você não vai usar hoje?*

Entrevistado – *Pô, cara. Porque eu sempre tenho isso fácil, como você já viu. Se eu sair agora na rua, eu vou ter. Só que hoje, por você estar aqui, descobrindo coisas, avaliando, analisando, pegando a experiência, você está aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. A me esquivar disso. Estou olhando nos teus olhos falando isso, cara. É, cara. Eu vou ter força de falar um não para isso hoje. Obrigado. É simples, é... parece simples, mas não é. Eu vou conseguir, falar um não é difícil. Principalmente, eu sou o cara que não consigo falar não para ninguém. Sou fã do Lulu Santos, gosto de gente fina, elegante e sincera. Gosto de gente que diz mais sim do que não, na música. Eu sou esse cara. Não sei falar não. Mas hoje eu consigo, porque eu estou tendo um suporte. O suporte chama-se... está aqui, olha. Está aqui. Marcos. O Marcos está aqui, é o suporte. Está aqui. Parece que não é um suporte, mas é. Eu tenho um, já, que é o meu amigo empresário. Tenho minha mãe. Eu me esquivo da minha mãe, me esquivo da minha irmã, que me ajuda, eu corro dos meus filhos. Até corro desse amigo. Mas hoje você me cercou, conversou... eu tenho você agora como suporte. Ah, eu estou indo lá, estou dirigindo, pô, estou querendo fazer um cavalo de pau. Não, o Marcos, tá... falou que... foi em casa. Pô, vai precisar de mim de novo. Aí eu não dou aquele cavalo de pau, você tá ligado? É. Às vezes estou dirigindo aqui, dá uma loucura, eu estou andando devagar e começo a correr, cara. Sabe, eu estou no sessenta e caio no cento e vinte. Eu vou em São Paulo, levar documento, eu sou o motorista piloto de lá. Com trânsito, eu faço em vinte minutos, praça da Sé e volto. Vou e volto. Dá para acreditar que eu faço isso em vinte minutos? Então, você está conversando com um louco. Acabou a fita.*

Pesquisador – *Vamos encerrar por hoje?*

Entrevistado – *Vamos, vamos.*

ANEXO III – REGISTRO FOTOGRÁFICO